



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS (ODEERE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM RELAÇÕES ÉTNICAS
E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC)

LUCAS RAMOS RUAS

IDENTIDADES ÉTNICAS DE JOVENS HOMOSSEXUAIS EM BARRA
DO CHOÇA – BA: FAMÍLIA, AUTOACEITAÇÃO E “SAÍDA DO
ARMÁRIO”

JEQUIÉ – BA

2021

LUCAS RAMOS RUAS

**IDENTIDADES ÉTNICAS DE JOVENS HOMOSSEXUAIS EM BARRA
DO CHOÇA – BA: FAMÍLIA, AUTOACEITAÇÃO E “SAÍDA DO
ARMÁRIO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Jequié.

Linha de pesquisa II: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Araújo Di Gregório.

JEQUIÉ – BA

2021

R894i Ruas, Lucas Ramos.
 Identidades étnicas de jovens homossexuais em Barra do Choça – Ba:
 família, autoaceitação e “saída do armário” / Lucas Ramos Ruas.- Jequié,
 2021.
 115f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações
 Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -
 UESB, sob orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Araújo Di Gregório)

1.Jovens homossexuais 2.Etnicidade 3.Famílias 4.Identidades
 I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 305.3

Rafaella Câncio Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

Título em inglês: Ethnic Identities of young homosexuals in Barra do Choça – BA:
 family, self-acceptance and “coming out of the closet”.

Palavras-chave em inglês: Young homosexuals; ethnicity; families; identities.

Área de concentração: Relações Étnicas, Gênero e Sociedade.

Titulação: Relações Étnicas, Gênero e Sociedade.

Banca examinadora: Prof.^a Dr.^a. Maria de Fátima Araújo Di Gregório (Presidente-
 Orientadora); Prof. Dr. Natalino Perovano Filho (FAC-CANDEIAS/UESB); Prof. Dr. Sandro
 dos Santos Correia (UNEB); Prof.^a Dr.^a Claudia de Faria Barbosa.

Data da defesa: 03 de agosto de 2021.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Relações
 Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC.

ORCID: 0000-0002-0801-1017

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0801-1017>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6448410334315028>

LUCAS RAMOS RUAS

IDENTIDADES ÉTNICAS DE JOVENS HOMOSSEXUAIS EM BARRA DO CHOÇA/BA: FAMÍLIA, AUTOACEITAÇÃO E 'SAÍDA DO ARMÁRIO'

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

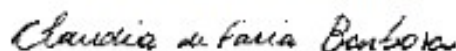
Linha de Pesquisa 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovado em: 03 de agosto de 2021.

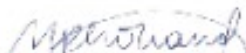
BANCA EXAMINADORA



Dra. Maria de Fátima Araújo Di Gregorio
Presidente da Banca/Orientador(a)



Dra. Claudia de Faria Barbosa (UESB)
Avaliadora interna



Dr. Natalino Perovano Filho (UESB)
Avaliador interno



Dr. Sandro dos Santos Correia (UNEB)
Avaliador externo

**JEQUÍÊ
2021**

A todos os jovens homossexuais que, cotidianamente, enfrentam a homofobia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo acolhimento. Agradeço também ao Órgão de Educação e Relações Étnicas por existir, e por ser um espaço de desconstrução e de aprendizado, em que abraça e dá voz a todos aqueles que foram silenciados durante muito tempo. Chegou a hora de contarmos e escrevemos nossas histórias. Essa luta é nossa!

Agradeço, de modo especial, a pessoa que acreditou em mim e me guiou durante esse ciclo, que de forma impecável me direcionou nessa trajetória, à minha orientadora Professora *Dr.^a Maria de Fátima Araújo Di Gregório*, o meu muito obrigado!

Aos professores *Dr. Sandro Correia* e *Dr. Marcos Lopes*, por terem aceitado o convite para compor a Banca de Qualificação e Defesa, a quem estendo o agradecimento também aos professores *Dr. Natalino Perovano Filho* e *Dr.^a Claudia de Faria Barbosa*. Agradeço pelos direcionamentos, pelas opiniões que foram fundamentais na construção desta dissertação.

Agradeço a todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – eternos orientadores de meu aprendizado, em especial, ao professor *Dr. Marcos Lopes de Souza*.

Agradeço com prioridade a Deus, por ter me dado à oportunidade de ingressar no Mestrado, e ter me agraciado com muita fé e determinação para prosseguir firme nessa trajetória.

Agradeço também ao meu doador. Que você esteja repleto de luz, ao mesmo tempo em que agradeço à sua família, que, mesmo no momento de luto, foi capaz de um ato de amor que me devolveu a vida. Se hoje estou aqui, há mais de cinco anos transplantado, sou eternamente grato a vocês.

Aos meus pais *Helena* e *Joaquim*, por terem sido meus alfas em toda minha caminhada. Sem o apoio de vocês eu não teria chegado a lugar nenhum. Obrigado pelos conselhos, pelos puxões de orelha, e por me amarem do jeito que eu sou. Amo muito vocês!

Às minhas irmãs *Elisândia* e *Eliana*, que sempre foram minhas referências na educação. Crescer com duas professoras em casa, me fez amar essa profissão e me tornar um professor apaixonado pela missão de educar e transformar vidas. Vocês são tudo para mim!

Aos meus amigos que me ajudaram direta ou indiretamente nessa etapa da minha vida: *Rose Aguiar, Hegly, Jaque Cunha, Poliana, Netta, Vanessa, Luana, Breno, Duda*, minha comadre *Érica, Samuel e Henrique*. Obrigado por vibrarem comigo nas alegrias, por ouvirem meus desabafos, e pelos rolês aleatórios.

Agradeço aos colegas que tive durante o Mestrado, amigos que caminham ao meu lado no dia a dia, em especial: *Juliana, Estela, Manu, Jaqueline e Luciano*, tudo se tornou mais leve com vocês. Não poderia deixar de registrar todo o meu agradecimento ao meu amigo *Léo*, que conheci pelo o *Facebook* durante o processo seletivo para ingresso no Mestrado, dividimos a casa durante um ano. Você se tornou um irmão, e obrigado por me aturar!

Sou grato aos colaboradores da investigação, que se dispusera em contribuir com a entrevista, acreditando no poder transformador da pesquisa.

*“Essa daqui é pra aquelas gay
Que no prezinho já sabia que era gay
A criançada apontava: ‘cê é muito gay’
Já brincava com as Barbie, ‘Teu filho é gay, eu bem que te avisei’.
É pra aquelas gay que num sabia bem porque era ruim ser gay
Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay
Já brigou com Deus ‘por quê me fizeste gay?’, queria ser alguém*

*Já não temas, gay
Aquilo que não mata fortalece um gay
Sente o quanto te empodera ter nascido gay
Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei
É que eu também sou gay*

*E levante, gay
Que a luta ainda não acabou pras gay
Que a nossa vitória vai ser o close, gay
E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gay é por ser
Gay”*

Gloria Groove

RESUMO

Intitulada de *Identidades Étnicas de Jovens Homossexuais em Barra do Choça – BA: família, autoaceitação e “saída do armário”*, esta dissertação tem por objetivo, compreender de que maneira vêm sendo construídas as identidades étnicas dos jovens homossexuais, perpassando pela autoaceitação até o que se denomina como “saída do armário”, na comunidade do distrito de Barra Nova, no município de Barra do Choça – Bahia. Especificamente, objetiva-se elucidar a história da instituição família e suas transformações ao longo do tempo; identificar as velhas e novas identidades construídas entre as diversas composições de família e sociedade; analisar como os jovens homossexuais lidam com suas identidades entre os marcadores sociais e a sexualidade e explicitar as fronteiras e formas de discriminação dos jovens homossexuais na comunidade. Ancorada no referencial teórico-metodológico que compreende autores como Bourdieu e Foucault, além da utilização da metodologia da História Oral (HO), foi possível a adaptação de duas vertentes cruciais para analisar as categorias desta pesquisa, quais sejam, Homossexualidade, Identidades, Etnicidades e Famílias. Por ser uma pesquisa social e empírica, esta vem ampliando o horizonte discursivo e frutificando os caminhos teórico-metodológicos da investigação entre antigos e novos cenários no âmbito da homossexualidade, tecendo teias conceituais para análise e compreensão do objeto de pesquisa. Com o uso de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos jovens homossexuais, que foram os colaboradores para esta pesquisa, a saber, *Mona, Poc, Bicha e Viado*, que apontaram resultados para a pesquisa, elucidando dados para a compreensão do problema estabelecido. Por meio da análise aqui realizada, compreendemos que a construção das identidades étnicas dos personagens colaboradores deste trabalho não é algo definido, pronto e moldado, mas ocorre com as vivências com os outros sujeitos em suas redes de relações interpessoais, seja na família, com os amigos, na escola, na faculdade ou na comunidade em que vivem. Estas, por sua vez, são uma produção social.

PALAVRAS-CHAVE

Jovens homossexuais; etnicidade; famílias; identidades.

ABSTRACT

Entitled *Ethnic Identities of Young Homosexuals in Barra do Choça - BA: family, self-acceptance and "outgoing of the closet"*, this dissertation aims to understand how the ethnic identities of young homosexuals have been constructed, passing through self-acceptance up to what it is called "outgoing of the closet", in the community of the district of Barra Nova, in the municipality of Barra do Choça – Bahia. Specifically, it aims to elucidate the history of the family institution and its transformations over time; identify the old and new identities built between the different compositions of family and society; analyze how young homosexuals deal with their identities between social markers and sexuality and explain the boundaries and forms of discrimination of young homosexuals in the community. Anchored in the theoretical-methodological framework that includes authors such as Bourdieu and Foucault, in addition to the use of the Oral History (OH) methodology, it was possible to adapt two crucial aspects to analyze the categories of this research, namely, Homosexuality, Identities, Ethnicity and Families. As it is a social and empirical research, it has been expanding the discursive horizon and giving fruit to the theoretical-methodological paths of investigation between old and new scenarios in the scope of homosexuality, weaving conceptual webs for the analysis and understanding of the research object. With the use of semi-structured interviews applied to young homosexuals, who were the collaborators for this research, namely, Mona, Poc, Bicha and Viado, who pointed out results for the research, elucidating data for the understanding of the established problem. Through the analysis carried out here, we understand that the construction of the ethnic identities of the characters collaborating in this work is not something defined, ready and molded, but it occurs with the experiences with other subjects in their networks of interpersonal relationships, whether in the family or with the friends, at school, college, or in the community in which they live. These, in turn, are a social production.

KEYWORDS

Young homosexuals; ethnicity; families; identities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distrito de Barra Nova	70
Figura 2 – Bairro Edgar Brito no Distrito Barra Nova	71
Figura 3 – Centro do Distrito de Barra Nova	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados dos colaboradores	73
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
Art.	Artigo
BA	Unidade Federativa da Bahia
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
Cf.	Confira
Dr	Doutor
Dr ^a	Doutora
HO	História Oral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQ+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis/trans, <i>queer</i> , entre outros/as.
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPGREC	Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade
Prof.	Professor
Prof. ^a	Professora
Séc.	Século
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - AS FAMÍLIAS E A HOMOSSEXUALIDADE: ORGANIZAÇÕES E COSTUMES	19
1.1 Primeiros grupos e suas interações sociais e afetivas	19
<i>1.1.1 Práticas homossexuais greco-romanas</i>	<i>21</i>
<i>1.1.2 A Idade Média e os interditos religiosos</i>	<i>25</i>
<i>1.1.3 Família e Homossexualidade: crenças medievais e o advento de novos pensamentos</i>	<i>28</i>
1.2 Ideias sobre a família brasileira	35
CAPÍTULO II – HOMOSSEXUALIDADE: POLÍTICAS DE IDENTIDADES	44
2.1 O ser homossexual e a política de identidades	44
2.2 O preconceito e a intolerância	55
CAPÍTULO III – AUTOACEITAÇÃO E “SAÍDA DO ARMÁRIO”	60
3.1 A autoaceitação e a dor social	60
3.2 A “saída do armário” e os desafios de jovens homossexuais	64
3.3 Os percursos de aceitação e/ou rejeição	67
CAPÍTULO IV – PESQUISA “IN LÓCUS”: COMUNIDADE BARRA NOVA NO MUNICÍPIO DE BARRA DO CHOÇA – BAHIA	69
4.1 Os caminhos da pesquisa	69
4.2 As entrevistas realizadas	72
4.3 Narrativas do “eu” e “os outros”	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	103
Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido	103
Apêndice B – Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos	105
Apêndice C – Roteiro para as entrevistas semiestruturadas	106
ANEXOS	107
Anexo A – Declaração de compromissos	107
Anexo B – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos	109
Anexo C – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESB	110

INTRODUÇÃO

Nesse lugar me sinto isolado
Reprimido, ou até mesmo não amado
Mas a esperança é que um dia
Não vou estar nesse lugar gelado

Do lado de fora vejo meu futuro
No qual eu já saí do escuro
Me vejo seguro, com liberdade
Mas acima de tudo, minha felicidade (Trancado).

Esta dissertação se inicia parafraseando um jovem que se reconhece como Trancado, na esperança, assim como ele, de que este trabalho intitulado *Identidades Étnicas de Jovens Homossexuais em Barra do Choça – BA: modelos de famílias, autoaceitação e “saída do armário”*¹ chegue a muitos leitores. **Objetiva-se, principalmente,** compreender de que maneira vêm sendo construídas as identidades étnicas dos jovens homossexuais, perpassando entre os modelos de família, de autoaceitação e o que se denomina de “saída do armário” na comunidade conhecida como Barra Nova no município de Barra do Choça – Bahia.

A pesquisa busca contribuir para a Linha II do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade – Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequié – BA, na construção de conhecimento científico, visando a quebra de estereótipos e estigmas em relação à homossexualidade, buscando compreender como se dá a construção das identidades dos jovens homossexuais em meio aos impasses encontrados na comunidade em que vivem.

Inicialmente, a temática teve como motivação a identidade étnica do pesquisador, o qual é homossexual. Desde que seus desejos afetivos e sexuais começaram a aflorar, várias questões começaram a emergir, principalmente pela sociedade (re)produzir normas e padrões a respeito das sexualidades. E assim, surgiu o interesse em aprofundar os estudos nas categorias homossexualidade e identidade, visto que, muitas famílias não estão preparadas para acolher um membro homossexual, o que acarreta sérias consequências na vida dessas pessoas. Assim, se nem as famílias nem a sociedade conseguem lidar com este contexto ainda, faz-se necessário refletir, pesquisar e problematizar como estão sendo construídas as identidades desses sujeitos para que este quadro possa se modificar dia a dia.

A homofobia vista como um termo que se refere à aversão ou ao ódio irracional aos homossexuais tem sido um imperativo para pesquisas, sendo que a discriminação e a

¹ O título da Dissertação passou por uma alteração após a pesquisa em campo e as análises, e hoje se encontra alterado do qual consta no Parecer de aprovação do CEP/UESB.

violência se materializam com práticas de opressão e humilhações àqueles que têm orientação sexual diferente da heterossexual, muitas vezes podendo ser expressa de modo velado e com atitudes preconceituosas. A homofobia está presente no trabalho, na escola, na família, através de atitudes que levam à injustiça e à exclusão, ferindo a dignidade humana.

A pesquisa em questão foi realizada na comunidade de Barra Nova situada no município de Barra do Choça – BA, local de naturalidade e de residência do pesquisador. Encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Plataforma Brasil, com CAAE: 25829119.9.0000.0055, de acordo com a Resolução 510/2016 do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB. Todos os participantes foram informados e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo está anexo.

Para tanto, delimita-se os seguintes **objetivos específicos**: elucidar a história da família e da homossexualidade ao longo dos tempos; identificar as velhas e novas identidades construídas entre as diversas composições familiares e sociais; analisar como os jovens homossexuais lidam com suas identidades entre os marcadores sociais e a sexualidade; explicitar as fronteiras e formas de discriminação dos jovens homossexuais na comunidade.

Nesse viés, busca-se refletir sobre os elementos identitários transmitidos por gerações na comunidade representa perceber, além das referências simbólicas, dos significados e das funções sociais presentes, os mecanismos sociais que possibilitam a construção das identidades étnicas que estão subjetivamente postas em emoções, valores construídos no cotidiano desses jovens, analisando a etnicidade através das redes de solidariedade para lutar pelos direitos, delimitando um mapa cartográfico do social vivido pelos jovens homossexuais.

A pesquisa vem ampliando o horizonte discursivo e frutificando os caminhos teórico-metodológicos da investigação entre antigos e novos cenários, as teias conceituais para análise e compreensão do objeto de pesquisa.

Explicita-se aqui a tessitura, ou seja, os fios condutores da dissertação, aportando-se em leituras sugeridas pelo Programa do Mestrado, com recorte na metodologia da História Oral (HO) como método e técnica, abrindo espaço para o uso de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos jovens homossexuais moradores da comunidade que apontaram dados para a pesquisa, isso com base em Minayo (2004) quando ressalta que o objeto é sempre algo complexo, contraditório, inacabado e em permanente transformação. Adotou-se a observação de participantes no grupo homossexual jovem da comunidade de Barra Nova para coleta e análise das falas.

De acordo com Portelli (1997), a História Oral é uma ciência e arte do indivíduo com aportes em grupos étnicos. Embora diga respeito – assim como a Sociologia e a Antropologia

– a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma.

Na utilização das falas dos jovens homossexuais, atendendo à solicitação do Conselho de Ética, estabeleceu-se o critério de não identificar seus nomes. Assim, os registros são assinados por codinomes e considera-se as observações do diário de campo, com nomes fictícios que se reportam às narrativas, conforme acordo descrito no Termo de Consentimento Livre e Declarado (TCLE), que recomenda que seus nomes sejam preservados.

Na comunidade LGBTQ+, algumas mudanças aconteceram no decorrer dos últimos anos e uma delas foi transformar ofensa em deboche, como eles mesmos gostam de referir “porque aqui é choque de monstros”. Independente de qual seja o motivo, ser chamado por estranhos de “viado” ou “bicha”, para os gays são ofensivo e invasivo. Porém, entre LGBTs, com o passar do tempo, esses termos começaram a ser usados como gírias ou brincadeiras, sem nenhum intuito de agredir ou constranger. Diante disso, as falas dos quatro jovens homossexuais, colaboradores da pesquisa, serão representadas por *Bicha*², *Poc*³, *Mona*⁴ e *Viado*⁵, garantindo o sigilo que a pesquisa impõe.

Os textos estão ancorados nos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu, a fim de analisar o posicionamento da reprodução de uma cultura dominante, e por outro lado, teremos a análise de descontinuidade histórica apresentada por Michel Foucault, assim, proporcionando duas vertentes que serão cruciais ao analisar as categorias desta pesquisa, tais como: Homossexualidade, Identidades, Etnicidades e Famílias.

Quanto ao aporte teórico para o estudo das categorias homossexualidade, a saber, identidade, etnicidade e família, foram necessárias as propostas de leituras realizadas no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, para que o tema não se exaurisse. Foi uma verdadeira contextura durante as aulas do Programa de Mestrado aliadas às pesquisas de campo.

A categoria **Homossexualidade** foi estruturada essencialmente por Foucault (1983/2014), Fry, Peter & Macrae (1985), Lasso (2002) e Vecchaitti (2008) Já para

2 Termo surgiu como ofensa aos homossexuais, atualmente os LGBT's usam para designar os homossexuais masculinos passivos.

3 O termo surgiu para designar os gays mais pobres, mas se tornou uma gíria para definir um homossexual.

4 Termo usado para designar um homossexual afeminado.

5 O termo aparece no dicionário como uma forma antiga de lã, com riscas ou veios. Porém, a palavra ‘viado’ para designar homossexuais tem duas vertentes de origem: uma que acredita que o termo teria vindo das palavras ‘desviado’ e ‘transviado’, tratando de pessoas que fogem da normalidade, ou teria originado da palavra ‘veado’, usada para designar um animal mamífero, veloz, delicado e tímido.

compreender a categoria **Identidade** foi preciso o apoio dos seguintes autores: Bauman (2003), Cardoso de Oliveira (1976), Carneiro da Cunha (1986) e Hall (1998).

A categoria **Etnicidade** teve o aporte de autores como Philippe Poutignat & Jocelyne Streiff-Fenart (1998) e Fredrik Barth (2000). E para organizar e compreender a categoria **Família** foram necessários os aportes dos seguintes autores: Almeida (1987) Dias, Costa e Rangel (2005) Singly (2007) Roudinesco (2003), Corrêa (1983), Da Matta (1987), Samara (1983/2002) e Van Hacker (1994).

Alguns pressupostos foram levantados para a pesquisa, tais como: **os jovens homossexuais têm enfrentado situações e conflitos no reconhecimento da orientação sexual diante das famílias e da sociedade em geral. E a figura do pai tem sido um marcador que influencia diretamente nas construções das identidades destes sujeitos, porém podem se tornar um problema ao descobrirem a homossexualidade do filho.**

Pierre Bourdieu (2002), em sua obra *A Dominação Masculina*, alerta o leitor sobre o fato de estarmos inseridos em padrões inconscientes de estruturas históricas da ordem masculina, e que, portanto, nosso olhar volta-se para a análise dos papéis do pai e da mãe na aceitação da identidade desses jovens. Ora, o papel da mãe é o de quem deve apoiar e proteger sempre que necessário. Isso porque em famílias em que não há o respeito à orientação sexual do filho, o que se torna comum é que o homossexual não se identifique como tal, ou essa busca pela identidade acaba se tornando tardia, pois há o medo de sofrer rejeição e julgamentos pelos familiares, amigos e até mesmo no convívio social, culminando em tragédias de diversas formas como a expulsão de casa, o suicídio dentre outras possibilidades.

A análise abrange tanto a identidade homossexual como a étnica, haja vista que estão subjetivamente postas e possuem uma dinâmica que pode ser explicada a partir das relações com outras pessoas, desde os de casa aos outros da sociedade que rodeia cada um deles. Nesse sentido, estigmas relacionados aos jovens, brincadeiras, nomenclaturas acabam implicando em intolerância, discriminação, ódio e violência. Considerando essas categorias, entendemos como construções sociais impostas por um discurso entre família e sociedade opressoras e a favor das masculinidades. Lembrando que ao lançar a categorização homossexualidade, o corpo é visto como uma construção cultural que representa valor no mundo homossexual, assim como também é usado como signo de distinção e hierarquia.

No decorrer do tempo, considerando a variedade de culturas, as relações sociais diante da homossexualidade, atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo, alteraram as condições de aceitação, tolerância e até de rejeição. Organizações feministas e LGBTs, a partir da década de 1960, fortaleceram suas reivindicações, através do diálogo com a

sociedade civil e da pressão junto ao Estado, na busca de políticas públicas para a proteção e seguridade dos direitos das minorias. Ainda assim, em pleno século XXI, a discussão em torno das sexualidades causa estranheza na sociedade. Os adolescentes que sentem atração e afetividade por outra pessoa do mesmo sexo/gênero sentem-se inicialmente diferentes da maioria do grupo.

Todavia, as famílias nem sempre estão preparadas para lidar com a situação de aceitação imediata e sem restrições. Afinal ao revelar a homossexualidade, este “sair do armário”⁶ pode causar uma repulsa familiar em relação aos papéis socialmente estipulados. A expressão *sair do armário* foi uma junção de duas expressões do inglês, na verdade seria *come out* (sair) mais *skeletons in the closet* (esqueletos no armário) – que sempre foi sinônimo de algo que envergonha por fugir da normatividade social, em que os papéis são pré-concebidos. Por isso, torna-se importante que diálogos aconteçam com franqueza, porém, dificilmente, os pais já saberiam acerca da sexualidade do filho ou que vão entender logo de imediato a situação, já que a homofobia na família, ainda é uma das principais causas que levam jovens homossexuais a diversas crises.

Diante da revelação aos pais, é difícil imaginar o receio da avaliação, das imposições de papéis, sendo sempre algo inesperado. O medo de perder o apoio e o respeito dos familiares, de enfrentar uma sociedade com toda sua gama de discriminação, preconceito e normatividade é sempre algo muito complexo.

Louro (2004, p. 19)⁷ afirma que “na contemporaneidade, multiplicaram-se os grupos, os sujeitos e os movimentos, as maneiras de se identificar com gêneros e de viver na sexualidade”, sendo assim, surgiu a ideia de investigar os jovens homossexuais com idade entre 18 e 25 anos, dando voz a suas trajetórias de vida. Com o objetivo de, a partir das narrativas destes sujeitos, obter uma definição de como se dão as fronteiras étnicas entre os jovens homossexuais na interface da família e da sociedade e levando em consideração as vastas composições de famílias analisadas nesta pesquisa, pensar como estes jovens lidam com a orientação sexual, que no caso aqui é a homossexualidade.

Desse modo, esta dissertação conta com seis (6) capítulos, incluído a introdução, e está estruturada da seguinte maneira: **Introdução**, delimitando o tema e apresentando a revisão teórica-metodológica. Em seguida, no primeiro capítulo, intitulado **As famílias e a homossexualidade: organizações e costumes** trata-se de elementos conceituais da literatura

6 Foi nos Estados Unidos, lá no início do século XX que a expressão “sair do armário” começou a ser usada. Naquela época ela se referia às debutantes, em suas festas de 15 anos.

7 Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e uma das principais referências na área de Estudos de Gênero e Educação.

específica sobre modelos de família através do tempo, neste capítulo estão as seções **1.1 Primeiros grupos e suas interações sociais e afetivas**, **1.2 A idade média e os interditos religiosos**, **1.3 Família e homossexualidade: crenças medievais e o advento de novos pensamentos** e **1.4 Tecendo ideias sobre a família brasileira**.

No segundo capítulo, denominado de **Homossexualidade: políticas de identidades**, aborda-se as identidades entre antigos e novos cenários da homossexualidade, entre as relações de família e escola, traçando um perfil histórico acerca da discriminação, violência e exclusão, as quais muitas pessoas estão sujeitas por causa da sua orientação sexual. As seções **2.1 Ser homossexual e a política de identidades** e **2.2 O preconceito e a intolerância** compõem este capítulo.

O terceiro capítulo aborda **A autoaceitação e a “saída do armário”** e os percursos passionais de aceitação ou rejeição. A rejeição – acadêmica, amorosa, profissional – sendo processos dolorosos que aparecem como um dos piores sentimentos que se possa experimentar (relatos de jovens). A sua materialização na vida pública, a exclusão, atualmente é chamada pelos especialistas de “dor social”. No ambiente de não-aceitação, ou na ausência do sentimento de pertença, o homem é nocivo para si próprio, para a espécie e para o mundo. Nesse capítulo estão as seções **3.1 A autoaceitação e a dor social**, **3.2 a “saída do armário” e os desafios de jovens homossexuais** e **3.3 Os percursos de aceitação e/ou rejeição**.

O quarto capítulo intitulado **Pesquisa “in lócus”: comunidade Barra Nova no município de Barra do Choça – Bahia** é composto pelas seções **4.1 Os caminhos da pesquisa**, **4.2 As entrevistas realizadas** e **4.3 Narrativas do "eu" e os outros**. Foi destinado para os relatos da pesquisa *in lócus* na comunidade dos jovens homossexuais, um espelho de vivências, mostrando os caminhos da pesquisa e descobertas.

Por fim, o último capítulo com as **Considerações Finais**, com tessituras que respondem à questão norteadora da pesquisa. Ainda apresentamos as **Referências** utilizadas na pesquisa, os **Apêndices** e os **Anexos**.

CAPÍTULO I - AS FAMÍLIAS E A HOMOSSEXUALIDADE: ORGANIZAÇÕES E COSTUMES

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo [...] (BOURDIEU, 2002, p. 15).

1.1 Primeiros grupos e suas interações sociais e afetivas

Para adentrar na temática em discussão, faz-se necessário salientar que a ideia de esquemas de pensamento, de sistematização do que é igual ou diferente vai caminhando em tempos e espaços, nas formas de organização e compreensão de traços e formas familiares. Guiado pela teoria evolucionista, Lewis Morgan (1877), quando este dividiu a humanidade em três períodos: selvageria, barbárie e civilização, relata que aconteceram sequências de tempos e grandes concentrações de pessoas que viviam em comuna que eram segregados a partir de crenças, valores e costumes (MORGAN, 1877).

Dentro dessa perspectiva das comunidades primitivas, vale salientar que nesse período compreendido como da selvageria e da barbárie, os grupos se subdividiam em *status* inferior, intermediário e superior e em rituais que foram representados pela arte e formas de viver e se relacionar sem nenhum parâmetro que não fosse o humano com instintos.

Morgan (1877) enumerou em seus estudos, seis estágios de desenvolvimento da família: *a)* estado selvagem - seria o comércio sexual sem obstáculos; *b)* família consanguínea - fundada sobre o intercasamento de irmãos e irmãs, carnais e colaterais, no interior de um grupo; *c)* família punaluaana - baseada no casamento de várias irmãs, carnais e colaterais, com os maridos de cada uma das outras, no interior de um grupo; os maridos comuns não eram necessariamente parentes de um grupo; *d)* família sindiásmica ou de casal - onde existia o casamento entre casais individuais, mas sem obrigação de coabitação exclusiva; o casamento prosseguia enquanto ambas as partes o desejassem; *e)* família patriarcal - fundada sobre o casamento de um só homem com diversas mulheres era geralmente acompanhada pelo isolamento das mulheres, e *f)* família monogâmica - estribada no casamento de casais individuais, com obrigação de coabitação exclusiva.

Morgan (1877) ainda conclui em seus estudos que havia uma espécie de promiscuidade sexual entre os indivíduos das tribos em que pesquisou e arquétipos bem

definidos que tinham práticas esporádicas sem companheiros(as) fixos(as) e sexo anal como forma de prazer. Sob este olhar, argumenta Fredrich Engels (1986):

A concepção tradicional conhece apenas a monogamia, ao lado da poligamia do homem e talvez da poliandria de uma mulher, silenciando – como convém ao filisteu moralizante – sobre o fato de que na prática aquelas barreiras impostas pela sociedade oficial são tácita e inescrupulosamente transgredidas. O estudo da história primitiva revela-nos, ao invés disto, um estado de coisas em que os homens praticam a poligamia e as suas mulheres a poliandria, e em que, por consequência os filhos de uns e outros tinham que ser considerados comuns. É esse estado de coisas, por seu lado que, passando por uma série de transformações, resulta na monogamia. Essas modificações são de tal ordem que o círculo compreendido na união conjugal comum, e que era muito amplo na sua origem, se estreita pouco a pouco até que, por fim, abrange exclusivamente o casal isolado, que predomina hoje (ENGELS, 1986, p. 66).

A monogamia foi se definindo como uma construção humana que se deu através do tempo e de maneira lenta entre os grupos, como forma de normatização. No início, não havia a obrigatoriedade de exclusividade, e a promiscuidade predominava nos grupos pré-históricos. Essa prática foi se instituindo. Isso reforça que não só o comportamento humano, mas também nossas identidades, incluindo a moralidade e as afeições, devido à evolução somada com a intervenção do eu/nós e no meio, são mutáveis.

Na Antiguidade, os grupos macedônios viviam da agricultura e do pastoreio e suas formas de se relacionar passam a ser impostas com seletividade ligada às organizações sociais. Nesses tempos, a prostituição era regulamentada, o divórcio começou a existir e havia até deuses do sexo documentados e venerados. Na Mesopotâmia, estudos mostram que os reis Zimri-Lim e Hammurabi da Babilônia, tinham amantes homens semelhantes a esposas (ESKRIDGE, 1993, p. 1439).

Ora, os costumes mesopotâmicos no que diz respeito às relações entre pessoas do mesmo sexo encontram-se na mitologia, no épico em que se conta o relacionamento entre Gilgamesh, o grande e o soberano de Uruk, e Enkidu, um homem criado pelos godos para divertir Gilgamesh, que se tornou seu amante (ESKRIDGE, 1993, p. 1437). Contudo, o princípio da formação da Grécia Antiga foi através dos clãs, em que a união dos indivíduos se estruturou com base no parentesco.

1.1.1 Práticas homossexuais greco-romanas

Os bárbaros consideravam-se gregos, mas os gregos os consideravam bárbaros, isto é, estrangeiros, apesar de os dois povos possuírem língua e costumes comuns. Através dos clãs, possibilitou a formação das *polis*, que ficaram conhecidas como cidades-estados. Estas tinham uma organização e mecanismos políticos bem diversos, sendo uma das características a independência política uma das outras, porém se assemelhavam em razão ao aspecto cultural, sobretudo quanto à língua e os costumes (LIBERTATI, 2005).

Assim, os helenos viviam entre uma sociedade patriarcal, com características que se aproximam do período colonial da história do Brasil, onde as mulheres possuíam uma vida reclusa, submissa, voltada aos afazeres domésticos. Acerca do lugar feminino na Grécia Antiga, Van Acker (1994) comenta:

No espaço das cidades, as mulheres das classes mais elevadas não precisavam trabalhar, circulando por ela quase só nos dias de festa, pois, para os gregos, homens e mulheres ocupavam espaços muito distintos, à semelhança dos deuses Héstia e Hermes. Héstia era relacionado sobretudo com a lareira no centro das casas; e Hermes, o protetor dos mensageiros, estava sempre colocado na soleira das portas, ligado, portanto, ao lado exterior, ao mundo das conquistas, do comércio e do trabalho fora de casa (VAN ACKER, 1994, p. 21).

Dando continuidade, para comprovar os seus argumentos a autora Van Acker (1994) utiliza um trecho da obra do autor Xenofonte do século IV a.C., que traz o seguinte relato:

[...] eu te escolhi e teus pais me escolheram entre outros partidos. E nós cuidaremos de educar nossos filhos da melhor maneira possível, pois teremos a felicidade de encontrarmos nele os defensores e nutridores da nossa velhice. [...] Eu penso que os deuses escolheram o casal que chamamos macho e fêmea a partir de uma reflexão, e para o bem da comunidade. Em primeiro lugar os casais se unem para procriar; depois, entre os humanos, os pais, quando velhos serão alimentados pelos filhos; e como os homens não vivem ao ar livre como os animais, precisam de abrigos. E se os homens querem ter coisas para trazer para seus abrigos, precisam fazer trabalhos ao ar livre, de onde se traz o que é necessário para a vida, a agricultura e a criação de animais. E quando as provisões chegam ao abrigo, é preciso de alguém para conservá-las. Há outros trabalhos que só podem ser feitos em lugares fechados: cozinhar, tecer e educar as crianças. Ora, como essas duas funções, do interior e exterior, exigem atividade e cuidado, os deuses tornaram a natureza da mulher própria aos trabalhos do interior, e a do homem própria para os trabalhos do exterior. (XENOFONTE, séc. IV a.C. *apud* VAN ACKER, 1994, p. 21).

Fica evidente nesta última citação, que a cultura da supremacia do homem era preponderante nessa época. Aliás, a religião também esteve relacionada a todas as instituições e aspectos sociais e culturais existentes na sociedade, onde padrões de comportamento eram definidos, e a família é incluída como marca de um tempo e com os seus costumes. A família era a motivação e a explicação para todo o estilo de vida deste povo, sendo a sua verdadeira base de cultura que tinha as práticas sexuais como a pederastia, que é o relacionamento entre homens mais velhos e jovens que tinha o papel central na sociabilidade grega, mostrando diferenças entre valores e grupos que viviam na antiguidade.

Sócrates (469-399) era adepto do amor homossexual, pregava que o amor entre iguais era a melhor forma de inspiração e o sexo heterossexual, por sua vez, servia apenas para procriar.⁸ Alexandre, o Grande, era amante de Hefastião, seu braço direito e ocupante de um importante posto no exército. Após a morte de Hefastião, na volta de uma ida à Índia, Alexandre caiu em desespero por vários dias, fazendo questão de dirigir a carruagem fúnebre, decretando luto oficial em seu reino. Júlio César conhecido por ter sido ditador da República Romana e amante de Cleópatra, também teve, aos 19 anos, um relacionamento com o rei Nicomedes (LIBERTATI, 2005).

Para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos que os protegiam e abriam espaços na *polis*, absorvendo assim suas virtudes e conhecimentos da filosofia. Após os doze anos, desde que o garoto concordasse, transformava-se em um parceiro passivo até por volta dos dezoito anos, com a aprovação de sua família. Geralmente, aos vinte e cinco anos, tornava-se um homem e aí se esperava que assumisse o papel ativo na *polis*.

Retratada em diversos objetos cerâmicos, a prática homossexual naquele contexto era vista como algo pedagógico, um ritual pelo qual todo jovem precisava passar. Embora a homossexualidade entre jovens e velhos fosse considerada normal, as relações entre homens da mesma idade eram um escândalo, por não exercer função social. Entre os espartanos, a questão da homossexualidade girava em torno de implicações de força e poder.⁹

No ano de 375 a.C., o mundo grego vislumbrava uma terrível derrota do exército Espartano na Batalha de Tegyra. As tropas espartanas, que contavam com pelo menos mil homens, foram atingidas por uma pequena tropa de apenas 300 pessoas, conhecida como o “Batalhão Sagrado de Tebas” ou “Banda Sagrada de Tebas” que era um grupo de jovens

⁸ Cf. em: <https://revistadesvio.com/2019/05/29/a-normalizacao-da-homossexualidade/> Acesso em: abr. 2020.

⁹ Cf. em: <https://www.historiadomundo.com.br/grega/o-exercito-homossexual.htm>. Acesso em abr. 2020.

vistosos e ao mesmo tempo amantes homossexuais, entre seus 150 pares excepcionalmente bem treinados.

O confronto com esse grupo deu-se próximo ao santuário do Oráculo de Apolo, e os homens de Tebas, liderados por Pelopidas, foram atacados pela grande unidade espartana. A batalha parecia perdida, mas, no entanto, Pelopidas ordenou que seus cavaleiros atingissem o flanco exposto do inimigo e agrupassem seus hoplitas em uma formação de unidade compacta, que parecia invencível. Eles quebraram a linha inimiga matando rapidamente seu líder, e os Espartanos foram banidos de Tebas. A prostituição e a homossexualidade eram práticas comuns, mas havia leis severas para punir abusos e falta de consentimento.

No contexto dessa comunidade grega, os relacionamentos eróticos entre homens e rapazes, frequentemente um mestre e seu aprendiz, constituíam parte importante da sociedade grega e parte da educação. Registros mostram que o estabelecimento desse exército é creditado a Georgidas, chefe oficial da Beócia, que teria selecionado pessoalmente os casais da Banda. Nesse grupo, cada um era um Erastes (o mais experiente, ou Amante) e um Eromenos (o aprendiz, ou Amado), com idades não tão conflitantes. Habilidade lutadores, eles eram pagos para proteger a cidade e abater os melhores combatentes inimigos, como foi o caso com os Espartanos.

A profunda conexão entre dois homens era interessante para o campo de batalha. Segundo o filósofo grego Plutarco, no livro *A Vida de Pelópidas*, “[...] um grupo cimentado pela amizade baseada no amor é inquebrável e invencível, já que os amantes, envergonhados de serem fracos à vista de seus amados, e os amados diante de seus amantes, de bom grado se arriscam para o alívio um do outro (PLUTARCO, s/d)¹⁰.

Ao invés de resultar em uma ideia de comportamento frágil ou feminino, a homossexualidade ganhava outro tratamento. Nesse ponto, temos que levar em consideração que as mulheres espartanas eram vigorosas e, conseqüentemente, também estariam longe dos estereótipos mais conservadores da mulher contemporânea. Um dos mais contundentes exemplos desse traço da cultura espartana pode ser visto na figura do general Pausânias¹¹. Na qualidade de sucessor do rei Leônidas foi líder militar, defendeu a prática homossexual como

¹⁰ Disponível em: <https://www.portalviu.com.br/arte/da-grecia-aos-homens-de-esparta-e-ao-cristianismo-o-amor-nas-diferentes-interpretacoes> Acesso em: jun. 2021.

¹¹ Pausânias (? — 470 a.C.), filho de Cleômbroto, foi um general espartano, líder das forças gregas na Batalha de Plateias. Posteriormente, ele foi acusado de trair os espartanos, sendo condenado à morte. Ele nunca se tornou rei, mas seu filho Plistóanex sim, sucedendo Plistarco.

sendo uma forma de expressão amorosa superior. Todavia, fazia questão de criticar severamente esse mesmo costume entre homens que fossem de uma mesma faixa etária¹².

Essa realidade não só se limitou a população grega, pelo contrário, os romanos se dispuseram da mesma linha de comportamento, até pela influência que tiveram da cultura grega. Por isso é comum os historiadores e outros estudiosos afirmarem que Roma conquistou a Grécia militarmente, mas a Grécia veio a conquistar Roma culturalmente.

Varela (1999) pontua o seguinte sobre a família romana:

Em diversos aspectos, a organização familiar da população romana se afasta, efetivamente, da família contemporânea, assente no vínculo matrimonial e nos laços de sangue, e se aproxima bastante, pelo contrário, da estrutura própria do Estado soberano. A família romana compreendia todas as pessoas que se encontravam sob a autoridade – a *potestas ou a manus* – do mesmo chefe, que era o *paterfamilias* (VARELA, 1999, p. 44).

O *pater* se referia ao chefe do grupo familiar, em que o mesmo gozava de grandes poderes. Vale ressaltar, que o *pater* da citação acima não se refere à figura paterna nos moldes tal como se conhece atualmente, mesmo que a nomenclatura possa nos passar essa falsa noção, como naquele período o *pater* exercia extensos poderes, e por essa razão Varela (1999) o assemelhou a uma figura estatal. Ao passo que os gregos reverenciavam a conduta homossexual, enquanto negação ao aspecto feminino, e os romanos viam no sexo ativo apenas mais uma forma de demonstrar seu poder. Já os cristãos, iriam rejeitar os homossexuais enquanto negação ao próprio aspecto feminino enrustido em cada homem. Inicialmente, preocupada apenas com a boa imagem de sua instituição, a recriminação da homossexualidade se dava apenas administrativamente, de forma a controlar esse instinto que tornava seus membros tão próximos da feminilização.

O judaísmo já pregava que as relações sexuais tinham como único fim a máxima exigida por Deus: ‘Crescei e multiplicai-vos’. Até o início do século IV, essa ideia, porém, ficou restrita à comunidade judaica e aos poucos cristãos que existiam. Nessa época, o imperador romano Constantino converteu-se à fé cristã e, na sequência, o cristianismo tornou-se obrigatório no maior império do mundo. Como o sexo passou a ser encarado apenas como forma de gerar filhos, a homossexualidade virou algo antinatural. Data de 390, do reinado de Teodósio, o Grande, encontra-se o primeiro registro de um castigo corporal aplicado em gays.

O primeiro texto de lei proibindo sem reservas a homossexualidade foi promulgado em 533, pelo imperador cristão Justiniano que vinculou todas as relações homossexuais ao

12 Disponível em: <https://orgulhoepreconceitomeublog.blogspot.com/> Acesso em: jan. 2021.

adultério para o qual se previa a pena de morte. Mais tarde, em 538 e 544, outras leis obrigavam os homossexuais a arrependem-se de seus pecados e a fazer penitência. O nascimento e a expansão do islamismo, a partir do século VII, junto com a força cristã, reforçaram a teoria do sexo para procriação¹³.

1.1.2 A Idade Média e os interditos religiosos

Com a queda do Império Romano do Ocidente deu início ao período conhecido como Idade Média. Nesse período a família muda consideravelmente suas características, principalmente por causa do Cristianismo. Com a emergência do Sistema Feudal somada com a alteração da doutrina religiosa resultou numa série de mudanças comportamentais. Diferente do que se via na Antiguidade, que predominava o individualismo entre os homens, na sociedade medieval se concentrou no foco comunitário, onde se via uma solidariedade entre os integrantes familiares. Acerca dessa assertiva, o autor Antunes Varela (1999) ressalta que

A família, deixando de constituir um organismo *político*, para se converter numa comunidade *natural*, passou a compreender apenas as pessoas ligadas entre si pelo vínculo sacramental do casamento e pelos laços biológicos da procriação. A mulher passou a ocupar na instituição familiar um lugar próprio, distinto do que competia aos filhos e aos netos. A ela incumbia especialmente o governo doméstico (que nos povos de origem germânica se chamava o *poder das chaves: die Schlüsselgewalt*) e a educação dos filhos (VARELA, 1999, p. 47).

Desse modo, mesmo com as transformações ocorridas, seja no sentido político e econômico, seja na religião, a sociedade em geral permaneceu com uma cultura machista. As mulheres continuaram responsáveis pelo cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos.

Uma das mudanças ocorridas é que a Igreja passou a obter o poder, onde dominava todas as regras morais e jurídicas que deviam ser seguidas pela população. Outro marco de extrema importância é que o casamento se tornou o alicerce das famílias e passou a ser de natureza perpétua, isso tudo influenciado pelo cristianismo.

Não é nada exagerado afirmar que o comportamento sexual pagão permaneceu entre o povo por toda Alta Idade Média. A prostituição, a infidelidade e todo ato sexual não procriativo, sobretudo a homossexualidade, foram características tão fortes durante o período Antigo que tardou a ser modificado – se é que foram. Contudo, a promiscuidade do povo não

13 Cf. em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=648d1c9a9c61b78d> Acesso em: jan. 2021.

era preocupação da Igreja. Na realidade, o sexo e a prostituição eram, de certa forma, um ópio eficaz e por muito tempo serviu como calmante à vultosa camada popular (EISLER, 1996).

Há estudos que mostram que havia tolerância ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo durante a Idade Média (ESKRIDGE, 1993), especialmente na Alta Idade Média, contudo, parece ter surgido os primeiros sinais de intolerância a esse tipo de relação: o Código de Justiniano de 533 d.C. que torna ilícita a relação íntima entre pessoas do mesmo sexo, “colocando-a na mesma categoria do divórcio e do adultério - tudo o que violava o ideal cristão do casamento entre pessoas de sexos distintos” (ESKRIDGE, 1993, p. 1447-1449).

Conforme Eskridge (1993), na Idade Média cristã, a Igreja

era espiritualmente contra a relação entre pessoas do mesmo sexo porque dela não poderia resultar a procriação”, admitindo, porém, paradoxalmente, “em alguns casos, uniões entre pessoas do mesmo sexo, especialmente entre clérigos”. Contos, poemas e cartas eróticas já eram comuns nessa época (ESKRIDGE, 1993, p. 1450).

De acordo com Le Goff (2006), na Idade Média, a fome e a morte eram aspectos que o homem medieval se acostumou, e nos centros urbanos era comum encontrar cadáveres entre as pilhas de lixo e excrementos nas ruas. As lendas sobre bruxas e demônios eram reflexos das mentes atordoadas pela miséria e o sexo e a luxúria eram condenados, embora as práticas estivessem em muitos ambientes, especialmente em visibilidade pelas crianças porque não existia sentimento de infância e elas dividiam quartos em castelos e casas com adultos, presenciando relações de seus pais.

Na Idade Média, os pobres dos grandes centros, quanto os servos no campo, eram analfabetos e não tinham quase que nenhum contato com a cultura. Eles estavam excluídos das atividades religiosas. Para essa camada miserável, o sexo com certeza era sua principal diversão e sem regras certamente, tendo permissividades de toda ordem, apesar da ideia de castigo dos céus. Entre as camadas mais abastadas e a nobreza, a influência da Igreja era mais presente, possivelmente eram eles que sentiam a moral cristã mais forte até esse período (LE GOFF, 2006).

Destarte, foi somente após a Peste Negra que as perseguições sumárias às práticas homossexuais se intensificaram na medida que a pandemia dizimou um terço da população europeia. O medo tenaz de uma possível extinção fez com que as elites logo proibissem qualquer comportamento sexual que não objetivasse a procriação. As prostitutas eram obrigadas a doar uma parte de seus lucros para o clero, lei que foi instituída pelo papa

Clemente II (1046-1047). Ao mesmo tempo que eram consideradas impuras e pecadoras (LE GOFF, 2006).

Os castigos pelo amor carnal entre homens ou entre mulheres podiam ser mutilações ou a morte na fogueira. Quando se tratava de homens, usavam-se os termos “sodomia”, “pecado contra natura” e “contra a virilidade”. Tão grave quanto a homossexualidade era o pecado da masturbação, por desperdiçar a “semente da vida”. Acreditava-se que a masturbação debilitava o indivíduo, podia levá-lo à impotência e à homossexualidade. Os castigos para os toques indevidos não eram tão severos: trinta dias de orações e jejum era o mais habitual.¹⁴

Eram também faltas morais graves: toda ação anticoncepcional, poções afrodisíacas, abortivas ou para curar a impotência. Além de pecado contra a natureza, essas ações podiam ser associadas à feitiçaria, o que aumentava a punição. Ademais, as Cruzadas fizeram com que os europeus se confrontassem novamente com as culturas pagãs, as notícias que vinham do oriente abordavam sobre estranhas orgias e bestialidades, o que acirrou os debates a respeito da homossexualidade e suas nefastas consequências diante do julgamento divino.

O sentimento de negação em relação aos comportamentos homossexuais, que já eram considerados uma heresia por serem contra a natureza humana procriativa, se intensificou; porém, nada se assemelharia ao legado deixado pela Peste Negra. Diante disso, a família nuclear teve seu papel importante na formação da sociedade. Este tipo de arranjo familiar tem suas diferenças com a tradicional família patriarcal, porque é formada apenas pelo núcleo principal e é representado pelo chefe da família (pai), a esposa e os descendentes legítimos.

Nessa perspectiva Philippe Áries (1991) ressalta as mudanças ocorridas das relações família/sociedade a partir de meados do Século XVIII, na Europa, onde a sociedade começou a manter a família à distância, a fechá-la em universo limitado, do lado mais extenso da vida privada. Isso significa, em outras palavras, fechar a porta de casa para o mundo externo, criando até outras portas dentro de casa para separar os cômodos uns dos outros e se separar da criadagem em locais diferenciados dentro do lar. Para uma visita em casa deveria receber um convite do dono.

Com essas transformações da casa e com a mudança dos costumes abriu um espaço para a intimidade, que acabou sendo preenchida por uma família que se reduziu aos pais e os filhos, da qual se excluiu os criados, os clientes e os amigos. A formação dos filhos começou

¹⁴ Cf. em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/pecados-da-carne-sexo-sexualidade-idade-media>. Acesso em: jan. 2021.

a ser a preocupação maior da família, e os estudos se tornaram privilégios para poucos, a educação dos filhos começou a depender muito da trajetória dos pais.

1.1.3 Família e Homossexualidade: crenças medievais e o advento de novos pensamentos

Bourdieu (2002) chama a atenção para observação dos padrões subjetivos aos quais estamos submetidos e que são objetivados nas relações de dominação do cotidiano.

Herdamos as crenças dos dominantes, incorporamos os esquemas de pensamento, produto das relações de poder que se expressam nas oposições da ordem simbólica (masculino/feminino) de forma inquestionável, de maneira natural” (BOURDIEU, 2002, p. 46).

Crenças herdadas e as normas redefinidas de um sexo mais sem a punição da Igreja Católica Medieval. Nos regimes políticos das monarquias prevaleceu a figura do rei e da rainha, contudo as mulheres continuaram sendo denominadas como seres inferiores, e em relação à família pouca coisa mudou (PINTO, 2015).

No período da história conhecido como Idade Moderna ocorreram mudanças que caracterizam essa passagem de fase e é justamente a transição do Feudalismo e novas formas de entender as relações familiares com padrões mais voltados para a questão do ser humano livre. Com a influência do movimento absolutista, a partir de então, os Estados europeus foram se tornando independentes e laicos, se afastando politicamente das igrejas Católica e Protestante. Porém, a Igreja Católica e o moralismo sexual estavam longe de deixar de exercer sua influência, a aristocracia intelectual tinha consciência do quanto a religião a influenciava, mas a população miserável não possuía a mesma sorte. Assim, a preocupação com a salvação divina, o medo da morte e da tentação diabólica que assombrava a todos na Idade Média ainda causava consequências psicológicas no povo na modernidade.

No período medieval, tudo que representasse o feminino, incluindo os homens homossexuais, eram relacionados à luxúria, sendo assim, eram simbolicamente demonizados. Os homossexuais eram perseguidos, torturados e mortos, a população vibrava enquanto os corpos eram queimados nas praças. Por outro lado, enquanto os sodomitas miseráveis eram condenados à morte, a aristocracia usufruía cada vez mais da libertinagem. E muitos monarcas que governaram, mesmo sendo religiosos, não seguiam as normas sexuais exigidas pela religião e pela sociedade. Mesmo a sodomia sendo um crime na Idade Moderna, muitos reis tiveram suas exceções. Com o absolutismo, nenhum indivíduo teria coragem de puni-los,

muito menos de acusá-los, jamais um tribunal da época teria a ousadia de julgar um rei referente a questões da sua vida privada. Os comentários existiam, mas as acusações eram feitas apenas na esfera privada, o que não acontecia.

Outro motivo pelo qual não ocorriam as acusações aos reis é porque um “monarca gay” podia ser uma oportunidade. Nesse momento da história, criar vínculos com pessoas do alto escalão era uma das principais estratégias de ascensão, em meio a uma sociedade de corte. Lógico que contar com a afetividade de um monarca era um privilégio. Contudo, apesar das relações afetivas e sexuais dos reis, a maioria honrou e seguiu o modelo da sociedade que predominava nesse momento do período moderno, que era casar e gerar descendência.

A palavra **homossexualidade** foi criada em 1869 pelo escritor e jornalista húngaro de língua alemã Karl-Maria Benkert, conhecido como Kertbeny (1824-1882). Os termos homossexualidade e homossexual provém do grego *homos* (que significa “semelhante, o mesmo”) e do baixo latim *sexualis* (“do sexo feminino”), derivado de *sexus*, que dá origem a palavra “sexo”. O termo começou aparecer na França a partir de 1890, e no Brasil chega sob a influência do discurso científico europeu, na mesma década, onde passou a ser utilizado pelas literaturas médicas na década seguinte.

Um dos primeiros termos utilizados para se referir ao ato da homossexualidade, foi sodomia, que se espalhou por meio do discurso religioso, sendo definida desde o século XVI como “o pecado da carne contra a natureza”. Comparada à justiça divina, essa palavra de origem bíblica era utilizada para se referir ao crime de penetração anal de um homem ou uma mulher, que seria condenável à pena de morte.

O Ofício da Sagrada Inquisição, instalado em Portugal em 1553, condenava o ato da sodomia, assim como o código penal português, que esteve presente no Brasil durante o período colonial. Segundo Vainfas (1989) em grande parte do século XVI, a noção imprecisa de “sodomia”, se referia as relações homossexuais masculinas, ou seja, a penetração anal com a ejaculação, relacionados a certos hábitos homoeróticos que são importantes assim como o coito anal consumado, o gosto pelo sexo *nefando*, e, por fim, a consciência do praticante em face desses prazeres. Green (2000) ressalta que o sodomita, considerando tanto o penetrador quanto receptor da penetração, era condenado à fogueira e tinham suas propriedades confiscadas.

Vainfas (1989) complementa afirmando que os filhos dos sodomitas e seus netos eram considerados inábeis e infames para o resto de suas vidas, o que resultou em violências e

hostilidade abertas aos sodomitas, não somente na Europa, mas em todo contexto das colônias.

Dom Pedro I, em 1830, promulgou o Código Penal Imperial para o Brasil já independente. Como esperado, a nova lei proibia toda e qualquer relação referente à sodomia. Segundo Green (2000), a legislação foi influenciada pelas ideias de Jeremy Bentham, pelo Código Penal francês de 1791, pelo Código Napolitano de 1819 e pelo Código Napoleônico de 1810, que discriminavam as relações sodomitas para maiores de idade. Porém, continuou nas sociedades, o estigma sodomita e sua reprovação como pecado.

Ainda se encontra atualmente, indivíduos que utilizam o termo sodomia para se dirigir aos homossexuais e LGBT de forma geral. Carregada de estereótipos e preconceitos e na maioria das vezes vindo de adeptos da religião cristã, a expressão reforça a discriminação, tendo como consequência a LGBTfobia que violenta e tira vidas de crianças, jovens e adultos apenas por desviarem de uma cisheteronormatividade imposta pela sociedade

A homossexualidade, no regime republicano pós-1889, já não era considerada ilegal no Brasil. Apesar disso, a Igreja Católica no final do século XIX, ainda defendia que o sexo tinha que ser restrito ao casamento e somente após o matrimônio. Deveria, também, ter o propósito da procriação. As relações sodomitas não poderiam mais ser punidas em morte, mas a “sodomia” ainda era considerada um pecado. Green (2000) reafirma que o Estado teria descriminalizado no início daquele século as relações sodomitas, mas encontra registros da repressão política por outros meios legais que proibiam a “viadagem” e as impudências que viessem a público.

Nos anos finais do Século XIX, os escritos médicos fornecem algumas informações importantes referentes à homossexualidade. No Brasil, as teses médicas apresentavam particularmente documentos de um “problema social” e sugeria melhorias para a saúde pública da capital imperial e depois republicana. A maioria dos textos médicos retratam como que os discursos contra a sodomia favoreceram as discussões médicas sobre “patologias da pederastia”, afirma Green (2000).

O conceito “heterossexualidade”, não possuía sentido no Século XIX. O termo significava mais em termos de *gênero* do que de orientação sexual. Torna-se, a “heterossexualidade”, de fato uma norma social depois, em que poucos questionavam a estrutura, cada vez mais, os discursos normativos em relação à sexualidade. Tanto a homossexualidade e heterossexualidade têm origens médicas no final do Século XIX, quando se usavam para conceituar as práticas sexuais humanas. Assim, o termo homossexualidade era

pouco usado antes da Primeira Guerra Mundial, preferia-se usar outros termos como: “pederasta” e seu substantivo “pederastia”.

Já o termo homossexual (“*homossexual*”), homossexualidade (“*homossexualität*”) e homossexualismo (“*Homossexualismus*”), esteve mais presentes na categoria científica, criados na Alemanha em 1869, principalmente nas teses médicas, primeiros escritos a interessar pelas relações sexuais de pessoas do mesmo gênero. Somente no Século XIX, contudo, surgiu o termo "homossexualismo" para denominar as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Essa concepção vigorou em grande parte do mundo até os anos 1980, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1985, finalmente retira o "homossexualismo" da lista das fatalidades patológicas, justificando-se contra qualquer tipo de discriminação e violência contra gays e lésbicas. Tal medida foi em grande parte oriunda da mobilização do movimento homossexual internacional.

Além dos termos médicos importados que se popularizaram no final do Século XIX no Brasil, dos quais os mais conhecidos eram “sodomita”, “pederasta”, “investido” e “unarista”, surgiu nessa época o termo “fresco”, que se torna popular para designar o homossexual masculino.

No Brasil, na virada do século, a palavra fresco, com o duplo sentido de “puto” e também conotando frescor, jovialidade ou amenidade no clima, tornou-se o termo ambíguo comum usado para zombar dos homens efeminados ou daqueles que supostamente mantinham relações anais “passivas” com outros homens. [...] Os múltiplos usos do termo aparecem no *Dicionário moderno*, uma pequena compilação satírica da gíria erótica e pornográfica publicada em 1903: “Fresco” – Adjetivo arejado de modernização depravada (GREEN, 2000, p. 64).

Entendida como doença biológica ou psicológica, até meados do Século XX, que poderia ter suas causas por meio da natureza ou no meio social, a homossexualidade era apresentada com possibilidades de “cura”. Fry e Macrae (1985) explicam que decorria a possibilidade do tratamento por meio do novo estatuto médico, que envolvia desde o tratamento fisiológico até a aplicação de medidas pedagógicas, caso viesse a ser resultante do meio social. Ainda segundo os autores Fry e Macrae (1985) a “naturalização” do “homossexualismo” através dos discursos permeou o século XIX, que foi defendida por vários médicos que acreditavam que seria uma “doença”, por causa de um defeito no cérebro.

Com o surgimento de movimentos homossexuais nos anos de 1970, mais precisamente nas últimas décadas do Século XX, principalmente em 1973, quando a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria, é que a

“condição” homossexual passa a ser positiva nos discursos na área da saúde, porém ainda com a possibilidade de tratamento por meio da Psicologia, em busca de adequar esses indivíduos dentro das normas que a sociedade aceita.

Segundo Reis (2007) as primeiras tentativas de organização de um movimento homossexual contra as discriminações e com reivindicações de direitos surgiram na Europa, entre 1850 e 1993, contra as leis que criminalizavam as relações sexuais com pessoas do mesmo sexo/gênero.

No Brasil, foi no contexto da Ditadura Civil-Militar, nos anos finais da década de 1970, que os movimentos sociais começam a marcar a história na busca pela democracia, mas, além disso, pela cidadania plena e pelos direitos civis. E essa visibilidade também é construída pelo movimento homossexual. Vejamos a seguir:

O fim da ditadura militar fazia surgir e reforçava um sentimento de otimismo cultural e social que atingia a todos. A abertura política possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa, e mais especificamente, trazia a esperança para o movimento gay de uma sociedade em que a homossexualidade poderá ser celebrada sem restrições (FERRARI, 2004, p. 105).

Assim, com o fim da Ditadura Civil-Militar, nascia junto uma esperança pela aceitação das diferenças na qual a sociedade conviveria com as pluralidades contidas dessas diferenças. Nesse sentido, o Movimento Gay acreditava que finalmente a discriminação e a intolerância em relação à homossexualidade viriam a diminuir, tais movimentos vieram a se intensificar e a estruturar-se.

Em 1979, aconteceu em São Paulo o primeiro Movimento Gay do país, e em 1980 o Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais. Esses movimentos cada vez mais foram se fundando em busca da defesa dos direitos e das políticas públicas para a causa.

A epidemia do vírus HIV obrigou a sociedade a abrir a discussão sobre sexualidade. Passou a ser preocupação por parte do Estado, das famílias e das escolas, mesmo sendo tratada de formas diferentes. Com o surgimento da AIDS abriram-se espaços para a visibilidade homossexual, mesmo que houve tentativas de frear tais movimentos. Porém, na década de 1990, a doença foi responsável por trazer esses movimentos de volta.

Na cidade de São Paulo em 1997, aconteceu a primeira Parada do Orgulho LGBT, crescendo nos anos subsequentes e se tornando um movimento reconhecido não somente no país, mas em todo o mundo.

Na contemporaneidade, a luta ainda não acabou, no Brasil a LGBTfobia precisa ser combatida, desconstruindo os estereótipos que rodeiam à homossexualidade. A homossexualidade nunca foi e nunca será uma doença. Os movimentos sociais existentes têm como objetivo a construção do sujeito responsável pelas mudanças nas visões, posturas, hábitos e transformações dos indivíduos, por meio do conhecimento de si e do mundo. Desse modo, de forma consciente, os coletivos e grupos homossexuais surgiram com a preocupação de entender o mundo, na tentativa de esclarecer e desconstruir estereótipos, e pela busca de pertencer a um determinado grupo, ao mesmo tempo em que buscavam as formações identitárias.

Já no que se refere às grandes transformações ocorridas em relação à família, estão diretamente relacionados com a aquisição de direitos femininos. Isso tudo graças a revolução industrial, que impulsionou o Capitalismo na Idade Contemporânea, quando as mulheres, mesmo em baixa quantidade, começaram a exercer atividades laborativas fora do seu lar. Movimentos surgiram em busca de direitos, por exemplo, de exercerem o voto, em diversos locais, com isso trouxeram mudanças para as famílias, no decorrer do que ia acontecendo.

Ao estudar os modelos de organização de grupos e famílias é surpreendente se deparar com a constante inovação que a instituição familiar passou durante os séculos, ao mesmo tempo em que demais instituições vão se transformando, com a família também aconteceu. Como mencionado anteriormente, no início do desenvolvimento da humanidade, os filhos das variadas mulheres eram tido comuns perante as tribos por causa da prática de poligamia e poliandria, que eram comuns na época¹⁵.

Posterior a isso, a família teve que sobreviver aos desmandos machistas e religiosos e começaram a emergir novos pensamentos. O machismo da Idade Média, onde a família ganhou a função reprodutiva, em seguida foi sendo mais aberta aos modelos não normativos dualistas que a sociedade exigia.

Roudinesco (2003) analisa esse processo com três (3) fases. Vejamos a primeira:

Podemos distinguir três grandes períodos na evolução da família. Numa primeira fase, a família dita 'tradicional' serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos são então arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino (ROUDINESCO, 2003, p. 19).

15 Cf. p. 20.

Assim, os casamentos nas famílias tradicionais tinham como propósito manter o patrimônio entre os membros das famílias, os pais que escolhiam os futuros maridos de suas filhas e estes tinham que ser oriundos de família rica com o objetivo de manutenção e segurança dos bens de ambos os lados.

Roudinesco (2003) apresenta também a segunda fase da composição familiar, argumentando que

Numa segunda fase, a família dita 'moderna' torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento. Mas valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação sua nação é encarregada de assegurar. A atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro. Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe-se a família dita 'contemporânea' - ou 'pós-moderna' -, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam (ROUDINESCO, 2003, p. 19).

E para compreender a mudança de perspectiva em relação a família, torna-se necessário ter uma definição de família por período histórico, pois esta instituição não tem um conceito certo e definido. Não se trata de uma ideia concreta, mas admite-se que a família sofre mudanças com a época, local e cultura ao seu redor.

A família atual não é só ligada ao consanguíneo mais a afetividade, e vai ficando cada vez mais evidente. Mesmo as famílias se reconfigurando no decorrer dos séculos e períodos ainda prevalece uma cultura de uma família tradicional de um discurso dominante na sociedade. De acordo com Dias, Costa e Rangel (2005) independente do modelo configurado de família, ela ainda deve ser considerada como uma unidade social, composta por indivíduos que se relacionam entre si e com o meio exterior, trazendo desta forma, as relações entre os indivíduos como fator crucial para a tentativa de definição de conceito do que é família.

Porém, por este ser um espaço de divergências, a personalidade individual pode ir se acentuando e se desenvolvendo e “[...] cada um constrói uma fisionomia própria, uma maneira pessoal de se sentir e pensar [...]” (SINGLY, 2007, p. 35). Sendo assim, pode-se conjecturar que a instituição familiar está em constante movimento não sendo possível reificar-se. Pode-se dizer que a coexistência de configurações e estruturas familiares diversas tem ampliado a percepção social, acarretando assim em um empuxo para a aceitação da diversidade dessas configurações.

Portanto, pode-se compreender que ao longo dos séculos diversas configurações familiares foram constituídas, desde as sociedades primitivas e bárbaras até as sociedades modernas e contemporâneas. Para Roudinesco (2003, p. 198), “a família contemporânea, horizontal e em “redes”, estão se comportando bem e garantindo corretamente a reprodução das gerações.” Atualmente, a maleabilidade e flexibilidade das relações evidenciam formas alternativas de conjuges, cedendo espaço para parcerias, aos descasamentos e (re)casamentos sucessivos, ocasionando uma crise nos referências simbólicos e papéis de homens e mulheres, crianças e filhos diante das mudanças nos grupos familiares e nas novas formas de parentesco.

1.2 Ideias sobre a família brasileira

Na época moderna, a família ocidental deixou portanto de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade (ROUDINESCO, 2003, p. 198).

Deste modo, prosseguindo com a historiografia da família, dando ênfase ao estudo da família no Brasil com suas ramificações e mudanças ao longo da história, fica evidente que os estudos, tanto no Brasil como no Ocidente, estiveram restritos ao campo hegemônico por muito tempo, ainda mais no Século XX, quando emergiu a ideia de família nuclear. Para Bourdieu (1996), a família pode ser pensada como uma pré-noção do senso comum, pois um princípio que foi inculcado por meio de um trabalho concreto de socialização dos vários agentes sociais.

Durante algumas décadas, principalmente nos primeiros anos do Século XX, foi disseminado e introduzido na sociedade um modelo único e universal de família, relacionado a organização nuclear patriarcal. As pesquisas que surgiram dos estudos e críticas das teorias feministas impulsionaram o desenvolvimento e a retomada de uma nova forma de estudos sobre as famílias, principalmente nas últimas décadas do Século XX. Levando à uma decadência dos pesquisadores que defendem a família nuclear patriarcal.

As famílias se desenham como um grupo histórico e dinâmico que vai se formando através dos indivíduos que se unem por laços consanguíneos ou de afetividade. Os laços de sangue se dão pela descendência, já a afinidade se forma pela entrada de cônjuges e seus parentes que se juntam por arranjo familiar, seja pelo casamento ou com a convivência entre irmãos sem pai. Os vínculos afetivos vêm ganhando cada vez mais importância na contemporaneidade (CHAGAS, 2007).

Desse modo, as famílias são mutáveis, sofrendo transformações no decorrer do tempo, das culturas e dos costumes, construindo diversas ramificações. Ao adentrar especificamente na historiografia referente ao estudo de família no Brasil, observa que a maioria das pesquisas são recentes.

Para Bourdieu (1996), a família é um produto de um trabalho de instituição que é ao mesmo tempo ritual (casamento religioso) e técnico. Esse trabalho de instituição objetiva garantir de forma duradoura alguns sentimentos que devem garantir a integração do grupo familiar. E é somente nas primeiras décadas do Século XX que surgem os primeiros estudos sobre modelos familiares, que de um lado, defendem que a família deve ser considerada a instituição social fundamental, onde as demais dependem dela, por outro lado, se vinculam dois posicionamentos conceituais especificamente, que trazem três arranjos básicos de família: a patriarcal, nuclear e a atual. O primeiro, que se forma a partir do modelo da família patriarcal se tornando um modelo histórico da família brasileira, o segundo, onde este modelo passa a ser revisto e o terceiro onde surgem novos arranjos familiares que divergem dos modelos existentes dos séculos passados.

Nesse viés, Teixeira (2013) aborda que os pesquisadores entendem que a história da família como instituição teve como ponto de partida o modelo patriarcal, trazido pelo colonialismo, somada pela questão latifundiária e da escravidão. Por outro lado, aparecem hipóteses contrárias a essa hegemonia do desenho familiar sob outros aspectos sociais, pois novos estudos e pesquisas trazem à tona uma pluralidade das famílias brasileiras desde o período colonial, a exemplo das famílias formadas por concubinatos, que eram chefiados por mulheres com seus filhos biológicos ou adotivos, entre outras.

Segundo Corrêa (1993, p. 24), “[...] sob a hegemonia patriarcal, foi ocultada a diversidade de uma sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa, na tentativa de acomodá-la dentro dos estreitos limites do engenho ou da fazenda”. Além de Corrêa, outros autores destacaram a importância da família visto como instituição. Da Matta (1987) define que a família no Brasil colonial era assinalada como uma instituição indispensável à vida social.

Sendo assim, quem não fizesse parte de nenhum grupo familiar naquele período era tido como um sujeito malvisto, ignorado e rejeitado, que não sobreviveria socialmente. Neste momento da história do país, a noção de indivíduo ainda não tinha se conceituado, e o bem-estar social justificava antes de tudo estar inserido em um componente familiar.

Dessa forma, para se ter um prestígio social, o vínculo familiar era cultuado e indispensável. Segundo Da Matta (1987, p. 125) “Quem não tem família já desperta pena antes de começar o entrecho dramático; e quem renega sua família tem, de saída, a nossa mais franca antipatia”.

Todavia, o conceito de família no Brasil foi formado a partir de uma base econômica escravocrata e de regência patriarcal. Os primeiros estudos foram datados a partir da década de 1920, quando é possível constatar a importância de viajantes sobre os arranjos e as organizações familiares, nota-se que os relatos são destinados para as famílias mais privilegiadas. As fontes históricas utilizadas para a obtenção desses dados foram: correspondências, documentos régios, atas de posse ou festividades e diários íntimos. Com essas fontes e suas análises foi possível compreender a conjuntura e a base que sustentou a sociedade colonial.

Em 1920 Oliveira Vianna ao publicar a obra *Populações Meridionais do Brasil*, identificou traços onde foi possível detectar o Estado como o grande eixo da história e onde ela se volta, numa linha conservadora. Sobre as raízes coloniais e suas heranças no processo de formação, organização e desenvolvimento da sociedade brasileira, Oliveira Vianna relaciona a família chefiada pelo patriarca (famílias senhorias, a função de “ordenar todo seu rebanho”, incluindo esposa, filhos, noras, genros e os parentes). Sobre a função do patriarca, o autor explica que

[...] É o pater-famílias que, por exemplo, dá noivo às filhas, escolhendo-o segundo as conveniências da posição e da fortuna. Ele é quem consente no casamento do filho, embora já em maioridade. Ele é quem lhe determina a profissão, ou lhe destina uma função na economia da fazenda. Ele é quem instala na sua vizinhança os domínios dos filhos casados, e nunca deixa de exercer sobre eles a sua absoluta ascendência patriarcal. Ele é quem os disciplina, quando menores, com um rigor que hoje parecerá bárbaro, tamanha a severidade e a rudeza. Por esse tempo, os filhos têm pelos pais um respeito que raia pelo terror. Esse respeito é, em certas famílias, uma tradição tão vivaz, que é comum verem-se os próprios irmãos cadetes pedirem a bênção ao primogênito. Noutras, as esposas chamam “senhor” aos maridos, e esses, “senhoras” às esposas (VIANNA, 2005, p. 100).

O *pater-famílias*, e a família em seu núcleo, é a força motriz e de onde surgem a dinâmica e os laços de prosperidade, usos e costumes, capazes de atingir os aspectos políticos de representatividade, recaindo e adequando na regra do jogo de interesses sociais, entre quem manda e quem obedece, numa versão de hierarquia que a determinação de um sobressai entre os restantes.

Gilberto Freyre (1987) foi um pesquisador que relatou a história da sociedade brasileira no período colonial, explanando como as famílias, tanto na cidade como no campo, se formaram a partir do regime patriarcal e sobre a influência da miscigenação de três culturas; indígena, africana e europeia. Como já citado anteriormente, houve um desenvolvimento de uma estrutura social em que a família funcionava como um núcleo, era composta pelo chefe (patriarca), sua esposa, filhos e netos, estes sendo os representantes principais; e outro núcleo chamado de secundários, composto pelos filhos ilegítimos (bastardos) ou adotivos, parentes, afilhados, serviçais, amigos, agregados e os escravizados.

Como é evidente, tanto no grupo principal como no secundário, o patriarca era o responsável de cuidar dos negócios e pela defesa da honra da família, onde exercia toda a autoridade sobre seus parentes e os demais agregados que tivessem sobre sua responsabilidade. Freyre (1987) entende que a família é como o núcleo desse regime colonial, em que o patriarcalismo rural determina toda a dinâmica atuando no interior da Casa-grande e ao seu redor, assim como da Senzala. Destarte,

A família não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase que reina sem governar. [...] a força social que se desdobra em política, constituindo-se numa aristocracia colonial (FREYRE, 1987, p. 18).

Como abordado por Freyre, entende-se que parecia seguir um único padrão, não existindo nenhuma diferença ou divergências na sociedade colonial. Porém, a condição de senhor de engenho no espaço rural se difere das características de um homem de privilégios do espaço urbano. Por isso mesmo, que surgiram outros pesquisadores mostrando as diferenças de famílias que existiram no período do Brasil Colônia.

No entanto, Freyre, em seus estudos, buscou ainda relatar as relações familiares relacionadas ao poderio de comando e domínio no eixo masculino. Em sua obra *Sobrados e Mucambos* (1996), o autor trouxe a família sustentada e oficializada pelo casamento cristão católico, sobretudo apresenta os relacionamentos extraconjugais, e os filhos ilegítimos (bastardos) que também compreendiam no espaço de poder do patriarca.

Caio Prado Júnior (1972) reforça o poderio do senhor rural, sob as diversas autoridades, inclusive diante da Igreja e seu clero. Vale recordar que depois da família, a Igreja ocupava o segundo lugar na esfera social, sendo dependente do senhor da região,

derivado do acúmulo de dinheiro e prestígio simbólico e social do senhor de posses. O Prado Júnior também denuncia a promiscuidade e a ausência de estudos que originassem uma maior observação dos fatos.

Holanda (2014), em seus estudos sobre famílias, aborda que essas instituições se originam sob a ótica dos domínios rurais, a herança da colonização ibérica e sua continuidade desde a época da colônia. A composição familiar se dá por pai, mãe e filhos, somado aos escravizados e outros agregados, deixando a possibilidade de que o núcleo de influência familiar se ampliasse pela vasta política de alianças e “bênçãos”. Esses laços de solidariedade reforçam as bases de estruturas e de dominação e poder. Sobre o ponto de vista de Holanda, o ponto chave está na necessidade de formar laços de parentesco, no fortalecimento da comunidade doméstica, e no respeito cordial aos consanguíneos e afetivos.

Ainda sobre o regime patriarcal, desenvolveu-se o costume da primogenitura, da qual o filho mais velho (primogênito) herdava todas as terras do pai. Caso a família fosse composta por outros filhos, os demais eram encaminhados para estudarem e se formarem como médicos, advogados ou até mesmo padre, caso tivesse uma formação religiosa segundo Cotrim (2005). Já no caso das meninas, muitas eram encaminhadas para os conventos, onde aprendiam a leitura e a escrita, a cantar e a bordar, enquanto não cassassem. E caso ficassem solteiras a família deixava um dote em dinheiro, escravos e outros bens, que deveria ser entregue ao convento e devia encaminhar a moça para a vida religiosa.

A historiadora Eni Mesquita Samara, em sua obra intitulada *A Família Brasileira* lançada no ano de 1983, buscou explorar a formação da família brasileira, abrangendo o olhar sobre os fatos históricos, reelaborando os estudos anteriores, e reavaliando os critérios até então utilizados. A investigação de Samara e de outros autores enfraqueceu as teorias de muitos historiadores, antropólogos e sociólogos que consideravam a família no Brasil essencialmente patriarcal. Sem que essas teorias fossem contestadas, ignorou-se durante um tempo outras possibilidades de estruturas familiares que foram e são formadas no decorrer do tempo, da cultura e do espaço.

Na década de 1980, com a chegada desses novos estudos, foi possível apresentar outros arranjos familiares que coexistiram ou até predominaram ao sistema patriarcal. Sendo assim, o que foi apresentado por Freyre não pode ser a única representação plausível para as famílias brasileiras ao longo da história. Samara (2002) afirma que as descrições das famílias extensas de modelo patriarcal apresentado por Freyre foram, em sua maioria, exclusivas das lavouras canavieiras nordestinas, sendo imprópria a utilização em outras regiões, sem levar

em consideração etnias, temporalidades, grupos sociais, contextos econômicos regionais e locais, razão de sexo e movimento da população.

Em território brasileiro, como reflexo da colonização, as mulheres tiveram lentamente os seus direitos reconhecidos, buscando uma possível equidade, mesmo com a Constituição de 1988. Nessa perspectiva, a mulher brasileira e em todos os seus setores, ainda tem desvantagens em relação ao homem, predominando uma cultura machista que vem sendo construída e reforçada há muito tempo.

No Brasil, o início dessas transformações de composição familiar patriarcal clássica para um arranjo mais moderno, denominado de família nuclear, se deu com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro e com o início de uma vida social na Colônia. Almeida (1987) relata que a chegada da Corte Portuguesa no Brasil em 1808, trouxe a influência da cultura árabe sobre os portugueses, na qual a característica era levar a mulher e a família para fora da casa. Além disso, a Corte trouxe melhorias para os segmentos masculinos e mais jovens da população, como oportunidade de estudos e outras formas de ascensão social. Como visto, a família patriarcal se transformou ao longo do Século XIX, os filhos tornaram-se mais independentes do poderio patriarcal, com o surgimento de possibilidades de carreiras autônomas ou políticas.

Tempos depois, no final do Século XIX, com a contribuição da burguesia industrial europeia caminharía para o sentido contrário, levando a mulher para dentro de casa, para ser a “dona do lar”. Historicamente, no Brasil a família nuclear brasileira, quando as pessoas se casavam formavam sua própria família em outra casa. Casos que casais agrupavam seus genros, nora ou netos em torno dos seus filhos e filhas casadas eram raros, o que comprova que na família nuclear diferente da família patriarcal, o chefe de família não era o maior mandatário. A mulher ficou com a responsabilidade de comandar o lar, cuidando da casa e dos filhos, já os homens, sua ausência domiciliar ficou comum, justificada pela dedicação aos negócios, o que resultou na diminuição da sua autoridade paterna.

Para o chefe de família, ficava a responsabilidade de cuidar dos negócios e de imediato tinha que preservar a honra familiar e a sua linhagem, exercendo sua autoridade sob sua esposa, filhos e os demais dependentes. As filhas depois de casadas passavam da tutela dos seus pais para a do marido, cuidando do lar e dos filhos e do desenvolvimento das atividades domésticas. A permanência da mulher no entorno da casa se justificaria, sobretudo da sua função econômica. Sobre isso, Costa (1989) aponta que

Dependendo juridicamente, afetivamente, moralmente e religiosamente do marido, prestava-se docilmente a organizar a produção econômica da casa, supervisionando o trabalho escravo. Mão-de-obra gratuita, a mulher permitiu por muito tempo a autossuficiência das residências, fenômeno necessário ao despotismo senhorial sobre a cidade [...]. A dona de casa era enfermeira, médica, sacerdote e professora, distribuindo medicamentos em caso de doenças, ensinando aos filhos as primeiras letras e cumprindo uma enorme quantidade de obrigações religiosas (terços, novenas, promessas, entre outros) (COSTA, 1989, p. 93).

Posteriormente, no Século XIX, com o auge do café, o sul do país se desenvolveu, e com alguns acontecimentos políticos importantes como a Independência em 1822 e a República em 1889, os defensores da abolição da escravatura e a chegada de imigrantes, deram-se o crescimento econômico e o surgimento de novos papéis sociais informais, fazendo acontecer a divisão de tarefas entre homens e mulheres, enfraquecendo o sistema patriarcal brasileiro e seu poderio.

No decorrer das primeiras décadas do Século XX, começou o desenvolvimento da industrialização, trazendo a oferta de trabalho fabril e seus mecanismos. Começa a inserir as mulheres nestes mercados, exercendo funções que passam a ser remuneradas de acordo com as atividades domésticas. Portanto, tanto as mulheres solteiras como as mulheres casadas e com filhos, passaram a contribuir com a renda familiar. Samara (2002) discorre acerca desse fenômeno:

Como se pode perceber, mesmo com a incorporação massiva das mulheres solteiras e jovens no universo fabril, o trabalho domiciliar continuou permitindo que as casadas contribuíssem para a renda familiar sem deixarem de exercer as funções básicas de mãe e donas de casa para as quais tinham sido socializadas e educadas (SAMARA, 2002, p. 35).

Mesmo com as transformações que aconteceram, inserindo as mulheres no mercado de trabalho, as classes dominantes continuaram homogeneizando o poder patriarcal, mantendo o poder e o privilégio com os homens.

Porém, essa realidade não se estendia para todo território brasileiro, recenseamentos mostram e, aliás, Samara (1983) ressalta que no censo de 1936, era pequeno o número de famílias com coabitantes, parentes, amigos ou afilhados. Com essa mudança, aumentaram os casos de mulheres dentro das casas, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos, enquanto os homens buscava o sustento da família.

Diante disso, para a mulher se sentir realizada dependia do marido e dos filhos seu *status* social, era o esposo e as suas qualidades pessoais que deviam ser valorizadas, pela

forma que cada uma tinha de capacidade de cuidar da casa e dos filhos para se tornarem cidadãos de bem e honrados para conviver na sociedade.

Essa mudança devagar, ainda no Século XX, da composição familiar findou pelo menos na prática, já que teoricamente a autoridade masculina ainda predominava. Observa-se duas perspectivas: de um lado, estavam as mulheres de família mais privilegiadas, que se ocupavam com seus bordados, no cuidado dos filhos e com a música; já de outro, encontravam-se as mulheres mais pobres, que adentravam nas atividades informais, nos negócios, contribuindo para as despesas do lar.

No caso específico de São Paulo, “além das atividades avulsas (doceiras, engomadeiras, cozinheiras e costureiras) apareceram teares domésticos (rendeiras e tecelãs) e as pequenas indústrias” (SAMARA, 1989, p. 98). Ademais, as transformações ocorridas na sociedade brasileira do Século XX mudaram a composição das famílias.

De acordo com Almeida (1987), as mudanças de uma sociedade rural, na qual se encontrava concentrada a família patriarcal e fechada em si mesma, para uma sociedade industrializada, ainda que nascente, com sua gama de desigualdade social, geográfica e cultural. E esses aspectos trouxeram transformações marcantes para a família até então mencionada como a tradicional brasileira.

Posteriormente, de acordo ainda com Almeida (1987), de meados do Século XX adiante, aconteceram transformações surpreendentes, tais como: a educação dos filhos, a entrada da mulher para o mercado de trabalho, o controle de natalidade, o enfraquecer dos laços de parentesco e a impessoalidade nas relações sociais são consideradas as grandes mudanças da família moderna.

De uma forma global, o que se entendia por família nuclear até então se transformou. Os pontos marcantes dessa mudança aconteceram no final da década de 1960: a religião foi perdendo sua força, o aumento de divórcios e separações, ou seja, não conseguiam mais manter os casamentos onde os casais se mantinham insatisfeitos. Em muitas relações matrimoniais, a igualdade passou a ser um pressuposto.

Diante disso, surgem diversos arranjos familiares alternativos: cresceu o número de casamentos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; casais com filhos ou parceiros isolados ou até mesmo cada um vivendo em sua residência; casais homossexuais tendo o direito da adoção legal; mães divorciadas ou duplas de mães solas compartilhando a criação dos filhos; as conhecidas “produções independentes” tornam-se mais frequentes. Assim, são dados os primeiros passos para o Século XXI, com a abundância de arranjos familiares.

Uma das características das famílias contemporâneas é o seu tamanho ser cada vez mais reduzido. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2007) mostram que as composições familiares dos anos de 1980 até hoje vem sofrendo alterações numa visão demográfica, por mais que temos que levar em considerações alguns marcadores para se estender a todas as regiões do país, em alguns delas ocorrem de maneira mais ou menos parecida, com a diminuição da natalidade e o crescimento da longevidade das pessoas, o número de famílias vem diminuindo e o número de idosos em sua composição aumentando demonstra os dados estatísticos.

Outra característica relevante se manifesta nas famílias mais empobrecidas da população brasileira. Basicamente, as famílias dos jovens homossexuais participantes dessa pesquisa se enquadram nessa modalidade de famílias de classe baixa/média. A realidade das composições dessas famílias é bem diferenciada do modelo que se tem da tradicional família nuclear, em que o pai é o provedor, a mãe que cuida do lar e os filhos estudam. Nos dados de recenseamento das últimas décadas, aumentou-se o número de arranjos familiares compostos por mulheres e seus filhos ainda crianças e até o número de famílias e pessoas em situação de vulnerabilidade, os grupos excluídos.

CAPÍTULO II – HOMOSSEXUALIDADE: POLÍTICAS DE IDENTIDADES

2.1 O ser homossexual e a política de identidades

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as categorias do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos [...] (BOURDIEU, 2002, pp. 18-20).

Algumas correntes defendem que a sexualidade é definida pela junção de fatores genéticos, psicológicos, biológicos e sociais. Porém, existe crítica a essas correntes, pois a maioria não apresenta quais seriam esses fatores. Vecchiatti (2008) se refere à influência cultural e social, se a sexualidade dependesse desses fatores externos, evidente que não teríamos homossexuais, até porque ainda, atualmente, a sociedade faz apologia à heterossexualidade, normatizando essa como a correta e aceitável. Vecchiatti ainda pontua

Com efeito, nenhuma pessoa escolhe ser homo, hétero ou bissexual: as pessoas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra. Não há “escolha”, mesmo porque, se opção houvesse, certamente as pessoas optariam pela orientação sexual mais fácil de ser vivida, qual seja aquela que não sofre com o preconceito social: a heterossexual. Em suma: sexualidade não se escolhe, se descobre (VECCHIATTI, 2008, p. 106).

Desse modo, mesmo que não há nenhum conhecimento sobre a origem da homossexualidade, seja pela genética, biológica ou no social, é inconfundível que não pode ser uma escolha pessoal. Nenhum ser humano optaria por algo que vai levá-lo ao sofrimento, à discriminação. Até porque ninguém se interessa em estudar e perguntar sobre a origem da heterossexualidade.

Para compreender o “ser homossexual”, é necessário pensarmos primeiramente sobre identidade, visto que cada jovem percorre um caminho para construir sua identidade homossexual, ao mesmo tempo em que os estudos sobre identidade levam a entender sobre si mesmo.

Nos últimos anos, os estudos sobre identidades se intensificaram promovendo outros significados principalmente nas Ciências Sociais e na Antropologia. Hall (1998) argumenta que a identidade se torna uma questão relevante em um contexto que as identidades não se referem mais somente a grupos fechados, ou simplesmente identidades étnicas. Numa sociedade líquida (BAUMAN, 2001) as identidades também se tornam instáveis. Ao mesmo

tempo em que deixam de serem determinadas por grupos específicos. As identidades tornam-se híbridas, em constante construção, formulando e se reformulando a todo tempo.

Nesse sentido, Bauman (1999, p. 14) mostra que a “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos”. Para Bauman, a modernidade significou uma busca excessiva de formas de conhecer, classificar e ordenar o mundo. Assim, tudo que é ordenado, passa a ser considerado natural, uma vez naturalizado deve ser controlado e adequado aos modos de vida humana. Um verdadeiro projeto da modernidade, ora um projeto científico-técnico de conhecer para controlar, e utilizar a favor dos homens. Uma sociedade de controle que controla de forma camuflável nossos corpos, desejos, sexualidades, entre outros.

O projeto do Estado Moderno objetivava uma sociedade racionalmente planejada. Dividia a sociedade em categorias, os indivíduos em grupos, e por intermédio da razão buscava fugir da indeterminação. As formas de vida e todo o projeto baseavam-se em uma concepção filosófica e científica de desenvolvimento, e tinham a ideia de que por meio da razão chegariam à verdade. Os cientistas e os filósofos foram os grandes promissores da modernidade:

A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas ‘aonde nenhum homem ousou ir ainda’ nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosos de servir) (BAUMAN, 1999, p. 48).

Esse projeto da sociedade moderna e da ciência moderna resultou em um mundo globalizado ocidental, a modernidade trouxe consigo mudanças severas. Logo mais, viria o que Bauman chama de modernidade líquida, uma nova fase da modernidade.

A ideia de liquidez em oposição à solidez, que seria a metáfora mais apropriada para designar a primeira modernidade. Essa liquidez está adentrando todos os setores da modernidade que antes era sólida. A economia se tornou independente do local, o trabalho que antes era localizado e vigiado em grandes fábricas, hoje se tornou flexível, não depende mais da produção de bens materiais, não depende da localização onde deriva a produção, certas ocasiões não dependem nem mesmo dos que trabalham, ou seja, passam a ser a mão-de-obra flexível, acarretando menos direitos trabalhistas. Até o poder que antes dependia da localidade se tornou fluido, não é mais preciso estar no local para ter o controle, essas dinâmicas se tornam estratégias de poder.

O indivíduo se sente cada vez mais livre para fazer suas escolhas. As possibilidades tornaram-se infinitas, porém isso não faz dos indivíduos mais felizes: com tantas possibilidades, as consequências de uma má escolha recaem sobre si, eventualmente não existem mais bases sólidas para se apoiar caso faça uma má escolha. Paiva (2000, p 23) pontua que

São Paulo assistiu, ontem, a uma das maiores manifestações de massa de sua história e, nem É preciso dizer, a uma das mais divertidas e coloridas. E quem achava que a era das grandes manifestações da era tinham acabado, fica pra próxima. [...] Viram-se até as bandeiras vermelhas do PSTU, com tiras coloridas. [...] E estavam lá os carros patrocinados por uma entidade de travestis, portais e casas noturnas [...] A manifestação deu um chega pra lá na intolerância. O que se queria dizer, nas entrelinhas, era o deixa eu ser diferente, deixa eu ser do jeito que eu quiser. Curiosamente, caminharam acompanhados por batedores da Polícia Militar. Celebrando a liberdade de opção, direito adquirido em um Estado democrático, os manifestantes contestaram a norma, o normal, sem a baderna que tanto assusta a elite, e furaram o bloqueio da massificação e da padronização. Entramos num novo século, não existe raça pura, nem o homem ideal, existe a diferença, era a mensagem subliminar. No ano passado, eram 35 mil manifestantes. Neste ano, 100 mil. O movimento gay é um dos movimentos da sociedade civil que mais crescem, no mundo (PAIVA, 2000, p 23).

É claro que uma grande mudança está em curso na contemporaneidade. Antemão, as identidades nesse novo tempo, se tornam diferentes das identidades sólidas da primeira modernidade. As re/construções identitárias estão em constante movimento. Da mesma forma, que ser e assumir uma identidade homossexual na atualidade é diferente do que era e foi em outros períodos da história.

Ademais, Hall (1998, p. 7) mostra que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado”. Segundo Hall, as transformações estruturais que iniciaram nas sociedades modernas ao final do Século XX estão mudando paralelamente com elas as ideias que temos de sujeito, e as formas de “exercer” uma identidade. Começa a se tornar comum os questionamentos sobre si mesmo, em meio a tantas identidades.

Hall (1998) ao conceituar identidade, traz três concepções diferentes, cada uma equivalente a um período histórico, levando em consideração o modo de vida social e as formas de pensar de cada época específica. São elas: *a)* sujeito do Iluminismo; *b)* o sujeito sociológico; *c)* o sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito do Iluminismo é baseada na ideia do ser humano autônomo, centrado, único, coerente e unificado. Diante dessa visão todos os sujeitos eram dotados de razão e agiam racionalmente. As identidades eram coerentemente e racionalmente construídas, tinham uma visão individualista do sujeito e de suas identidades.

Já a identidade do sujeito sociológico é advinda das mudanças complexas pelas quais a sociedade moderna vivia. Tal visão nasceu no final do Século XIX, mais precisamente no Século XX quando se tornou mais aceita. Começaram a questionar e perceber que os sujeitos não eram tão autônomos e autossuficientes como se pensavam que eles poderiam ser e que suas identidades eram construídas a partir das relações com as pessoas dos grupos que conviviam. Os sujeitos ainda possuem certa individualidade, um “eu interior”, porém esse é formado e transformado de acordo com as vivências de cada indivíduo no meio social. Essa visão de identidade depende de uma estrutura social e não pode ser construída separada dela.

Contudo, nas décadas finais do Século XX, foi discutido que essas ideias de autoidentidade não demonstravam mais a realidade. Sobre isso, discorre Hall, vejamos:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com ‘as necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 1998, p. 12).

Sendo influenciado com o advindo da globalização, o desenvolvimento das tecnologias de transportes e comunicação, ligam cada vez mais o local ao global. Com a maior interdependência global levam a um colapso das identidades tradicionais, relacionada ao local, produzindo uma diversidade de estilos e de identidades (HALL, 1998). Ao mesmo tempo, que as informações vindas de outros locais do mundo trazem uma hibridez, também homogeneizam de outra forma. Por um lado, os locais se misturam, e as identidades que antes eram locais agora podem ser localizadas em todos os lugares. Por outro lado, certos padrões são encontrados em todos os lugares, padrões relacionados ao consumo, por exemplo, como pontua Hall a seguir:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ – como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas

mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 1998, p. 74).

O mundo e o consumismo global influenciaram para o surgimento de uma era de identidades partilhadas. E ainda, como acrescenta Hall,

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (HALL, 1998, p. 75).

E com as discussões acerca da globalização, incluem-se os processos que hibridizam, colocando formas de ser, estilos de vida, um de frente para o outro, e que homogeneizam fazendo com que neguem o local em favor de um global livre de ambiguidades, e em um processo de padronização severa. Sendo assim, são lugares que não definem mais as identidades pelas relações sociais que neles se estabelecem locais destinados à passagem, à negação dos laços de relação.

Durante a modernidade, diferente do período pré-moderno as identidades se tornaram uma questão de construção, de esforço individual. O que antes era dirigida pela atribuição, você era algo e ponto final, não havia nem a opção de escolha, ou qualquer esforço capaz de mudar isso. A modernidade inaugurou uma nova era. Agora era o esforço individual que faz a diferença, a modernidade transformou a identidade em questão de realização, como explana Bauman a seguir:

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não homem, porém, uma firme oposição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida exuberante e sólida identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1998, p. 30).

A modernidade, mesmo rompendo com a identidade atribuída, não rompeu com as identidades sólidas, coesas e mesmas fixas apenas passaram a considerar válido e obrigatório o esforço do indivíduo em construí-la, sob a justificativa de que após adquirir uma identidade, seria muito difícil de desintegrar. Na modernidade, a identidade era tida como projeto de vida, e assim deveria ser construída com muito esforço, objetivando chegar a um ponto final. Vejamos:

A construção requeria uma clara percepção da forma final, o cálculo cuidadoso dos passos que levariam a ela, o planejamento a longo prazo e a visão através de consequências de cada movimento. Havia, assim, um vínculo como projeto, sendo a última impensável sem a primeira (BAUMAN, 1998, p. 31).

De acordo com Bauman (1999), por mais que se tornariam identidades construídas, elas tinham um fim, e deveriam ser bem definidas, após serem definidas teriam que ser imutáveis. Assim, qualquer identidade que não fosse totalmente clara, “ficando em cima do muro”, era considerada um problema. Entretanto, na realidade do mundo atual, vivencia-se outro momento, um mundo onde tudo transita, as identidades estão em pleno movimento. Bauman (1998) ainda ressalta que:

O mundo construído de objeto duráveis foi substituído pelos produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas’ (BAUMAN, 1998, p. 112-113).

É preciso que na atualidade, mantenham-se as opções sempre abertas e não se apegue em nada, nem a ninguém. Além disso, não pode se deixar levar por um estilo de vida durável, ao ponto de se tornar um tédio. O autor intensifica seus argumentos, vejamos:

E desse modo a dificuldade já não é descobrir, inventar, construir, convocar (ou mesmo comprar) uma identidade, mas como impedi-la de ser demasiadamente firme e aderir depressa demais ao corpo. [...] O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe (BAUMAN, 1998, p. 114).

Na perspectiva de Bauman (1998), na pós-modernidade, a durabilidade não é mais um valor tão importante e atrativo como foi no passado. É um momento que se difere da modernidade sólida, não se estrutura mais em torno do trabalho, mas em torno do consumo, transformando as identidades em algo a ser consumido.

Nesse sentido, as identidades passam a ser construídas por meio do consumo. Movido pelo desejo, volátil, de curto prazo, serve como estilo agora para as identidades. É o fruto e a semente, o produto e o produtor que fazem as identidades se tornarem líquidas. Bauman (2001) alega que

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de ‘ir às compras’ no supermercado das identidades, o grau da liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias da identidade. Com essa capacidade somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece (BAUMAN, 2001, p. 98).

Assim, passam a ser identidades transitórias, dispensáveis, descartáveis após a satisfação. Bauman (2003), afirma que a identidade surge para substituir a comunidade. Ela passa a substituir a comunidade das normas, regras, padrões de condutas, passa a ser um conforto de um mundo sem bases sólidas, onde a identificação se torna esquivada e ao mesmo tempo frágil.

Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos (BAUMAN, 2003, p. 21).

As construções identitárias são um processo que não tem fim ou destino, em que os próprios objetivos vão sofrendo mudanças antes mesmo de ser alcançados. É um verdadeiro projeto incompleto. Tanto as comunidades como os construtores de identidades devem ser flexíveis e suas atitudes sempre mutáveis e readaptáveis.

Para Bauman (2005), as identidades se tornaram no mundo moderno-líquido mais ambivalentes e líquidas. Deixou-se de preocupar com as aparências e com a coerência das identidades, os projetos de vida não são mais tão acolhidos. Enfim, uma identidade fixada, coesa, solidamente construída é enxergada atualmente como uma limitação da liberdade. O autor ainda esclarece mais acerca de suas concepções, vejamos:

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo, com precedentes e manter-se fiel a lógica da comunidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras (BAUMAN, 2005, p. 60).

Após, uma discussão teórica acerca das identidades na atualidade, período este denominado por Hall de pós-modernidade e para Bauman de modernidade líquida, é

necessário refletir sobre a emergência de identidades étnicas e o seu processo de reconhecimento.

Montes (1996) apresenta a questão de o significado dos movimentos oriundos dos grupos étnicos estarem se organizando politicamente para afirmar, diante da população brasileira, uma identidade étnica e ao mesmo tempo, reivindicando o reconhecimento de seus direitos, na busca de ocupar seus espaços.

Cardoso de Oliveira (1976) afirma que diferente da Psicologia, a Antropologia e a Sociologia se interessarão mais pelo nível coletivo da identidade, sendo assim a identidade étnica é uma forma de identidade social. Os estudos sobre identidade étnica estão culminados no domínio da etnicidade, dessa forma, uma área da Antropologia, onde se analisa os processos atributivos e designativos da identidade, como define Poutgnat e Streiff-Fenart (1999, p. 17), buscam “examinar as modalidades segundo as quais uma visão de mundo ‘étnica’ é tornada pertinente para os atores”.

Athaias (2007) salienta que os estudos sobre a identidade étnica vêm sendo um tema extremamente importante nas Ciências Sociais, pois trata especificamente da relação indivíduo/sociedade. No entanto, o pensamento social sobre as questões étnicas e raciais difundiu uma perspectiva eurocêntrica originado de um “evolucionismo social” (p. 16) em que a história é apresentada por meio de uma linearidade sem levar em consideração os variados contextos políticos e condições sociais na relação que se desenvolve entre o indivíduo e a sociedade.

Sobre a identificação de um grupo étnico, a autora Carneiro da Cunha (1986) afirma que durante um longo período, a definição esteve sobre o domínio da Biologia, tendo como critério racial, identificado biologicamente pelos aspectos físicos, herdados geneticamente. O conceito de cultura como raça só seria superado após a Segunda Guerra Mundial, que tinha como aporte a pureza étnica. Surge então, uma nova compreensão de grupo étnico com o critério de cultura, sendo utilizado para identificar os símbolos culturas manifestados no cotidiano. Porém, as expressões culturais não são suficientes para uma ligação com seus ancestrais, pois as linguagens simbólicas sofrem mudanças ao passar do tempo, principalmente pelos contextos dos ambientes sociais e naturais e com as relações interculturais. A cultura é adquirida, sendo assim, dinâmica, podendo ser alterada. Carneiro da Cunha frisa, ainda, que

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de muito contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova

função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários aspectos. [...] a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados e é preciso perceber [...] a dinâmica, a produção cultural (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 99-101).

Desse modo, a cultura é algo construído, o indivíduo nasce com ela, é por intermédio das suas relações e interações com o local, com a comunidade, com as pessoas e os grupos que convivem e relacionam que a sua cultura vai se formando. Ao mesmo tempo em que ela pode se alterar, se reformular, não tendo uma forma sólida e estável.

Como defende Hall (1998), quando afirma que a identidade de um grupo é algo construído ao longo do tempo por meio de “processos inconscientes”, ela vai se formando por meio da comunicação com outros grupos e da absorção de traços culturais diferentes, sendo dinâmico, em plena construção e reformulação.

Essa ideia de construção social e política faz parte do desenvolvimento dos estudos antropológicos sobre identidade coletiva no modelo, como um grupo se constrói para afirmar uma identidade perante outros grupos com quem se relacionam. Assim, essa construção se forma dentro de uma conjuntura social e política que contribui para sua emergência. Montes (1996) aponta acerca da construção da identidade, afirmando que é

[...] é um processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social em sua relação com os outros grupos distintos. Assim, percebemos que é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar que, uma vez que as sociedades são dinâmicas e vida social não está parada, também a identidade não é só uma coisa fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto onde ela se dá (MONTES, 1996, p. 56).

Dessa forma, a identidade é um processo contínuo de construção. Da mesma maneira que os indivíduos, a sociedade e a cultura não são estáveis e únicos, as identidades vivem se formulando e reformulando cotidianamente.

A ideia de *comunidades políticas* de Weber ([1922] 1991) busca refletir como os grupos se organizam em comunidades étnicas, questionando que esta agregação se daria pela consanguinidade ou com as semelhanças de símbolos culturais, dando atenção a dimensão política dos grupos étnicos, afirmando que alimentam uma “crença subjetiva” de uma origem comum, sendo um sentimento da produção da união étnica. Esses sentimentos de comunidade

estão presentes nas articulações comunitárias éticas com o objetivo a “destinos políticos comuns”. O despertar do agir politicamente estaria por trás de uma estruturação política presente no grupo, atribuído mais para sua constituição do que para a origem comum.

Fredrik Barth (2000) sistematizou a noção weberiana. Contrariando a teoria primordialista, onde analisam os elementos culturais visíveis e materiais, Barth não está preocupado com a estruturação da sociedade, mas com a análise de sua interação e seus contatos. O grupo étnico surge ao criar categorias para se identificar e identificar os outros, instituindo com isso as fronteiras étnicas do *nós* e do *eles*. Ademais, não se pode classificar um grupo partindo da hipótese biológica, cultural ou linguística, mas pela forma como se identificam ou são identificados pelos outros. A cultura, a língua e os aspectos físicos de um povo são dinâmicos, são passíveis de mudanças, porém as formas de se identificar são construídas de acordo com a interação com os outros, e é a partir dela que se organizam como grupo étnico. Sendo assim, grupo étnico é um tipo organizacional.

Dennis Cucho (1999), analisando a visão de identidade construída nas fronteiras de Barth, afirma a contribuição da noção para esclarecer o conflito entre cultura e identidade, o fato de possuir uma cultura particular não implica em uma identidade particular. Lógico que a cultura é levada em consideração, mas o grupo fará uso dos traços culturais mais precisos em uma determinada situação de interação para expressar sua identidade. O importante não é a cultura interna da identidade, “[...], mas os mecanismos de interação que utilizando a cultura de maneira estratégica e seletiva, mantêm ou questionam as ‘fronteiras’ coletivas” (CUCHE, 1999, p. 201). Ou seja, não tem relevância saber se um grupo étnico é tal como se identifica, mas o que leva esse grupo a se identificar de tal maneira.

Fazendo um elo com a temática da pesquisa que resultou nesta Dissertação, o relevante não é saber como os jovens homossexuais se identificam, mas quais os motivos que levaram os participantes a se identificar dessa forma, buscando compreender assim como se dá a construção de suas identidades étnicas na interação com os indivíduos com os quais eles convivem e na comunidade onde vivem.

Cardoso de Oliveira (1976) desenvolve a noção de *fricção interétnica* na década de 1960, onde afirma que a identidade social “supõe as relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento destas relações” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 5). Portanto, a identidade é construída em oposição ao outro, a partir da relação de um grupo com o outro, interétnico.

Sobre o caráter instrumental e político dos grupos étnicos é simples observar que o Estado é quem cria as categorias étnicas e os critérios e benefícios aos grupos étnicos que

emergem na atualidade. A respeito da relação do Estado com a identidade étnica, Maybury-Lewis (2003, p. 14) afirma que a “etnicidade não é uma condição estável senão uma relação negociada entre um grupo e outros, entre estes grupos e o Estado”.

Trazendo para a questão dos homossexuais, os movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970 na América Latina, com ênfase no Brasil, trouxeram a construção de um movimento LGBT no país, que se intensificou nos últimos anos, com o propósito justamente de juntar e construir um grupo que se reconhecesse a partir das identidades sexual e de gênero para lutarem contra as coerções e estigmas sociais advindos de uma sociedade heterocentrada, ao mesmo tempo em que buscavam adquirir seus direitos. No entanto, o Estado busca resguardar os direitos desses grupos, incluindo o dos homossexuais/LGBTQIA+, criando mecanismos de identificação e tutela, mas acaba lidando com um fenômeno complexo que é o de suas identidades étnicas, devido ao seu caráter empírico e ideológico.

Sobre ser um homossexual na pós-modernidade é preciso levar em consideração que há dois lados: um em que existe certa tolerância pelas identidades sexuais que divergem da heterossexualidade, e outro que ainda encontra uma cultura heteronormativa que resulta em intolerância e discriminação aos homossexuais. Assumir uma identidade homossexual, ainda é, na maioria dos casos, um momento de medo, de angústia, de dúvidas e confusões. É um percurso não tão fácil de trilhar, devido a todos esses impasses.

As políticas de identidade se revelam através das ações e ideologias de cada grupo e suas coletividades, seja o movimento feminista, o movimento negro, o movimento homossexual, entre outros. Tais ações buscam conquistar ou manter uma hegemonia e/ou lutam por uma emancipação. Assim, as políticas de identidade buscam uma compreensão das possibilidades de libertação das coerções sociais, tendo a visão que essas não ocorrem com a ausência de determinações, mas na busca de autodeterminação, aproximando-se do ser para si.

Por fim, são claros os perigos da reificação das identidades sexuais em jogo nesse contexto e de seu possível impacto sobre políticas e direitos, que por serem considerados “especiais”, podem ser mais excludentes do que inclusivos. Os fechamentos identitários e a fragmentação social estão no horizonte, e a naturalização de novos grupos étnicos pode continuar a estabelecer fronteiras intransponíveis, sejam elas, heterossexuais ou homossexuais, homens ou mulheres, homossexuais ou travestis, fazendo com que a balança caia cada vez mais para um modelo de justiça social baseado na ideia de “iguais, mas separados”.

2.2 O preconceito e a intolerância

O discurso de tolerância, abordado a seguir, apresenta-se como uma alternativa eficaz de aceitação do diferente, da exceção. Por detrás das práticas tolerantes, manifesta-se a violência, fruto da dominação simbólica, da relação estabelecida entre a aceitação da existência de uma prática sexual correta e instituindo uma experiência envergonhada (escondida) da sexualidade (BORDIEU, 2002).

A sociedade na qual o ser humano está inserido está em constante transformação, quanto às normas, aos valores, às leis e aos costumes que se modificam. Foucault (1983) descreve o surgimento de uma sociedade disciplinar e de controle que nasceu na decadência de uma sociedade soberana, entre os séculos XVII e XVIII, onde o rei tinha total controle sobre os homens e dominava de forma direta o corpo dos indivíduos.

A passagem da Sociedade Soberana – em que o poder estava nas mãos de um soberano pelo qual utilizava da ameaça de morte e da punição como formas de controle – para uma sociedade disciplinar e de controle, com uma lógica de confinamento – como a fábrica, o presídio, a escola, entre outros – através de um modelo panóptico¹⁶ e centralizador do poder e da vigilância de “um sobre todos”. Nessa nova forma de sociedade, não existe mais a figura de um rei, mas grupos setoriais que vigiam e controlam toda a sociedade. Assim, com esse novo modelo de vigia permanente, o Estado encontra a melhor forma de manipular os indivíduos.

Historicamente, a relação de poder se aperfeiçoou. Sendo assim o controle social passou a ser feito por mediação de um regime de ordens impostas, dando origem a uma sociedade disciplinar e de controle. Pois, não importava apenas vigiar, mas era necessário criar um sistema de poder capaz de modelar o indivíduo, transformando-o em um sujeito dócil, útil e disciplinado.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil (FOUCAULT, 1983, p. 127).

Com a decadência das antigas instituições imperialistas, houve a extinção das instituições disciplinar, porém, surgiram novos dispositivos de controle, na qual as

¹⁶ Michel Foucault (1983) desenvolveu o conceito de panóptico para representar as manifestações de um poder maior (que tudo vê e sabe). O panóptico é uma estrutura complexa (que permite ao observador ver sem ser visto), mas o cerne da questão é o conceito de vigilância e acima de tudo o que ela exerce.

ferramentas de controle não foram extintas, junto com a sociedade disciplinar, e sim adaptadas. Desse modo, vem aparecendo a *sociedade de controle*.

Sendo assim, na sociedade de controle, a lógica do poder não é regida panopticamente (FOUCAULT, 1983). A passagem para a sociedade de controle envolve uma subjetividade que não está relacionada a individualidade, mas numa forma, na qual todos vigiam todos. Em que o indivíduo não pertence a nenhuma identidade e pertence a todas.

A visibilidade na sociedade contemporânea passa a ter uma suma importância, a vida cotidiana se tornou visível, o homem comum ganhou uma valorização, os próprios indivíduos passam a exercer uma autovigilância permanente, realizada vinte e quatro horas por dia. As novas tecnologias abrem um caminho para uma visibilidade social, proporcionando uma nova história para a humanidade.

Atualmente, as instituições sociais produzem indivíduos sociais muito mais móveis e flexíveis que antes, mas, há uma lógica disciplinar interiorizada, onde mesmo fora de um local de controle, o ser humano continua governado por certa lógica disciplinar.

Na sociedade contemporânea, os mecanismos de vigilância se intensificaram, onde todos se vigiam e vigiam a si próprio. Com o avanço das tecnologias, os veículos de comunicação em massa passaram a contribuir para o funcionamento do mecanismo de vigilância e controle social, sendo assim a nova forma e tortura do mundo atual.

É notório que a sociedade de controle é um desdobramento da sociedade disciplinar. Novas formas de vigiar foram sendo criadas e assim se intensificaram as formas de punição, criando instrumentos de controle social nesse novo regime de dominação.

Vale ressaltar que no Ocidente os discursos sobre sexualidade durante os séculos XVIII e XIX enfatizaram um modelo de normalidade baseado na “monogamia heterossexual”, apresentando “o casal legítimo” como norma (FOUCAULT, 2014, p. 39). A cultura ocidental criou assim uma ciência da sexualidade. A medicina produziu discursos sobre o sexo. A monogamia heterossexual é tida como regra, ou padrão da normatividade. Caracterizando assim, uma relação entre perversão, delinquência e loucura para com as sexualidades periféricas. Segundo Foucault (2014, p. 43) na década de 1870, a homossexualidade é apresentada como uma categoria conceitual psicológica, psiquiátrica e médica, caracterizada por “sensações sexuais contrárias”.

Foucault (2014) mostra que no Ocidente se moldou uma ciência sexual que produz discursos de verdade sobre a sexualidade. Anunciava uma verdade acerca da sexualidade através do saber médico. De certa forma, há uma opressão do sexo e de práticas consideradas desviantes da norma por discursos que estabelecem relações de poder/saber. Os discursos da

medicina caracterizavam determinadas práticas sexuais como casos patológicos ou anomalias. Tais discursos favoreceram a construção da discriminação, do preconceito e da intolerância perante as determinadas identidades sexuais e de gênero na contemporaneidade.

Na visão de Foucault (2014), o poder incitou uma proliferação de discursos, mediante a família, a igreja, a escola e o consultório médico. Assim, ao contrário do que se parece, essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual, na verdade, visavam o controle do sujeito e da população. O poder estabelecido sobre o sexo dominou e domina nossa cultura e deu um *status* de naturalidade para relação binária de norma reprodutiva e heterossexual. Como aponta Louro a seguir:

[...] muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo ou mesmo de natureza (LOURO, 2000, p. 6).

Nota-se que a sociedade ocidental se organizou sobre padrões normativos rígidos, com premissas de “naturalidade” fazendo com que os indivíduos que por determinados motivos fogem da norma e se constituem de diferentes maneiras. Tudo isso de forma imposta na sociedade, esbarrando na manutenção do poder, tendo que enfrentar coerções para ser e viver com suas identidades.

As instituições sociais se estruturaram nas diversas configurações de grupos humanos para ajudar na manutenção da disciplina. Por isso, os indivíduos fazem alusão para questões como família, escola, casamento, cirurgias de resignação dos corpos, ritos sociais etc.

O processo de normatização disciplinar tinha como base a masculinidade e conseqüentemente a heterossexualidade, passou a produzir corpos dóceis e destinados a uma conformidade seguidos por um padrão em dois polos. Criou-se, assim, limites entre o masculino e o feminino sob uma lógica binária, excluindo, ou pelo menos, negando, eventualmente, a pluralidade de identidades e vivências em relação ao sexo, gênero e sexualidades.

É necessário refletir como se deu esse processo e mais importante ainda é atentar para os impactos psicossociais, econômicos e culturais, afetivos que sofrem aqueles, incluindo os

homossexuais, os quais atualmente são vistos como “os outros”, em uma sociedade fixada no poder. Acerca dessa questão, Louro (2000) ressalta que

Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos, e então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000, p. 9).

Os homossexuais, lésbicas e os bissexuais tendem e enfrentam o preconceito e a discriminação de um discurso heterossexual dominante, o qual foi sendo construído com o passar do tempo. Como discorre Bento e Pelúcio (2012) uma realidade que é marcada pela subjetividade do ódio e da extrema violência contra o “outro”, compreendido como abjeto social numa sociedade heteronormativa.

Nesse sentido, os homossexuais avançam pelas possibilidades de resistência na qual estabelecem o próprio poder, vislumbrando os determinados caminhos que possam quebrar os paradigmas, das normas e dos padrões pelo viés da diversidade. Não é um percurso fácil, pois a descoberta da orientação sexual já esbarra em um momento confuso, cheio de dúvidas e medo. Medo da reação da família, dos amigos e da sociedade no geral. A revelação é outro momento que traz duas possibilidades: o da rejeição ou não. Isso, por si só, acarreta ao sujeito homossexual uma crise de identidade.

Os homossexuais buscam criar estratégias para conviver com a homossexualidade, numa sociedade na qual tende a rotular as identidades sexuais, ao mesmo tempo, que os discursos de ódio e a violência permeia em todos os espaços e instituições. Nesse contexto, a escola e a educação podem assumir um papel de suma importância no combate à discriminação de origem sexista e LGBTfóbica através da desconstrução dos pressupostos heteronormativos apresentados de forma naturalizada pelos indivíduos (LOURO, 2004). Pois a escola é um espaço de encontro e ao mesmo tempo de conflito de diversos grupos com todas

as suas características. No entanto, o ambiente escolar tem a função de apresentar aos que ali estão a pluralidade dos indivíduos e os diversos modos de ser e de viver.

Desse modo, as diversidades apresentam as possibilidades de brincar com as fronteiras e de borrar com as demarcações. Não se trata de escolher um ou outro, uma coisa ou outra, uma ou outra, ou nenhuma. Uma nova forma de construir e reformular as identidades sejam elas de gênero ou sexuais. Da qual o indivíduo não precisa conformar e aceitar uma determinada definição para a construção dos seus corpos e desejos, mas tem a alternativa de se jogar numa chuva de possibilidades e de pluralidades, sem rótulos.

CAPÍTULO III – AUTOACEITAÇÃO E “SAÍDA DO ARMÁRIO”

A visibilidade e o poder que se pretende dar ao movimento LGBTTTT são ao mesmo tempo, “[...] um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 111).

3.1 A autoaceitação e a dor social

A autoaceitação costuma ser complicada e, na maior parte das vezes, vem acompanhada da dor social. Se aceitar do jeito que é lida com diferentes aspectos na vida das pessoas, abrange variados conceitos e acarreta o sofrimento diante dos preconceitos, sejam na família, na escola, no trabalho e na sociedade, o que é justamente a causa da dor social, que consiste no sentimento que as pessoas adquirem em relação a serem excluídas ou rejeitadas no grupo ao qual estão inseridas.

Diante disso, a adolescência é uma das fases de maior mudança na vida de qualquer pessoa, é onde ocorre um turbilhão de sentimentos e a autoaceitação está presente nesse período. Os jovens homossexuais aqui abordados trazem em suas histórias de vida toda a transição pela qual passaram até a autoaceitação da sua homossexualidade, em que relatam os preconceitos, as violências e as opressões que permearam suas trajetórias até, de fato, assumirem suas identidades sexuais.

A identidade sexual, tanto para os heterossexuais ou para os homossexuais, não se trata de algo que uma pessoa escolhe. Assim como os heterossexuais, os homossexuais descobrem sua sexualidade no processo de crescimento. A única decisão plausível que o homossexual pode tomar é a de viver sua vida da forma que é, ou infelizmente, de acordo com que a sociedade espera dele. Resumir a homossexualidade como ato de escolha de um indivíduo é ignorar toda dor, rejeição, preconceito e confusão que tantos homossexuais passam quando descobrem sua orientação sexual.

Pinto (2001) reforça que ser homossexual não é uma escolha, mas uma descoberta. A escolha se remete em viver ou não tal sexualidade. Sobretudo, o importante é que essa pessoa se aceite, para que viva uma vida mais tranquila, e que possibilite lidar com todas as dificuldades que um homossexual tende a enfrentar em uma sociedade heteronormativa.

É até incompreensível pensar que uma pessoa escolheria livremente uma identidade sexual que a deixaria exposta à rejeição por parte dos familiares, dos amigos e da sociedade. Esse preconceito também exclui os homossexuais que tentaram viver a sua vida como heterossexuais, escondidos atrás de uma fachada de casamento, porém se sentido vazios e

deprimidos. Isso apenas reforça que há ainda muito para se descobrir e aprender sobre a sexualidade humana. Costa (1994) aponta que as pessoas são classificadas e moldadas, e ser diferente exige coragem para enfrentar os preconceitos.

Assumir-se, geralmente, acarreta sofrimento para a pessoa que não se enquadra nas regras da maioria, como no caso dos homossexuais. O preconceito gera exclusão e o medo de ser excluído pesa na mente do indivíduo. Além disso, a maioria das famílias, que também é o caso dos jovens homossexuais desta pesquisa, criaram seus filhos para a heterossexualidade, é a partir disso que emerge alguns conflitos: quando se descobre que é diferente daquilo que a sociedade estabeleceu.

Quando eu comecei a entender que eu era gay, me deu muito medo, não sei explicar o porquê direito, só sei que por eu ser o único filho homem, entre aspas, eu sentia que ia me tornar uma decepção para minha família, ainda mais para o meu pai [...]. Eu cresci sendo ensinado a ser o homem da família, que ia ter filhos, mulher, quando vi que isso não seria possível, foi uma decepção até pra mim (BICHA, 2020).

É notório que numa sociedade heteronormativa quem se desvia dessa norma tende a entrar em conflito com o outro e até com si mesmo. O outro que tenta de todas as formas moldar o que está desviado, ao mesmo tempo em que tais constrangimentos acabam o deixando confuso em uma verdadeira crise de identidade. É justamente aí que o indivíduo se torna diferente para o outro e até para si mesmo.

Alguns estudiosos explicam que uma das maiores dificuldades do ser humano é conviver com as diferenças. E são algumas delas que possibilitam o preconceito, um dos motivos que dificultam ainda mais a autoaceitação. Para Powell (1999), a autoaceitação significa que a pessoa está em plena consciência de seus desejos e atividades físicas, psicológicas e espirituais; ao mesmo tempo em que, sentem-se à vontade com seu corpo, com suas emoções, com seus impulsos, pensamentos e desejos.

Para o homossexual, lidar com as diferenças, assim como obter a autoaceitação é um processo complicado. Como a homossexualidade faz com que o indivíduo se sinta diferente, e, assim, acaba por sentir medo de ser excluído e rejeitado, como podemos observar na fala da Bicha, na última citação, e isso o impede de se assumir para os demais. Porém, é necessário salientar que esta não é uma realidade de todos, já que muitos homossexuais não passam por conflitos quanto à sua identidade sexual, Pinto (2001).

Costa (1994) explica que para se aceitar como homossexual, a pessoa passa por quatro etapas: o sentir-se diferente, o começar a dar um sentido sexual a essa diferença, o

reconhecer-se como homossexual por meio do papel afetivo-sexual com os outros e, por último, o aceitar esses sentimentos e esse modo de vida. Essas etapas são vivenciadas pelo homossexual ao longo de sua vida.

Desse modo, a maioria dos gays se descobre ainda na infância, fase em que estão inseridos no contexto educacional, onde aprendem sobre os aspectos sociais, éticos e culturais da vida, pelo que aponta Miskolci (2009), expressam os preceitos da heterossexualidade com seus propósitos e obrigações sociais, e estabelece a heteronormatividade como sendo fundamental e natural na sociedade. E, assim, segue para adolescência nesse mesmo contexto, em que Isay (1998) afirma como se torna uma tarefa difícil desenvolver a identidade sexual estável, formado por um processo complexo e dinâmico de amadurecimento, quando os dilemas são maiores, principalmente pelo surgimento dos desejos sexuais que se soma a todas as mudanças hormonais e fisiológicas.

É na adolescência que aumenta a curiosidade e a falta de informações necessárias que dificultam e acarretam problemas, justamente quando se inicia o mais importante desenvolvimento da sexualidade com os primeiros contatos sexuais. Ainda nessa fase a homofobia pode estar presente, causando medo da rejeição, que, segundo Taquette (2005) faz com que esses jovens se recluam, colocando até a própria saúde em risco, adotando a maior parte das vezes comportamentos de risco, como isolamento, uso de drogas, delinquência, fugas de casa, violências, dentre outros.

Meus pais era e são ainda muito religiosos, na verdade toda família, até eu era, hoje não mais, então era muito difícil conversar isso com eles, até porque nem eu me aceitava, a coisa era feia, na escola eu tinha medo até de ir pra fila da merenda, como eu tenho um jeito afeminado, os meninos ficavam com piadinhas de mau gosto. Eu também não tinha coragem de falar para meus amigos, eu tinha medo deles não me aceitar e se afastar de mim (BICHA, 2020) [*sic*].

O medo de ser rejeitado pela família, pelos amigos e na comunidade onde mora levou Bicha a sentir-se solitário e perdido. Esse sentimento é muito comum aos jovens homossexuais na fase que descobrem sua sexualidade. E é quando optam por permanecer em um lugar fechado, em que de alguma forma possam se proteger, porque até quando você não se assume, você não é taxado como o desviante.

O conservadorismo e a heteronormatividade fortificam a imagem do errado, que é disseminado no meio social, como o religioso, por exemplo, que segundo Lima (2006) chegam a impor sofrimento psíquico e estimulam o ódio social, mesmo a Igreja Católica

reconhecendo que nenhuma pessoa pode agredir física ou verbalmente, e nem julgar os homossexuais.

Para muitos jovens sem experiência social, o parentesco familiar é a única coisa que eles conhecem profundamente. Então, o jovem homossexual espera da família todo o apoio que é necessário para enfrentar as dificuldades, que não são poucas. Muitos jovens homossexuais sofrem por conta do medo da família, outros desistem e seguem outros caminhos em busca de aceitação. E é nesse meio familiar que muitos gays se deparam com a homofobia, segundo Schuman (2010), tornando um fenômeno rotineiro na vida desses indivíduos. E é também nesse meio que surgem as primeiras punições, de graus diferentes que podem chegar à crueldade.

Antes de me assumir eu escutava umas coisas dos meus pais que me machucava, eu via que eles não falava pra mim, mas falavam do que eu era, e eles falavam com nojo, mas isso mudou [...]. Eu sempre digo que eu nasci viado para desconstruir minha família, uma família dita tradicional brasileira, mas que agora tem uma poc bastante afeminada... Depois que eu me aceitei, que eu aceitei minha identidade sexual, me senti livre para viver como eu queria, e o que mais amei foi que tive o apoio da minha família, agora a sociedade homofóbica que lute (BICHA, 2020). [*sic*]

Formando a tríade de aceitação, seguindo da autoaceitação e a aceitação familiar, surge a aceitação social, que vem da própria sociedade, o próprio mundo real, onde encontram-se todo tipo de pessoas e dilemas. Assim, o jovem homossexual que tende a sofrer dentro da própria casa terá que enfrentar a sociedade, que agrega inúmeros grupos identitários e movimentos sociais, mas, que mostra também, segundo Guimarães (2015), o outro lado preconceituoso e discriminatório, com imposições da sociedade capazes de disseminar barbaridades e ódio aos homossexuais, causando agressões verbais, psicológicas, físicas e até mesmo a morte.

Diante de todos os problemas que ferem a integridade não somente do homossexual mais também de toda a comunidade LGBTQ+, é necessário trazer à tona discussões que têm como centro os homossexuais, para auxiliar na compreensão de como eles se sentem, de que maneira constroem as suas identidades e como o processo de autoaceitação e aceitação, tanto familiar como social, interferem em suas formações identitárias, a exemplo dos quatro jovens homossexuais desta pesquisa, que de maneiras variadas enfrentaram e enfrentam no seu cotidiano o estigma em relação à homossexualidade tanto na convivência com suas famílias, como na comunidade onde vivem e na sociedade em geral.

3.2 A “saída do armário” e os desafios de jovens homossexuais

Com o estabelecimento da anormalidade da homossexualidade fez com que muitos homossexuais que não seguem a heteronormatividade buscassem medidas que os protegessem contra o preconceito gerado por essa norma. Sendo assim, essa ideia de “esconder” a sexualidade e não “revelá-la”, nasce desse pensamento de certo e errado, natural e pecado, que de certa forma, aparenta que o indivíduo homossexual tende a “confessar” a sua orientação sexual, ao mesmo tempo em que surgem vários obstáculos que dificultam que eles “saiam do armário”.

É nesse sentido que surge o “armário” como uma maneira de não revelar sua orientação sexual, determinada como errada pela sociedade heteronormativa. Sedgwick (2007) mostra que o “armário” nada mais é que um controle da sexualidade humana, uma forma de reforçar a heterossexualidade visível e negar a homossexualidade, gerando assim uma fronteira entre heterossexuais e homossexuais.

Nesse viés, se estabelecem fronteiras entre os ditos “corretos” e os “incorretos”, marginalizando o segundo e valorizando o primeiro, ou seja, considerando, no caso, os homossexuais como estranhos que fogem à regra e incentivando-os a permanecerem no silêncio profundo de suas sexualidades consideradas desviantes da norma.

A vida no armário representa um conjunto de fenômenos sociais, em que se “assumir” com uma orientação sexual que se difere da regra exposta pode gerar sofrimentos, angústia e até a morte. Então, com todos esses motivos que causam medo, muitas pessoas preferem se “resguardar” para evitar o pior, sendo forçadas a escolher aparentemente um “caminho mais fácil” que é justamente a invisibilidade de suas sexualidades.

Eu me assumi aos quinze anos, mas foi um processo muito difícil até aí... desde meus dez, onze anos quando me vi homossexual, tive que conviver com isso guardado só pra mim, o medo era grande. Eu evitava ir até na praça de Barra Nova porque como eu andava rebolando o povo já começava a falar, eu escutava as piadinhas, os meninos me chamando de viadinho, aquilo me dava muita raiva, mas eu me escondia, porque me faltava coragem de enfrentar, e eu tinha medo de meus pais descobrirem (BICHA, 2020).
[sic]

Como forma de se “proteger” em uma sociedade que oprime, marginaliza e busca a qualquer custo “endireitar” os comportamentos subversivos, segundo Mott (2002), uma grande parcela de homossexuais, como pode-se observar no relato da Bicha, busca-se, então,

proteção na invisibilidade de sua sexualidade, porém essa não é uma escolha livre de sofrimento individual. Nesse sentido, Miskolci (2009) enfatiza:

Portanto, o closet não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da “coragem” ou “capacidade” individual. Em contextos heterossexuais, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimento (MIKOLCI, 2009, p. 172).

A revelação de tal “segredo” se mantém em uma verdadeira negociação contínua da pessoa com o mundo. É aí que surgem diversos questionamentos como o que deve ou não ser feito: “sair ou permanecer no armário? Será que devo “revelar” ou “esconder”? Como o farei? Para quem o farei? Por que o farei? Que mudanças ou reações devem esperar? O que pode acontecer após isso? Serei expulso de casa? E se isso acontecer tenho para onde ir e me sustentar? Esses indivíduos passam por um processo complexo, ora libertador, ora ameaçador, que oscila em diversos momentos e situações do cotidiano. Nessa perspectiva, Mott (2002) compreende que:

[...] o amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio, o que redundou na internalização da homofobia por parte dos membros da sociedade global, a iniciar pela repressão da própria família, no interior das igrejas e da academia, inclusive dentro dos partidos políticos, das entidades voltadas para a defesa dos direitos humanos (MOTT, 2002, p. 143-144).

Por mais que se pareça simples o “sair do armário”, essa ação pode causar diversas dúvidas e anseios aos indivíduos. Dependendo do contexto de cada um podem surgir diversas implicações e situações constrangedoras.

Só que eu acho que ao mesmo tempo a gente não devia ficar se prendendo em rótulos, por exemplo, é porque, por exemplo, eu sei que eu sou gay mas tem, eu conheço muitas pessoas que ficam sempre nessa dúvida, nessa transição, ah, agora eu tô gostando de menina, agora eu tô gostando de menino, aí, a cabeça começa a ficar louca, não sabe o que que é, começa a querer se encaixar numa coisa, eu acho que isso é, eu acho que isso não precisa ser [...], claro que na hora do desenvolvimento cê vai ter que separar né, até porque eu como gay, eu me declarando gay eu sei que eu tenho mais privilégios que uma mulher lésbica. Mas nessa questão de se prender em caixa já não acho necessário só em casos de reconhecer meus privilégios e os que são retirados e mim no caso [...] (VIADO, 2020). [sic]

A ação de sair do armário recorre a uma dimensão tanto pessoal, quanto política, ao mesmo tempo, que nem sempre se trata de uma escolha. Assim, sair ou não do armário pode não configurar uma opção, seja pelo fato de outras pessoas forçarem a “saída do armário” ou pela dificuldade de se enquadrar em comportamentos exigidos para ser reconhecido como homem ou mulher dentro da sociedade. Sendo assim, o posicionamento de permanecer no armário é uma estratégia que poucos usam para tentar evitar a opressão heteronormativa.

[...] antes de assumir para minha mãe, meu irmão me perguntou se eu era e falou que não tinha nenhum problema, que ele ficaria até mais feliz se eu fosse, mas eu senti que não estava preparado pra contar. Minhas irmãs também aceitaram super bem, ficam uma vez por mês me ligam pra perguntar se eu já arrumei um namorado [...] (MONA, 2020). [sic]

Minha mãe como é mais histérica como eu, me deu vários conselhos quando soube que eu era gay, falou para eu não dá ousadia pra vagabundos, meu pai é mais quieto e calado ficou. Minhas irmãs me aceitaram de boas, com o tempo eles foram se informando, conhecendo através de mim a luta de ser homossexual, e hoje me ajudam a enfrentar todo mal que tem nesse mundo aí fora, sair do armário foi a melhor coisa que fiz, mas cada um tem sua hora, mas eu só sei que pra lá não volto nunca mais, ainda mais que tenho rinite [...] (BICHA, 2020). [sic]

Portanto, como mostra os relatos transcritos anteriormente, os desafios ao “sair do armário” não são poucos, a grande maioria dos gays os enfrenta ao revelar sua homossexualidade. Situações constrangedoras são descritas por muitos homossexuais, caso dos jovens homossexuais *Bicha* e *Mona*, que serão melhor detalhados à frente, principalmente ao revelar a sexualidade para a família, no caso do *Viado* ele se distanciou de seus parentes por não aceitarem sua identidade sexual. Uma realidade que se aproxima de muitos e muitas pelo mundo. Lógico que existem famílias que acolhem seus filhos homossexuais como ocorreu com *Bicha*, dando todo o apoio necessário, mas que se preocupam pelo que o filho pode vir a sofrer na sociedade.

Outro ponto que podemos refletir nas falas de *Bicha* e *Mona* é o acolhimento que vem mais por parte da mãe. Desde o período momento, com o desenvolvimento industrial e tecnológico, as mulheres foram ganhando espaço dentro das famílias, esta como instituição passou por diversas modificações que romperam com velhos papéis tradicionalistas que adivinham desde o medievo. Assim, na sociedade contemporânea, a mulher vem lutando em busca de equidade e tenta diminuir as desigualdades de gênero. Esses papéis se modificaram também no que diz respeito ao papéis do pai e da mãe nas famílias formadas por pessoas heterossexuais. Diante disso, a mãe em muitos casos tende a compreender e acolher o filho

homossexual primeiramente que o pai. Ao contrário do homem, as mulheres por séculos e viveram sob o domínio do machismo, colocadas como submissas, talvez isso justifique o fato de diversas mães compreenderem ao invés de atacarem ou de pressionarem o filho homossexual, e sim tendem a apoiá-lo, visto que já existe uma sociedade que vai o perseguir, condená-lo e julgá-lo apenas por ser gay.

3.2 Os percursos de aceitação e/ou rejeição

No Brasil, ser homossexual é muito mais complicado do que se possa imaginar. Está evidenciada na discriminação, os reflexos do machismo e da homofobia. Se assumir perante a sociedade acarreta para o gay medo, angústia, entre outros sentimentos que atravessam essa fase. O movimento homossexual no Brasil teve seu início registrado na segunda metade dos anos 1970 e o termo movimento homossexual passa a ser associado a um conjunto de grupos e entidades institucionalizadas, mas não muito legitimadas pela sociedade, tendo o objetivo de garantir os direitos à livre orientação sexual, uma política voltada para pessoas que se reconhecem como gays, uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento.

No Brasil, o primeiro momento ou onda como alguns estudiosos reconhecem, corresponde ao surgimento e alargamento do movimento durante o período de abertura política no país sendo o tema amplamente discutido com publicações acadêmicas.

Nesse momento, a região Sudeste se destaca e os movimentos sociais, a partir do enquadramento da Lei, sofrem parada por serem considerados libertinos aos olhos do Estado. Esse movimento na primeira metade dos anos 1980, ganha retomada do regime democrático, mas acaba sendo acusado de expandir a AIDS, e há ataques em diversos setores da sociedade, principalmente, no religioso.

A Constituição Federal, em seu Art 5º, dentre seus fundamentos, aponta a dignidade da pessoa humana, direito pelo qual a comunidade de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Travestis (LGBTTQ+) vem lutando para provar que são dignos como qualquer outro cidadão e que gozam dos mesmos direitos.

A dignidade – base do reconhecimento de todos os direitos da pessoa – ainda só pode ser conseguida, na maioria das vezes, apenas pela via jurídica. Um dos primeiros Direitos Humanos na Declaração Universal é a garantia dos Direitos Individuais. A Constituição Federal, Art 5º, declara que todos os cidadãos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza: raça, cor, religião, entre outros.

A Constituição Federal, por sua vez, prevê punição para qualquer discriminação que atente contra os Direitos e Liberdade Fundamentais, além de dispor, que cabe ao Estado assegurar instrumentos adequados, para que a proteção de toda e qualquer forma de tratamento desumano, contra qualquer pessoa, seja praticado por órgãos públicos, ou por outras pessoas (Constituição Federal/1988, Art 5º, III e X, LII).

O professor e militante Luiz Mott apresenta algumas atitudes homofóbicas e heterossexistas em seu artigo “*A Construção da Cidadania Homossexual no Brasil*” (2006), mostrando exemplos que ocorreram na mídia nacional, que ainda em pleno Século XXI é uma das formas que muitas pessoas têm de obter informações e conhecimento, ao adentrar as casas do povo brasileiro levam ideias preconceituosas e estereotipadas, como Mott descreve alguns acontecimentos a seguir:

Na Universidade de Santa Cruz, RS, foram distribuídos panfletos e adesivos com a seguinte palavra de ordem: “*Mate um homossexual!*”. Em um dos programas de maior audiência popular, quando ainda na TV Record (da Igreja Universal), a apresentadora Ana Maria Braga divulgou a seguinte piadinha: “*Você sabe qual é a maior tristeza de um pai caçador? Ter um filho veado e não poder matar!* [...] Carecas de Santo André, SP, distribuíram panfletos com a seguinte palavra de ordem: “*Destrua os homossexuais!*”. E alguns meses depois, em janeiro de 2000, dezoito skeenheads trucidaram um jovem gay, Edson Néris, na Praça da República. Espumando de ódio, num programa de TV, o deputado paulista Afanazio Jazadi declarou: “*Todo homossexual deveria ser morto!*”. Policiais do 16º Batalhão da PM de Salvador proclamaram: “*A ordem é metralhar os travestis!*” (MOTT, 2005, p. 101).

Para Foucault (2014), a sociedade criou dispositivos que regem a conduta sexual das pessoas. Assim, organizam o que é dito e sabido sobre a sexualidade humana. O “pode saber” é um dispositivo que carrega toda uma verdade moral, originando os padrões de atos puros e impuros, naturais e não naturais. Assim a sociedade vem ditando normas e impondo padrões, criando as várias nomenclaturas da sexualidade humana: heterossexuais, homossexuais, bissexuais, entre outros, concebendo então, identidades limitadoras, que atravessam as sexualidades humanas, e normatizam os corpos e desejos afetivos sexuais.

CAPÍTULO IV – PESQUISA “IN LÓCUS”: COMUNIDADE BARRA NOVA NO MUNICÍPIO DE BARRA DO CHOÇA – BAHIA

4.1 Os caminhos da pesquisa

Para iniciar este capítulo, ressalto que essa pesquisa faz parte do sonho de um homossexual, que nasceu em cidade pequena, mas sentiu na pele a maldade de uma sociedade que oprime as pessoas por ser fora do padrão, seja por ser gordo, magro, preto ou gay. Mesmo tendo crescido e se assumido em uma comunidade pequena, comunidade esta que é mesma dos jovens que narram suas histórias de vidas para que possamos compreender as construções de suas identidades, atravessando modelos de famílias, compreendendo os seus processos de autoaceitação e “saída do armário”.

É necessário problematizar que locais, lugares e comunidades afastadas das grandes metrópoles, com populações diversificadas e predominante idosa como Barra Nova, é onde acontece diversos casos de violências de todas as formas, desde física até sexual e que podem levar à morte. A realidade desses locais é muito diferente, viver em um lugar onde todos se conhecem e que enxergam você como estranho, é doloroso.

A trajetória acadêmica do pesquisador o auxiliou para chegar até aqui, enxergou na universidade um caminho para ser e viver da forma que é. Mesmo se revelando muito jovem à sua família, ainda sentia vergonha do seu jeito afeminado de andar, de falar e de ser. No ano de 2012 ao ingressar no curso de Licenciatura em História da UESB, no *campus* de Vitória da Conquista, foi como a conquista de uma “liberdade” e a descoberta de um mundo além da comunidade na qual cresceu.

A partir de então, começou a desconstruir tabus nos quais estava acostumado a conviver e a reproduzir, e ao encontrar com os LGBTQ+, viu uma representatividade identitária que na localidade na qual morava não existia até aquele momento. Debruçou-se a estudar e investigar na área de sexualidades, ao qual em sua monografia fez uma revisão de literatura acerca do papel da escola e do/a professor/a no combate a homofobia nos espaços escolares, visto que a escola também é um local de violência e discriminação, e que muitos homossexuais tendem a enfrentar situações constrangedoras e de opressão.

Sendo assim, com toda essa trajetória acadêmica e de vida, vem construindo sua identidade e militância, e foi neste impulso que deu continuidade a carreira acadêmica chegando ao mestrado. Tendo sua comunidade onde cresceu como campo, construiu um projeto pensando na construção das identidades étnicas dos jovens homossexuais dessa

comunidade, identidades essas, que tiveram ou têm que percorrer um caminho que perpassa entre a autoaceitação, a “saída do armário” e aceitação por parte da família e da sociedade, sendo que em muitos casos, passam pela dor social, ao lidarem com o medo da rejeição e da discriminação por parte do pai, da mãe, dos parentes e da população em geral.

Antemão se faz necessário conhecer um pouco da comunidade, na qual os quatro jovens homossexuais deram seus primeiros passos, falaram suas primeiras palavras, tiveram suas primeiras experiências na escola, ao mesmo tempo em que foram crescendo, chegando à adolescência, descobrindo os segredos de seus corpos e quando surgiram seus primeiros desejos afetivos sexuais.

Barra Nova é uma comunidade pequena, mas com características próprias, possui uma população idosa onde carrega suas crenças, valores e moral, que em diversas vezes são usados para justificar tais discursos e atitudes que são discriminatórios e preconceituosos e que ferem o outro. É justamente nesse contexto que esta pesquisa tem um papel fundamental ao analisar, por meio das experiências de vida desses quatro jovens gays, que tiveram que enfrentar estigmas, rejeição, o medo ao se descobrirem que se identificavam com uma sexualidade que a sociedade reprimia e julgava como desviante.

Assim, Barra Nova é um distrito do município de Barra do Choça no Estado da Bahia, situada a cerca de quarenta e três (3) quilômetros de Vitória da Conquista, e quinhentos e trinta e nove (539) quilômetros da capital Salvador. A população do município, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020 contava com cerca de 34.788 habitantes, destes pelo levantamento municipal realizado em 2014, Barra Nova tinha um número aproximado de oito (8) a dez (10) mil habitantes.

Figura 1 – Distrito de Barra Nova



Fonte: Acervo do pesquisador (2019).

Figura 2 – Bairro Edgar Brito no Distrito Barra Nova



Fonte: Acervo do pesquisador (2019).

Figura 3 – Centro do Distrito de Barra Nova



Fonte: Acervo do pesquisador (2019).

A pesquisa *in lócus* revela uma comunidade pequena, porém a maioria dos habitantes carrega traços conservadores e valores que são passados de geração a geração. As crenças religiosas, principalmente no que refere à religião cristã – protestante e católica – que

predomina em Barra Nova trazem estereótipos que rotulam corpos, performances e sexualidades.

Nas narrativas dos colaboradores, a religião se torna um desafio principalmente na fase de autoaceitação e na revelação das suas sexualidades para as famílias, pois adentram numa questão conservadora de que para “ser homem é necessário ser heterossexual”, e as famílias utilizam de discursos religiosos cristãos para afirmar essa vertente, predominando a heteronormatividade, em que colocam todas as outras sexualidades que se diferem da heterossexual como desviantes. Sobreviver e conviver em Barra Nova, um dos narradores – *Mona* – conta que “não acha fácil por conta da pressão social que você tem de ser, entre aspas, normal, e você acaba se sentindo mal com isso, acaba tendo crise de ansiedade”.

Nesse sentido, para o entendimento das construções das identidades desses jovens homossexuais, Hall (1998) colabora com a perspectiva de que as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, descoladas e fragmentadas, e isso é notório mesmo dentro do conceito de ser homossexual que sai de uma normatividade heterossexual e que recai também na familiar. Então, se o sujeito está se tornando fragmentado, composto não somente de uma, mas de várias identidades, às vezes podendo ser contraditórias ou não resolvidas nesses conflitos e lutas, o próprio processo de identificação entre o sujeito e as formas culturais de representação torna-se provisório, variável e problemático.

Portanto, as experiências desses jovens em relação às suas famílias e no convívio da sua comunidade perpassam por conflitos e lutas identitárias de reconhecimento. Ao revelarem-se homossexuais, enfrentam a rebeldia daqueles que veem a homossexualidade como uma sexualidade repugnante e desviante, e é justamente esse o objetivo que esta pesquisa tem, de compreender como esses jovens homossexuais constroem suas identidades perpassando entre a descoberta, a autoaceitação e revelação de suas sexualidades diante suas famílias e sua comunidade.

As entrevistas foram realizadas dentro desse contexto, cuja coleta de informações *in lócus* visa analisar a categoria homossexualidade, atrelando aos estudos sobre famílias, identidade étnica e etnicidades

4.2 As entrevistas realizadas

A pesquisa é feita com a colaboração de quatro colaboradores – cisgêneros, jovens, homossexuais que residem no Distrito Barra Nova – Bahia. Aplica-se a técnica de entrevistas semiestruturadas e busca compreender como se dão as construções identitárias étnicas

perpassando entre a autoaceitação e a saída do armário, norteado pelo fenômeno da homossexualidade.

Por atender as solicitações dos colaboradores e a orientação do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, se estabelece o critério de não identificar os seus verdadeiros nomes. Na utilização das falas, os registros são assinados por codinomes de *Bicha*, *Poc*, *Mona* e *Viado*, de maneira que haja o sigilo e seus nomes sejam preservados, garantido assim, a fidedignidade. Os quatro colaboradores têm idades entre 18 e 25 anos, possuem trajetórias de vidas diferentes, ao mesmo tempo em que alguns pontos pareçam semelhantes, indicam singularidades diferentes.

O trabalho de campo se desenrola em etapas e atende a abordagem da metodologia da História Oral. Em um primeiro momento, a escolha dos colaboradores foi definida previamente, foi utilizado como critério, jovens com idade acima de dezoito e máximo de 25 anos de idade, que se identificam como homossexuais, levou-se em consideração os arranjos familiares de cada um, e que fossem moradores do Distrito Barra Nova, no município de Barra do Choça – BA. Estipulou-se um total de cinco colaboradores, porém houve a desistência de um, permanecendo quatro, em um espaço de formação de uma rede de colaboradores que se interessaram em colaborar com a investigação.

Quadro 4 – Dados dos colaboradores

NOME	Poc	Mona	Bicha	Viado
IDADE	18 anos	20 anos	25 anos	18 anos
IDENTIDADE DE GÊNERO	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero
ORIENTAÇÃO SEXUAL	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual
RAÇA	Autodeclara-se negro	Autodeclara-se branco	Autodeclara-se pardo	Autodeclara-se preto
ESCOLARIDADE	Ensino Médio incompleto	Ensino Superior em curso	Ensino Superior	Ensino Médio
CONDIÇÃO SOCIAL	Oriundo de família de baixa renda	Oriundo de família de baixa renda	Oriundo de família de classe média	Oriundo de família de baixa renda
COMPOSIÇÃO FAMILIAR	Pai, duas irmãs e uma sobrinha	Mãe	Mãe e pai	Mãe e irmão

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2020).

Após o primeiro contato com os colaboradores, foram estabelecidos agendamentos individuais, atendendo às solicitações de horários e lugares para a realização das entrevistas, preocupando-se com as particularidades de cada um. Primeiramente, optou-se em fazer todos

os esclarecimentos sobre a pesquisa e tirar as dúvidas possíveis, com a apresentação e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nesse encontro, foram realizadas as entrevistas, com uso de gravador de voz, por motivos pessoais, as entrevistas ocorreram na casa do pesquisador responsável pela pesquisa, ao qual os colaboradores sentiram-se mais à vontade para relatarem suas trajetórias de vida. As entrevistas foram direcionadas para eixos estruturantes relacionados às questões de homossexualidade, família e os processos de autoaceitação e revelação da sexualidade de cada um.

Utilizando-se da entrevista semiestruturada como técnica para coleta das informações necessárias nas entrevistas, foi organizado um roteiro de perguntas, iniciando-se com uma pergunta norteadora que fosse tranquila e passasse essa tranquilidade para os colaboradores, onde a partir dessa foram surgindo outras perguntas até mesmo que não estivessem no roteiro, mas se faziam necessárias para a pesquisa.

Por fim, depois de realizadas as entrevistas, com as gravações em mãos foi realizada a transcrição de cada uma para logo em seguida dar início a etapa de discussões e análise dos relatos.

4.3 Narrativas do “eu” e “os outros”

Ao serem questionados sobre a fase em que se descobriram homossexuais, foram percebidos em suas falas aspectos peculiares do cotidiano que mostram os fenômenos vividos nas trajetórias de cada um, que envolvem conflitos, medo, angústia, entre outros sentimentos que reforçam os desafios enfrentados em busca da autoaceitação. Para conhecê-los um pouco mais, foi solicitado de imediato que eles se apresentassem e descrevessem sobre seus cotidianos, suas famílias, e suas vivências. Assim, eis uma síntese desses autorrelatos dos colaboradores.

Ah, eu moro com meu pai, minhas duas irmãs, e minha sobrinha. Minha mãe ela mora só em outra casa, que meu pai e minha mãe se separou. Eu sou normal, eu no meu dia a dia normal... Eu sou normal, alegre, converso com todo mundo... Sou eu, todos os dias assim. Eu sou acostumado a andar com meninas, mas não que tô falando assim que eu não dou bem com os gays, as lésbicas, mas é por causa que eu já tô acostumado a andar com meninas. Desde a infância, não sei. Eu acho que é porque eu me sinto mais a vontade com as meninas... Andando com meninas... Eu me identifico mais com elas (POC, 2020). [*sic*]

Eu tenho vinte anos e eu moro com a minha mãe. Minha mãe e meu pai separaram quando eu tinha dez [anos]. Eu me descreveria para alguém, hum... Como se eu fosse, e eu sou, uma pessoa mente aberta é... Que sabe ouvir, sabe respeitar, que é divertida, é bem-humorada, e... Mais ou menos isso. É, eu tenho duas irmãs mais velhas, eu não lembro a idade delas, e tenho um irmão mais velho também, e... Minha mãe (MONA, 2020). [sic]

Eu tenho vinte e cinco anos de idade, moro com meus pais, minhas duas irmãs mais velhas já são casadas. Eu me descrevo como uma pessoa aventureira, que já enfrentou muitas coisas, e por causa disso, hum... Não tem medo de nada mais. Gosto de viajar, conhecer novas pessoas, beber, namorar, estudar, de viver a vida (BICHA, 2020). [sic]

Eu gosto de ler, de assistir bastante filme, série, às vezes eu tiro um tempo pra estudar né, bem assim, sou bem, acho que eu me considero, sou bem extrovertida assim, converso com todo mundo e tudo... Moro com minha mãe, convivência assim com minha família é de boa, meus amigos também (VIADO, 2020). [sic]

As formações familiares de início já chamam atenção, *Mona* e *Viado* moram com a mãe, já *Poc* mora com seu pai, e por último a *Bicha* relata que mora com ambos (pai e mãe). Com base nos relatos, observa-se que a dinâmica familiar de cada um se difere bastante, visto que a família na sociedade atual apresenta diversos arranjos. São jovens que estão na fase de descobrir coisas novas, de se aventurar, de investir nos estudos, de se relacionar com outras pessoas, são justamente nessas relações com os outros e com outros grupos que eles vão des/construindo suas identidades.

A fala da *Bicha* “Eu sou acostumado a andar com meninas, mas não que tô falando assim que eu não dou bem com os gays, as lésbicas, mas é por causa que eu já tô acostumado a andar com meninas” [sic] nos leva a fazer uma reflexão do porquê que os jovens homossexuais costumam ter relações de amizades afetivas desde à infância com as meninas. Talvez já seja clichê dizer que vivemos em uma sociedade predominante heteronormativa, onde um menino mesmo na infância ao ter um comportamento afeminado, gostar de brincar de bonecas e até gostar da cor rosa, seja caracterizado como uma anormalidade que deve ser corrigida, sendo assim, passa ser mais confortável ou até mesmo por se sentirem mais protegidos, que os homossexuais se relacionem com um grupo no qual se assemelham com sua identidade, é justamente no meio das meninas que esses jovens se sentem mais confortáveis.

A escola é um dos primeiros espaços onde as crianças começam a se socializar e é também um ambiente onde passam pelas primeiras “brincadeiras” e “piadinhas”. Os homossexuais, em sua maioria, já na infância percebem-se diferentes das outras crianças. Os

seus interesses não são voltados para o gênero oposto, mas sim para o mesmo gênero. Sendo assim, essa fase escolar se torna traumática, e eles passam a sofrer muito com o *bullying* dos colegas como é o caso da *Bicha*, no relato a seguir, e justamente os meninos são extremamente mais atacados por estarem inseridos no grupo das meninas. Só com esse fato é nítido como uma educação machista, desde cedo, causa estrago nos indivíduos.

No caso, não física, e nunca de professor, no caso assim, sempre fui de boa no colégio e foi tipo um xingamento assim de ‘viado’, ‘bichinha’, também não foi assim uma coisa frequente. Física foi quando eu morava em Conquista, uns dois anos que eu estudei lá, foi os dois anos que eu mais sofri homofobia foi lá, eu já sofri ameaça de apanhar mesmo, mas eu nunca cheguei... Psicológica eu sempre sofri... Quando eu mudei pro colégio aqui de Barra Nova eu não passei por nada tão terrível assim... Aqui é pequeno a gente espera que aqui sofra mais que lá. Só que eu sofri bem mais lá em Conquista do que aqui... (VIADO, 2020). [*sic*]

Na escola, não na infância até que foi normal, mas depois dos meus dez anos que eu estava na quinta série em diante, as brincadeiras começaram... Como eu já disse, eu tinha um jeitinho afeminado, isso era algo para virar motivo de zoeira entre os meninos mais grandes, eu ficava com muita vergonha do que os outros achavam. Os professores não fazia nada, às vezes até reclamavam, mas só chamar atenção não resolvia nada (BICHA, 2020). [*sic*]

É na fase da adolescência que os neurônios estão eufóricos para descobrir coisas novas, justamente é quando surgem as dúvidas em relação à sexualidade, e é precisamente nesse momento que os homossexuais mais se isolam por não aceitarem e compreenderem o porquê de não serem semelhantes aos padrões dos amigos e demais colegas. Na infância é tendência que quando a criança ouve seus pais falarem algo, eles repetem sem saber o significado, apenas como forma de reprodução. Na escola, sempre têm aqueles grupos de minorias e aqueles grupos que todos e todas querem fazer parte. Muitos e muitas estão dispostos a fazerem qualquer tipo de coisa para poder fazer parte desses grupos, mesmo que isso tenha uma consequência.

A família é, na maior parte dos casos, o primeiro contato que essas crianças têm na vida, é quando aprendem a andar, a falar, a comer, mas é também quando observam e reproduzem discursos e comportamentos preconceituosos. Quando se fala em família, a maioria das pessoas, remete a um homem, uma mulher e filhos, todos heterossexuais. A homossexualidade nesse caso nunca é considerada como possibilidade.

Todos temos noção que muitas vezes começa uma guerra em casa quando um filho fala com os pais sobre a sua orientação sexual. A maioria dos pais veem os filhos como um possível prolongamento de si e desejam uma vida estável, tranquila com felicidade em todas as áreas: profissional, amorosa e social. No entanto, quando um filho diz aos pais que é homossexual, na maioria dos casos, não sabem como reagir (OLIVEIRA, 2004, p. 7).

Muitas famílias culpam-se por ter um filho homossexual. Depois pensam que podem ser uma confusão, ou possa ser influência de algum colega, ou até mesmo acreditam ser apenas “uma fase”. Exatamente nessa fase é comum que muitos jovens sejam revoltados com suas famílias. Para um jovem homossexual, há muitos conflitos e sentimentos internos, conviver como se fosse errado, anormal perante os outros, e não entender o porquê dessa diferença o faz se afastar, até mesmo daqueles que eram próximos. Diante disso, os entrevistados foram questionados sobre a fase na qual se viram como homossexual, como foi o processo de autoaceitação e como suas famílias lidaram com tudo isso.

Eu já via desde pequeno, desde novinho mesmo, só que eu não entendia o porquê, porque tinha algumas coisas que eu sentia, né, sabia que era diferente, sabia que eu não era igual meus amigos, é não entendia, não sabia nem o que era aquilo, nunca me falaram, não sabia nem o que era a palavra gay quando era criança, aí, na pré-adolescência eu comecei a entender um pouquinho mais, a perceber, aí passou a fase que eu comecei a negar pra mim mesmo que eu era (VIADO, 2020).

Eu cresci em uma família cristã, católica, mas desde pequeno me vi diferente dos demais amiguinhos. Aí, depois dos meus dez anos me senti atraído pelos meus próprios amigos. Não vou mentir que ali tive minhas primeiras relações, mas eu era catequista, católico, foi quando eu tive nojo do que eu havia feito, do que eu sentia, mas sem saber do que eu era eu rezava todas as noites para Deus me perdoar, pedia perdão, eu havia crescido ouvindo que Deus deixou Adão e Eva, mas por que eu era assim, o que eu tinha feito pra ser assim, que não queria ser assim. Tinha muito medo de meus pais descobrirem, eles nunca iam me aceitar, meu pai ia me odiar, eu era o único filho homem, foi a pior fase da minha vida, viver sentindo raiva do que eu era, apenas pelo que os outros achavam. Ah, pior ainda, não ter ninguém pra contar, ninguém que fosse como eu [...] (BICHA, 2020).

É surpreendente a falta de informações nessa fase dos jovens, quando eles se encontram desorientados. É rotineiro que a maioria, desde seus primeiros dias de vida, só teve contato com tudo que se remete à heterossexualidade. Eles ouvindo que “azul é de menino e rosa é de menina”, fora outras barbaridades que passam despercebidas na sociedade. A religião, principalmente derivada do cristianismo, possui sua influência, como é o caso do relato da *Bicha*, em que ele deixa claro que desde a sua infância ouve discursos como “Deus

deixou Adão e Eva”. Aqui fica perceptível como a vivência desses jovens, ao se descobrirem homossexuais, os deixou confusos e com medo.

Uma série de batalhas começa a ser travada na cabeça desses jovens, o fato de se revelarem para suas famílias que são homossexuais, pode ser algo positivo, mas também pode ocorrer a não aceitação. Infelizmente, isso é muito comum na vida dos jovens homossexuais, por dependerem dos pais para muitas questões, isso leva que eles tardem a revelação, pois temem ser expulsos de casas, isso quando não sofrem agressões físicas, verbais ou psicológicas.

As expectativas ou demandas sociais e familiares de nossa cultura heterossexista, na qual questões de foro íntimo (como a escolha do/a parceiro/a) podem gerar desapontamento, nojo e até revolta, favorecem uma discriminação opressiva (consciente ou não) contra aqueles que ousam declarar seu modo de ser e de estar-no-mundo de um modo diferente dos demais (SANTOS e BERNANDES, p. 293, 2008).

A família possui um papel importante na vida desses jovens, com todas suas diferenças, *Mona*, *Bicha*, *Poc* e *Viado* encontram na figura da mãe ou do pai um alicerce que os fortificam para continuar resistindo a toda gama de discriminação que tendem a sofrer na sociedade, assim ganham forças para revelar para suas famílias, mesmo havendo o receio da família os rejeitar ao descobrir que eles são homossexuais.

[...] eu comecei a negar pra mim mesmo que eu era, até o próximo momento que minha mãe descobriu, perguntou pra mim aí eu não respondi, aí eu vi que ela aceitou, então, pra mim, depois disso eu comecei a me aceitar mais, depois que minha mãe me aceitou foi um alívio pra mim, aí o resto pra mim já não importava (VIADO, 2020).

É... Eu me assumi para minha mãe quando eu tinha dezesseis anos, eu comecei a namorar sem falar pra ela, e dois dias depois eu falei pra ela. Ela tava comendo na hora, largou o prato de comida e falou que tinha perdido a fome, mas... Acho que não mudou nada não, até agora não (MONA, 2020).

Aí eu morava com minha mãe e era super de boa, ela já sabia, ela me aceitou super de boa (POC, 2020).

Assim, eu não falei pra meus pais não, eles ficaram sabendo porque eu tive uma relação com meu primo escondido, e numa briga nossa, ele contou pra meus pais. Por um lado, fico com uma puta raiva dele ter contado, meu primo, mas talvez tenha sido melhor, tirando as circunstâncias de como ocorreu, me senti aliviado. Meu pai não disse nada, ainda bem, ele é calado mesmo, minha mãe ela sempre soube, mas esperou saber de mim, ela só

pediu pra eu ter cuidado com quem me envolver e com as pessoas na rua, de resto foi de boa (BICHA, 2020).

É nítido como a aceitação por parte da mãe ou do pai ajudaram esses quatro jovens homossexuais a lidarem com sua autoaceitação, pois por ser um processo um pouco demorado que se inicia desde quando eles têm os primeiros desejos afetivo-sexuais por pessoas do mesmo gênero, até começarem a conviver bem com a ideia de serem homossexuais. Como a família é um grupo que eles têm uma relação afetiva e emocional muito forte, a espera pela aceitação e o entendimento dos pais se torna um impulso facilitador para terem esse encontro com suas identidades homossexuais.

A angústia que surge quando os jovens se descobrem homossexuais não vem, necessariamente, da descoberta de si, mas da consciência em saber que sofrerão rejeição (Silva, 2007). É desta forma, que a família se torna o primeiro alvo de necessidade que os homossexuais enfrentam para serem aceitos perante a sociedade. Consequência disso, uma luta é travada diariamente na cabeça desses jovens, pois é necessário ter consciência de que a família possa entender positivamente ou negativamente sobre a sua homossexualidade. Assumir-se para si mesmo pode levar o homossexual a revelar-se a outro indivíduo ou manter aquilo em segredo, contudo, na maioria das vezes, um homossexual que se aceita tem receio de revelar a outras pessoas, continua carregando o sentimento de que algo está incompleto. Experiência esta que é descrita como muito difícil, sobretudo no que diz respeito à escolha da audiência apropriada (SILVA, 2007).

Desse modo, variadas maneiras, estratégias e abordagens são avaliadas pelo homossexual para conseguir revelar para outro indivíduo. É uma ocasião que ocorre quase sempre na adolescência, por isso, quando não é designada a família, é comum escolher uma pessoa considerada menos preconceituosa, mais moderna para se ter a compreensão esperada da homossexualidade do sujeito. Silva (2007), chama atenção que, mesmo tomando esse tipo de precaução, ao revelarem suas identidades homossexuais a outras pessoas, os gays estão se arriscando em perder laços humanos valiosos, ainda mais com familiares e amigos. Do que se trata em relação aos pais e filhos, é preciso ter a consciência que mesmo que ocorra uma decepção inicial, existe amor entre eles, e que a tristeza pode ser uma preparação para uma nova relação emocional, o início de um novo tipo de relacionamento entre ambos, e quem sabe, muito mais amadurecido e verdadeiro. É comum criarem formas de diálogos entre pais e filhos, como se um novo tipo de relacionamento tivesse surgido a partir da revelação de ter um filho homossexual.

No entanto, existem famílias que não sabem lidar bem com um filho homossexual, isso fica mais claro em relação ao homem. Como tem todo um machismo, e um patriarcalismo estruturado na nossa sociedade, o homem e ao mesmo tempo o pai, tende a não aceitar o filho, pois não procura entender e muito menos desconstruir os estereótipos que carregam e que acabam sendo reproduzidos e ocasionando a homofobia intrafamiliar. Todavia, isso pode não acontecer apenas na figura do pai, mas em irmãos, irmãs, tios e tias, e vários outros fatores podem contribuir para tal questão, por exemplo a religião, que é muito comum ser usada com justificativa para tentar camuflar ataques e discursos homofóbicos.

Aí a gente foi morar com meu pai, e minha irmã foi junto, a que tem preconceito, homofobia... E ela foi morar com a gente. Aí a gente brigava bastante, sempre ela me ofendia com aquelas coisas que gay escuta, né, viado, boiola, e ela foi chamando, chamando chamado... Todos os dias a gente brigava e ela me ofendendo desse jeito e pra mim isso não é ofensa, não. Não me ofendia me chamando assim, não. É eu sei que é homofobia, mas, não me atingia, não, sabe? Eu não ficava. Aí, teve uma vez que a gente brigando feio, feio mesmo, ela falou que eu fazia. Que eu ficava com mais de dez homens e o meu pai tava no quarto assim, dormindo, dormindo não, ele tava deitado, e ela ficava falando que eu ficava com mais de dez homens, que eu era arrombado, que isso que aquilo, e ela falou que eu ficava com homem casado e eu gritei pra ela falando que eu era mesmo, e aí ela falando que eu era viado, que era boiola, aí eu gritei pra ela falando que eu era mesmo, e daí? E que quem era, era eu e que ela falava que ia sofrer, que eu ia ser espancado na rua, que ninguém ia gostar de mim porque eu era desse jeito, e ela falou um monte de coisa e eu falei que e daí que quem tinha que gostar de mim mesmo era eu que e daí pra sociedade, que eu não tava nem aí pra sociedade. É, aí meu pai saiu do quarto, que eu acho que ele tomou até um susto, que eu gritei falando que eu era mesmo, que ele via me xingando assim, mas eu acho que ele pensava ‘ah, ela tá xingando assim mas porque ele’ é briga de irmãos, aí eu gritei falando que eu era mesmo, que eu ficava mesmo com um homem e que bem que eu queria tivesse ficado com mais de dez homens, mas foi na hora da raiva mesmo que eu falei isso, e ele saiu de dentro do quarto, acho que ele tomou um choque assim na hora, eu gritando isso, aí ele me perguntou bem assim: “Poc, o que Eduarda tá falando é verdade?” e eu com sangue quente assim por causa que a gente tava discutindo falei pra ele que eu era, e daí, que ela ia me expulsar de dentro de casa, que se ele fosse expulsar eu ia procurar algum lugar, a voltar morar com minha mãe, que ela me aceitava e que ele não ia me aceitar falei bem assim pra ele, ele ficou bem P da vida, aí grudou no meu braço, me agrediu ainda por causa disso, e depois ele começou a gritar, falando que se eu era isso mesmo, que num, ele nem queria falar “se você for gay mesmo”, ele nem quis falar isso, ele falou “se você for isso mesmo que você tá falando, se você for você seja aqui dentro de casa, porque se eu ver falando aí de você igual eu vejo dos outros”, porque ele também é muito preconceituoso, aí ele falou bem assim que se eu quisesse ser dentro de casa, que não era nem pra eu pisar fora de casa, e eu falei que não, que eu não ia me prender dentro de casa, por uma coisa que é normal, mesmo que a sociedade ache errado, que eu não ia me prender dentro de casa, que se ele quisesse me expulsar de

dentro de casa, ele podia me expulsar, e fui depois disso que ele mudou bastante comigo, que é bem diferente comigo (POC, 2020). [sic]

Meu pai já foi um problema, porque, meu pai eu não falei para ele, meu pai descobriu, aí a gente ficou uns meses sem conversar e tudo, aí a gente voltou, foi voltando aos pouquinhos a conversar normalmente, só que hoje em dia a gente é meio afastado, ele me respeita e tudo, mas, não tem aquela coisa de relação assim mais (VIADO, 2020).

Eu não contei pro meu pai ainda. Eu também não tenho contato com ele. Acho que têm uns três anos ou quatro anos (MONA, 2020).

Como eu disse meu pai é muito sossegado, ele aceitou de boa, na verdade, ele nunca falou nada comigo, eu também nunca perguntei. Eu acho que ele sentiu um pouco porque eu era o único filho homem, ele pensa que não terei filhos e tal, aí, é complicado (BICHA, 2020).

Fica claro que a aceitação por parte do pai ao descobrir o filho homossexual sempre é mais dolorosa e difícil. Por muito tempo, o homem era considerado o chefe da família, o centro. O cristianismo reforçou esse pensamento por muitos séculos, e é comum isso até os dias atuais. No caso da *Bicha* que ao revelar ao pai que era homossexual, temeu ser expulso de casa, pois ao contrário da mãe, o pai ficou descontrolado com a revelação, chegou a agredi-lo, afirmando que “se você for isso mesmo que você tá falando, se você for você seja aqui dentro de casa”, ou seja, temia a vergonha que passaria se os vizinhos, os parentes, a comunidade descobrissem que seu filho era homossexual. É uma forma que o pai da colaboradora *Poc* tenta em tentar obrigar o filho continuar no armário, ao mesmo tempo em que ele diz que não quer escutar rumores do filho do mesmo jeito que escuta as pessoas falarem de outros gays na rua. Por mais que seja uma forma de tentar proteger o filho de ataques homofóbicos, privar o filho de viver sua vida e conviver com sua sexualidade é uma crueldade sem tamanha.

Já no caso dos outros, *Viado* e *Bicha*, os pais mesmo tendo estranhado de início, foram buscando aceitar suas sexualidades, mesmo que no caso do *Viado* a relação com o pai não voltou ser a mesma depois, hoje eles são mais distantes um do outro. Para *Mona* ainda é um dilema saber qual seria a reação do seu pai, pois eles não têm mais contato, sendo que hoje ele mora com a mãe apenas.

As vivências e os laços de família podem ser interrompidos. Roudinesco (2003) aponta certo otimismo, ao fazer uma afirmativa que a família humana se reinventa permanentemente, mantendo-se desde o início dos tempos como uma instituição insubstituível para a própria constituição de sujeitos humanos. A autora enfatiza, que a família parece em

condições de ser ou se tornar como uma resistência a tribalização orgânica da sociedade globalizada. Afirma “E provavelmente alcançará isso – sob a condição, todavia de que saiba manter, como princípio fundador, o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construí sua identidade” (ROUDINESCO, 2003, p. 92).

A forma pela qual o pai ou a mãe reagem ao filho que revela ser gay, varia de acordo com o que eles aprendem durante suas vidas. É comum escutar “eu aceito, gosto, não tenho nada contra os gays”, mas, a maioria das pessoas que dizem assim, são os primeiros a agirem negativamente ao terem um homossexual na família. As famílias podem ter dificuldade em proporcionar aos filhos homossexuais um momento de acolhimento que era o mínimo esperado, pois são situações novas que precisam ser organizadas para um entendimento.

Silva (2007) enfatiza, que um dos argumentos utilizados pelas pessoas que não compreendem a homossexualidade é que pessoas dotadas desta orientação sexual é uma aberração, que contrariam a natureza humana, sendo assim sem dignidade e não são merecedoras das bênçãos de Deus. Essa afirmativa é ainda muito comum de se ouvir, mesmo com as mudanças sofridas nos últimos séculos, principalmente nas composições familiares.

Para Roudinesco (2003) não é o bastante, definir a família apenas por um ponto antropológico, é preciso saber qual sua história e como ocorreram as transformações que caracterizam a desordem que parece refletida na atualidade. Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento entre homem e mulher com a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns dos outros: um genes, uma linhagem, uma raça, uma casa.

Mesmo com a evolução nas formações familiares, ainda prevalece, por parte de muitos indivíduos, a preservação da família tradicional composta pelo casamento sexista com costumes e valores em defesa da cis heteronormatividade. Com isso, muitas famílias tendem a rejeitar seus filhos homossexuais, o que se observa nos relatos dos jovens homossexuais abaixo.

Que meu pai ficou muito diferente a forma dele conversar comigo. A gente pergunta uma coisa ele já vai com grosseria, assim, bem frio mesmo. Eu acho que ele não gosta muito de mim, não por eu ser assim, porque antes d’eu assumir, d’eu falar pra ele que era gay, ele era super de boa que eu nem falo um Oi pra ele, e a gente mora na mesma casa e a gente fica assim sem se falar, e antes não, entendeu, eu acordava, tinha coisas que ele tinha que perguntar assim pra mim e ele perguntava pra minha irmã, e aí ela ‘sei não, isso quem deve saber é o outro’, ela até fala ‘o outro’, que ela não gosta de mim, ela fala o outro e é bem ruim mesmo (POC, 2020).

Tem familiares meus que eu não convivo mais. Minha vó mesmo, paterna, tem um ano que eu não vou na casa dela, ela mora aqui em Barra Nova, tem

um ano e meio, por causa disso, porque não tem cabeça pra isso, pra entender, e algumas tias também por causa da religião, né, isso atrapalha muito (VIADO, 2020).

Acho que o tio que eu tenho ignora a minha homossexualidade, me trata normal... (MONA, 2020).

Alguns familiares meus, eu vejo que ficam desconfortável de ser viado, ainda mais o que são crentes, Deus me livre, mas não tem coragem de falar isso pra mim, pois sabem que vão ouvir um ‘tomar no cu’ bem grande. Acho que cada um tem sua vida, não venham falar da minha e não falarei deles. Eu sofri muito tempo com medo do que os outros e principalmente minha família e meus parentes iam achar de mim ser assim, mas vi que isso não valeria pena (BICHA). [sic]

Observa a partir desses relatos que tais famílias carregam em suas raízes preconceitos sociais, culturais, religiosos, entre tantos outros, preconceitos que levam à humilhação e punição dos jovens homossexuais pelo simples fato de não se encaixarem na heteronormatividade. São capazes de rebaixar um filho, um sobrinho apenas para se vangloriar, sentirem-se superiores e correto em manifestar suas crenças, mesmo que isso traga sérias consequências aos indivíduos homossexuais que vivenciam isso no seio familiar.

Uma relação entre a família entrelaça as identidades entre a mãe/pai e os filhos homossexuais e as lacunas que esses jovens têm ao afirmar os laços. Singly (2007) compreende a identidade como fluida e necessariamente multidimensional. É um dos motivos da desestabilização, sendo a família um exemplo disso. Diante dessa afirmativa, compreende-se que mesmo nas relações familiares o pertencimento e o reconhecimento são fluidos. Isso explica quando o pai de *Poc*, os familiares de *Mona* e *Bicha* se mostram diferentes depois que eles revelam e assumem suas identidades homossexuais.

Até porque eu acho que eu sou quem sou hoje por conta de minha vivência, com amigos (VIADO, 2020).

Minhas amigas e alguns amigos me ajudaram bastante quando eu me assumi, sou grato por isso. A gente tem medo de ser rejeitado, e quando você ao invés disso ser aceito, é uma paz, inexplicável (BICHA, 2020). [sic]

Os jovens homossexuais podem não se reconhecer mais dentro de um seio familiar sanguíneo, mas criar vínculos com outras pessoas e em outros ambientes, como no trabalho, na escola ou na faculdade. No entanto, isso somente ocorre quando esses indivíduos compartilham de costumes, ideias e relações que os ligam temporariamente.

Esses jovens homossexuais sofrem diariamente e muitos são obrigados a se refugiar em lugares que a própria sociedade impõe como imoral em busca de proteção, distanciando-se socialmente para seguir a vida que muitos julgam como errada ou em outros casos, se isolando até mesmo dentro da própria casa, ocasionando sentimentos e dores que dificilmente serão curados ou amenizados, um dor que os levam a pensar que não são bons o suficiente nem mesmo para suas famílias, a dor da solidão sem a menor chance de ter uma pessoa que segure em suas mãos e diga: “Vá em frente, você é capaz, você vale muito mais do que essas pessoas pensam, resista e viva”.

No entanto, existem aqueles jovens homossexuais que ao sair do armário, afirmam uma identidade que o fazem resistir a tantas formas de discriminação, lutam contra os preconceitos estruturados na sociedade atualmente. Como é o caso da *Bicha*, que deixa claro em seu relato que os julgamentos ou pensamentos de seus familiares sobre sua sexualidade pouco importam, mesmo que isso o machuque psicologicamente falando, essa resistência o faz ser forte e seguir em frente.

Um ponto que chama atenção e que sempre atravessa os relatos dos colaboradores é a religião, principalmente as de vertentes cristãs. Não é estranho, pois o cristianismo desde a Idade Média teve uma influência considerável nas formações familiares e contribuiu para que a homossexualidade nos tempos modernos fosse vista como uma anormalidade e um desvio do Deus cristão.

Certo dia, minha mãe viu um corte no meu braço e nem perguntou o que era e já foi falando pra eu ir a uma igreja, que eu precisava ir a uma igreja, pra eu parar com esses pensamentos (MONA, 2020).

Eu comecei, tipo na Igreja Católica, e depois minhas tias saíram pra igreja evangélica e foi quando eu era criança ainda, né, e acho que isso me prejudicou porque eu sempre escutava ‘ah, gay vai pro inferno’, e quando você tem onze anos você fica com medo de ir pro inferno (risos) Cê fica imaginando ‘eu não quero ir pro inferno’, eu sofri muito, ainda depois de mais assumido ainda tinha esse medo, sabe, em si, entendeu? Mas hoje em dia eu desconstruí minha cabeça para religião, eu acho que não tenho mais essa (VIADO, 2020). [sic]

Como eu falei, sabe, pode dizer que já nasci dentro da igreja, minha família é toda católica, meus pais e minhas irmãs, tenho tios que são evangélicos também. Foi muito difícil viver dois lados durante alguns anos, onde eu era o católico que abominava gays, e sendo um, eu tinha ódio que me chamavam de viado justamente porque eu tinha ranço, tudo isso causado pela religião, disso eu tenho certeza. Você crescer ouvindo que ‘viado é coisa do demônio’, ouve aquela mesma frase “que Deus deixou Adão e Eva, o

homem e a mulher”, você acaba se odiando também, vindo que o que você é, é um pecado (BICHA, 2020).

E acho que mudou bastante, tanto pro meu pai, que eu moro com ele dentro de casa, tanto como minha família, tio vó, tios, mudou bastante, que eles também, é a religião deles é crente, e pra eles isso é coisa do diabo, é... Tio meu já chegou pra mim falando isso, ele não chegou pra mim falando ‘Poc, você é coisa do diabo’, mas ele ficou bem assim, que “ah, esse negócio de dar de [...] um homem gostando de outro homem, isso não é certo porque Deus deixou o homem pra mulher” (POC, 2020). [sic]

Nos relatos, ficam claras as concepções dos familiares sobre a homossexualidade dos jovens, suas explicações remetem à “decepção”, ao “medo” e ao “preconceito”. Os jovens homossexuais são tratados como anormalidade, como algo profano, que deveria ser reformulado ou moldado. São relações familiares constituídas por vários processos e dinâmicas, marcados pelo sofrimento, por preconceitos e por discriminações.

Segundo Mott (2001) a homofobia judaico-cristã veio a se tornar mais violenta no país, sobretudo por causa do escravismo colonial, na qual os “efeminados” eram tidos e tratados como perigosa ameaça para a hegemonia do macho branco e para o projeto do colonizador do Novo Mundo. Assim, se faz necessária um movimento que busque refletir sobre as práticas discriminatórias e de exclusão que rodeia nossa sociedade, a fim de diminuir a violência, os ataques e mortes da população LGBTQI+.

Porém, esses discursos doutrinários, sobrecarregados de dogmatismo religioso têm suas serias consequências. As pessoas heterossexuais tendem a querer ditar suas próprias regras aos homossexuais. O preconceito vai além das ruas e entra em casa. Muitos homossexuais passam por isso e chegam a imaginar de que não deveriam existir, segundo a sociedade. E essa sensação é muito solitária. É exatamente isso que o homossexual *Mona* relata em suas palavras, tal caminho o fez desenvolver uma das piores doenças da atualidade, a depressão.

Eu não acho fácil ser homossexual na nossa sociedade, por conta da pressão social que você tem de ser, entre aspas, normal, e você acaba se sentindo mal com isso, acaba tendo crise de ansiedade, e eu não fui diagnosticado, nem nada, mas também tive depressão, eu já pensei em me matar por causa dessa cobrança e por me achar insuficiente. Então, não é nada fácil hoje em dia um jovem ser homossexual (MONA, 2020).

Infelizmente, ao contrário do que muitos pensam, o processo de isolamento não acaba durante a “saída do armário”. A solidão acomete o homossexual, durante e depois de

assumir sua identidade. Não é algo passageiro, é uma guerra constante. Muitos jovens continuam com suas dúvidas e se questionam constantemente. *Mona* relata que a cobrança advinda da família e da sociedade fez com que ele desenvolvesse crises de ansiedade, que são sintomas que podem se agravar e desencadear numa depressão. O isolamento e o distanciamento originados logo após a revelação da homossexualidade contribuem para o desenvolvimento de doenças e problemas psicológicos.

No início, acho que foi ano passado, é um pouco o assunto aí do, da crise de ansiedade, essas coisas aí, eu tinha feito uma carta de suicídio, pra postar nas redes sociais no dia doze de outubro de dois mil e dezenove, mas é eu lembrei da minha infância, dos amigos que eu tive, alguns se afastaram, mas não foi por causa da minha homossexualidade, foi mais por questão geológica [geográfica] mesmo, eu viajava. Então dia doze eu lembrei que eu precisava fazer alguma coisa, não podia meio que acabar assim, então, mudei a carta e meio que fiz uma homenagem ao dia das crianças e lembrei um pouco da minha infância, marquei uns amigos que eu tive e isso fez eu sentir bem melhor (MONA, 2020). [sic]

Na fala de *Mona* é possível observar que mesmo ele não deixando claro o sentimento de solidão, isso o levou a se mutilar. O “sair do armário” gera diversas dúvidas e anseios como já salientado neste trabalho, por mais que se pareça simples, não é. O ato de viabilizar uma sexualidade que não é a dominante coloca em xeque inúmeras implicações e especificidades de acordo com o contexto de cada pessoa.

Surge o questionamento, deve-se seguir o “normal”, porém, o que seria o normal perante as pessoas da sociedade contemporânea? Existe um conflito eterno de encaixe de padrões, os homossexuais, como é o caso de *Mona* e da *Bicha*, *Poc* e *Viado*, sofrem pela falta de algo inalcançável, cotidianamente são forçados a seguir imposições, regras, rótulos e aos poucos vão se adoecendo quando não atingem os padrões.

Mona ao relatar sobre um determinado dia, que pensou em suicídio e tem a ideia de escrever uma carta, mas que logo depois transforma esta carta em uma mensagem em homenagem ao dia das crianças, mostra que foi um escape no qual se agarrou para não tirar a própria vida. É possível notar que há o medo de pedir ajuda e não ser acolhido, em outro relato, *Mona* discorre sobre uma vez que sua mãe ao ver seu braço cortado, achou que a solução mais viável seria a igreja, isso faz com que a insegurança instale dentro desse jovem, e o aprisiona novamente em um “armário” escuro, sombrio e de solidão, o impedindo de conhecer-se, interferindo nas construções identitárias étnicas dos jovens homossexuais

Ao mesmo tempo, a “saída do armário” pode significar uma busca e um conhecimento sobre si, são fases percorridas com muitos emblemas sociais, familiares, culturais, conhecer-se é também uma busca pela sua identidade.

Então, depois que eu assumi que era homossexual, eu pude ser eu mesmo, o medo que eu tinha de ser rejeitado pela minha família passou, isso foi um alívio. Não vou dizer aqui que é fácil, ainda mais aqui em Barra Nova, sendo um distrito, né, as pessoas são muito obcecadas com valores e morais conservadores e religiosos. Para se ter uma ideia, aqui deve ter mais igrejas do que casas, em cada esquina ou rua tem uma (risos) mas me identificar como gay foi a melhor coisa que aconteceu (BICHA, 2020).

Eu acho, tipo assim, eu mesmo que haja ainda preconceito, mas as pessoas que eu convivo, aceitam, não falam mais pra mim que isso é errado, e tipo assim, eu gosto de mim do jeito que sou eu acho que eu me assumi mais agora, não sei por que, mas agora eu acho que tenho certeza do que eu quero antes eu já sabia, mas agora, tipo assim, hoje eu me aceito mais ser gay (POC, 2020).

Apesar de haver diversas dificuldades e desafios que o processo de sair do armário impõe aos jovens homossexuais, é evidente a partir das falas de *Poc* e *Mona* que essa vivência é essencial para a construção e afirmação de suas identidades. Quando eles afirmam “foi a melhor coisa que aconteceu”, “eu gosto de mim do jeito que eu sou...”, enfatiza ainda mais essa percepção.

Diante de todas as identidades que o jovem homossexual pode ter, a identidade étnica é a que responde mais completamente as necessidades aqui elencadas, desde o processo de autoaceitação e de “saída do armário”, com todos os seus dilemas familiares e os estigmas em relação a homossexualidade presentes na sociedade, pois o grupo étnico representa por excelência o “refúgio” do lugar onde não podemos ser rejeitados e onde nunca estaremos sós. Sendo assim, esta propriedade de etnicidade é realçada pela utilização abundante de metáforas, como as de “lar” (*house, home, mansion*), do templo, do arco e da matriz, que reforçam os *priori* do autor mais do que elencam qualquer demonstração de sua tese (POUTIGNAT E STREIFF FENART, 1998, p. 90).

Quando eu tinha uns dez anos de idade por aí que eu comecei a desejar os meninos, foi muito estranho. Primeiro que tudo que escutava relacionado aos gays, era só esculachando, eu fui crescendo, e quando começaram a me chamar de viadinho, bicha, e a porra toda, me dava tanto ódio... Eu comecei a me odiar e odiar tudo que denotava ser homossexual. Aos meus quinze anos quando me assumi, eu já tinha um pensamento diferente, mas ainda sofria pelo que os outros achavam e falavam. Aqui em Barra Nova não tinha alguém que eu pudesse olhar e falar ele é gay como eu, e se tivesse não tinha

assumido também, na verdade tinha uma única travesti, e a única que se identifica assim aqui até hoje tinha um amigo gay dela, mas ele morava em povoado aqui perto, não era daqui mesmo. Na época ninguém falava sobre isso, e se falava era mal, xigando horrores, então pode se dizer que eu fui o primeiro a se assumir aqui dentro de Barra Nova, e isso por mais que trouxe um sofrimento maior por conta das pessoas me ver como o estranho, o abominável, coisa do diabo, isso me fortaleceu, e hoje tenho orgulho de ser viado, bicha, poca, afeminada, até puta. Utilizo hoje da minha identidade fortalecida para lutar e resistir, para que outros que vieram e venham após mim não tenha que ouvir, ver e passar por tudo que passei (BICHA, 2020).

Diante desse relato, precisamos questionar que tipo de sociedade está sendo formada, um lugar onde existe uma necessidade de que a pessoa “se assuma”, que pare e diga: “olha, eu não sou como vocês querem, sou diferente”. Essa necessidade é a de tentar modular a pessoa dentro de uma norma que a própria sociedade impõe. *Bicha* relata que na sua pré-adolescência, quando iniciaram os primeiros desejos afetivos, se viu estranho para si mesmo, principalmente pelos discursos reproduzidos acerca da homossexualidade que ouvia das pessoas que faziam parte de sua convivência. Discursos este que assim como outros aqui mencionados, remetem à uma justificativa judaico-cristã, de conservadorismo de uma família tradicional e sexista. Com tudo isso, ele começa a ter uma crise identitária, muito comum nos sujeitos pós-modernos. Tendo em vista que afirma não haver na sua adolescência, na fase a qual revelou a sua orientação sexual, não ter uma representatividade, essa procura de se reconhecer no outro é justamente quando começam a sentirem-se sozinhos, confusos e perdidos.

Assim, a crise de identidade pode ser entendida como um processo mais amplo de deslocamento e mesmo de fragmentação do indivíduo. Os quadros de referência que davam ao sujeito certo sentimento de pertencimento em um universo centrado, de alguma forma entram em crise, e passam a se compor em algo fragmentado e descentralizado. É que não somente *Bicha* passa, mas é facilmente detectável nos relatos de *Mona*, *Viado* e *Poc*, sendo que antes de se virem como homossexuais, suas relações familiares e com a comunidade eram totalmente tranquilas, isso muda radicalmente após eles assumirem uma identidade homossexual, pois esta diverge da heterossexualidade tida como uma sexualidade “correta” pela sociedade. É quando eles não se reconhecem mais naquele espaço, que até pouco tempo era o lugar de pertencimento.

Tais jovens homossexuais, certamente ao se conceberem como descentrados, esses jovens pós-modernos encontram uma firmeza, mesmo que esta seja paradoxal, em relação a sua própria crise identitária. Segundo Hall (1998, p. 12) “a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura”. As novas e diversas identidades são, por vezes, contraditórias. A nova

concepção do sujeito se caracteriza por ser provisório, variável e problemático, ou seja, não tendo uma identidade fixa, estável ou permanente.

Barra Nova por ser uma comunidade pequena e que concentra uma população bastante idosa que carrega valores tradicionais passados por gerações, que influenciados por religião, principalmente o cristianismo, despeja na sociedade o que origina a discriminação e rejeição dos homossexuais.

Mesmo com as mudanças nos arranjos familiares, com a globalização e o desenvolvimento tecnológico, é muito difícil desconstruir tais costumes estruturados nessas pessoas. Com o passar dos anos, com os movimentos identitários e sociais, e com o aumento da representatividade algumas transformações ocorreram. Aliás a família também foi se transformando, no decorrer dos séculos, isso contribuiu para que nos últimos tempos houvesse uma mudança nos pensamentos acerca da homossexualidade em Barra Nova e que os jovens que se identificam como homossexuais fossem assumindo suas identidades.

O que eu vejo hoje, as meninas assim de treze, catorze anos, idade de meu irmão, se assumindo já, sabe, e andando na rua, quinze, vinte, e se exibindo, mostrando quem é já, sabe, e pra eles é tão fácil, não sabe o que é sofrer, quem sofreu em Barra Nova nos anos atrás. Eu quando criança nunca que eu ia sair, na rua, toda pintosa, eu ia ser bem contido (VIADO, 2020).

Observa-se que ocorreram mudanças, o que atualmente facilitou para que outros LGBTQ+, incluindo os homossexuais, pudessem construir e assumir sua identidade em Barra Nova com mais facilidade do que alguns anos atrás. Analisando os relatos até aqui, percebe-se que a representatividade de um se vê no outro foi um fator considerável para tal mudança. Quando um jovem não assumido se enxerga no outro homossexual que assumiu sua sexualidade, ele encoraja, e o sentimento de se sentir único e sozinho desaparece. Por outro lado, dizer que a homofobia e os preconceitos desaparecem assim tão facilmente seria até contraditório.

Tipo assim, no começo, assim, alguns anos atrás, eu achava que morar aqui era um inferno porque aonde que eu passava eu escutava aquelas piadinhas besta, de ‘ah, ó lá o boiola’, e na rua pra mim, quando minha irmã me xingava desse jeito, nera não me ofendia, não... Mas na rua era diferente porque eu tinha medo do meu pai escutar isso, e ele também já tinha dito que se escutasse falando de mim na rua que eu ia ver, e sempre eu tentava evitar, é tipo de mostrar que eu era... Que eu era gay, mesmo que eu não era assumido pra minha família, mas qualquer pessoa que chegasse em mim e perguntasse, cê é gay, eu dizia que eu era, até hoje eu falo, ai, mas, aqui de Barra Nova tem muitas pessoas que é bem preconceituosa, mas hoje em dia

eu acho super de boa aqui, e acho que o povo também já acostumou (POC, 2020). [sic]

Sendo assim, *Poc* reafirma o que já tinha sido observado, essa mudança que ao passar dos anos ocorreu com as pessoas em relação ao que pensavam acerca da homossexualidade em Barra Nova contribui extremamente para a construção das identidades étnicas dos sujeitos analisados nessa pesquisa. Hall (1998) afirma que é uma fantasia considerar a identidade plenamente completa, unificada, segura e coerente.

O deslocamento do sujeito, a exemplo dos jovens homossexuais, marca da pós-modernidade, tem um lado positivo, pois desestrutura as identidades estáveis do passado ao mesmo tempo em que questiona tais estabilidades e proporciona o jogo de novas identidades.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 1998, p. 21).

Tendo em vista o aumento de homossexuais assumidos, as famílias se transformando e aceitando os membros que são gays, a comunidade lidando com a aceitação em vez de julgar, mostra que os caminhos que os jovens homossexuais percorrem para a construção de suas identidades étnicas vêm se transformando. Que a representatividade que *Bicha* não teve dez anos atrás, que os mais recentes estão tendo. Ressaltando que com a inserção da *internet*, com os gays aparecendo mais na televisão aberta brasileira, LGBTQ+ reivindicando seus espaços de direitos, têm modificado os pensamentos até mesmo de famílias tradicionais. Isso é muito importante, pois a comunidade influencia na construção de nossas identidades étnicas. Os jovens homossexuais também se identificam com o lugar onde moram e vivem e onde criam suas raízes, nesse caso, em Barra Nova, a comunidade também forma identidades.

Para finalizar, os jovens homossexuais foram questionados como eles descreveriam ser um jovem homossexual atualmente, levando em consideração todas suas vivências, relações com a família, as pessoas, o lugar onde moram, após passarem pelo processo de autoaceitação e “saída do armário”.

Acho que mesmo havendo ainda preconceito, eu convivo bem com as pessoas, não escuto mais que isso é errado. Eu aprendi a gostar do jeito que sou, gosto do meu jeito, hoje me assumo mais, sou bastante afeminada, gostar de sair, de dançar, é isso, me aceito mais em ser gay (POC, 2020).

Apesar de passar por muitas coisas, me sinto privilegiado de estar vivo, muitos que são gays, como eu, não tiveram e não terão a mesma sorte. As famílias, a igreja, a religião, as pessoas não só daqui de Barra Nova, mas do mundo precisam entender que não somos aberrações por termos uma sexualidade que não seja a heterossexualidade que eles têm. Somos felizes do jeito que somos, temos orgulho de nós, podemos ter nossa família, casar e viver como qualquer pessoa. Espero que outros gays tenham a oportunidade de estudar, de ter uma profissão, se quiser de casar e ter sua família, e se quando eu morrer me condenarem por ser homossexual, só peço para não ficar no mesmo lugar daqueles que se estipulam cidadãos do bem e defendem a família tradicional brasileira. Agradeço de ter tido a oportunidade de contar minha história, que assim como você sabe muito bem do que passamos aqui em Barra Nova [...] (BICHA, 2020).

Uma coisa que foi muita intensa, a liberdade que eu senti. Eu senti que eu tava mais leve pra fazer qualquer coisa, só por tirar esse peso, não é exatamente um peso, mas assumir do jeito que você é e sente. Eu acho que isso é uma coisa que a sociedade já impregnou de que se tem uma coisa diferente, em uma família, em uma pessoa, ela tem meio que confessar entre aspas, pra poder se sentir livre, ou igual entre aspas também, aos outros demais na sociedade (MONA, 2020).

Hum, eu me sinto mais livre, ou que eu posso ir pra qualquer lugar e falar que eu sou gay, óbvio que em certos lugares eu me contenho, né... Entrevista de emprego, ambientes mais sérios, e eu me sinto melhor com minha família depois que eu assumi, que eu sou eu mesmo, e eu comecei a as pessoas começaram a falar de mim depois que eu me assumi, tem esse negócio de fofoca, né, que rola muito aqui... Eu acho que o povo daqui não tem muito costume de ver isso, eu lembro que no São Pedro foi um casal gay se beijou aí, todo mundo tava, aí meus amigos tavam ‘ah, Viado, não sei quê’, gente, aquilo é normal, mas o povo daqui se impressiona... Por exemplo, uma vez mesmo, um amigo meu me dá um selinho e tudo, né, tinha umas meninas passando elas ficaram olhando assim como se fosse uma coisa do outro mundo, sabe o povo aqui ainda não tá acostumado aqui a ver isso (VIADO, 2020). [*sic*]

Os jovens homossexuais vêm construindo suas identidades étnicas e resistindo aos estigmas presentes na comunidade em que vivem. As famílias, por mais dificultoso que seja, estão se desconstruindo e tentando conviver com as diversidades que o ser humano possui. É notório que o processo de autoaceitação é ainda muito confuso e solitário e traz a esses jovens sentimentos de medo e angústia. Muitos tendem a sofrer crises de ansiedade e até mesmo depressão, causadas pela pressão social e pela rejeição das pessoas acerca da homossexualidade.

Ao “sair do armário” se sentem mais confiantes, pelo simples fato de não ter que esconder suas identidades, agora podem viver como são, mesmo que tenham que enfrentar a discriminação e o preconceito que ainda existem nos espaços em que convivem. O desejo de

que num futuro não haja a necessidade de se esconder, é perceptível nos relatos desses jovens, a busca por uma sociedade onde grupos não sejam marginalizados.

As identidades étnicas dos jovens homossexuais aqui em questão, vão se reformulando com o passar do tempo, suas relações familiares também são diferentes a cada fase de suas vidas, a vivência na comunidade Barra Nova mudou bastante nos últimos anos, por mais que ainda haja uma parcela de pessoas que tende a ver a homossexualidade como pecado, doença, que gozam da sexualidade alheia, houve alguns avanços na desconstrução desses estereótipos.

Outro ponto interessante é que hoje havendo mais homossexuais assumidos, há uma representatividade para os demais, e principalmente para aquelas crianças e jovens que se identificam como gays, podendo se reconhecer no outro, ocasionando mais tranquilidade.

Sendo assim, a identidade étnica é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e, não é algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Sempre existirá algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece continuamente incompleta, e está em plena transformação. Ao invés de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e compreendê-la como um processo em andamento. Assim, as identidades étnicas de *Poc*, *Mona*, *Bicha* e *Viado* não surgem tanto pela plenitude da identidade que está dentro deles, que vem desde o nascimento, mas pelas relações exteriores que se tem e que vão preenchendo o vácuo que existe dentro de cada um, pelas formas, pelas quais eles imaginam ser vistos pelos outros.

As questões de investigação desta pesquisa – homossexualidade, família, etnicidade e identidade étnica – se revelam como sinais diacríticos presentes nas relações étnicas das trajetórias de vida, perpassando a autoaceitação e “saída do armário” dos jovens homossexuais. A etnicidade só existe em um meio mais amplo, como forma de organização política, e é esse meio que fornece os quadros e as categorias da etnicidade como linguagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desviar-se e borrar a heteronormatividade é arriscar-se a beira do precipício. A sociedade em que vivemos é marcada pelo medo, pela subordinação e pelo silenciamento de vozes que querem moldar nossos corpos, retirando nossos direitos e nossa liberdade sexual. Diante disso, o objetivo que baseou esta pesquisa foi compreender como são construídas as identidades étnicas de jovens homossexuais perpassando entre a autoaceitação e a “saída do armário” na comunidade Barra Nova – Bahia.

Num primeiro momento, foram abarcadas discussões acerca dos primeiros grupos e seus costumes desde as primeiras civilizações até a pós-modernidade. Assim, foi possível observar as primeiras práticas sexuais entre pessoas do mesmo gênero desde a Antiguidade. Vale ressaltar que essas práticas se diferem muito do que compreendemos como homossexualidade nos tempos modernos, mas mostraram-se importantes para termos um entendimento de como foi o desenvolvimento dessas relações sexuais entre as pessoas do mesmo gênero na sociedade ao longo do tempo.

Compreender como a família veio se modificando também foi crucial para analisarmos as relações dos jovens homossexuais com suas famílias no período pós-moderno. Observamos que foi o cristianismo no Império Romano e durante a Idade Média que modificou os papéis familiares, ao mesmo tempo em que as práticas sexuais entre pessoas do mesmo gênero começaram a ser marginalizadas, estereotipadas, proibidas, e tidas como profanas e pecado.

Na sociedade da pós-modernidade, encontramos diversos arranjos familiares, diversas composições de famílias, porém muitos homossexuais ainda sofrem homofobia intrafamiliar, são julgados quando decidem formar sua própria família, até mesmo a adoção por parte de casais homossexuais tendem a ser bem mais burocráticos do que de um casal heterossexual.

Em um segundo momento, refletimos sobre a identidade entre os diversos cenários da homossexualidade. Apresentamos os diversos dilemas de ser um jovem homossexual ao enfrentar os preconceitos na sociedade, na escola e até mesmo dentro da própria casa. Dilemas estes que não ficaram só na teoria e foram sendo confirmados posteriormente nos relatos dos colaboradores.

Por seguinte, as discussões acerca da autoaceitação e “saída do armário” nos possibilitou a compreensão em relação aos processos que os jovens homossexuais passaram para autoaceitarem-se e como decidiram revelar sua sexualidade. Assim, com as falas dos quatro jovens, foram aparecendo alguns mecanismos que contribuíram para a formação de

suas identidades étnicas e outras mais problemáticas, que ao mesmo tempo que dificultou, podem ter influenciado em uma crise identitária.

Ficou evidente que os jovens homossexuais sofrem muito, sua autoestima cai, alguns perdem até a vontade de viver e caem em uma terrível depressão, que foi o caso de *Mona*, e não é apenas um caso isolado.

Todos demonstraram o medo de decepcionar aqueles que amam que em grande parte são os que vivem a todo instante fazendo piadas ou dizendo palavras homofóbicas. Alguns homossexuais podem preferir continuar dentro do “armário” reprimindo seus prazeres, ou buscando uma fachada a fim de maquiarem o que realmente são. Algumas famílias até aceitam o vizinho, o sobrinho, mas quando se trata do seu filho, é muito mais difícil, e ainda existem os que se preocupam com a “reputação”, em que aceitar um filho homossexual é motivo de fracasso e de vergonha na sociedade, isso ficou claro nos relatos de *Poc*, quando o seu pai descobre sua homossexualidade.

Consequências disso, muitas famílias tratam a sexualidade do filho como “doença” ou veem até mesmo como “pecado”, forçando muitos deles a procurar tratamento psicológico. Em diversos momentos nas falas dos colaboradores, apareceram diversos pensamentos que colocavam a homossexualidade como algo indesejado e repugnante por parte de seus familiares. Outros já obrigam o filho a frequentar uma igreja, tendo essa como libertadora de várias doenças.

O suporte social vindo de pessoas próximas aos jovens gays pode auxiliá-los nesse processo. A relação com alguém significativo facilitou a descoberta e autoaceitação da homossexualidade, assim como algumas amigas foram um ponto de apoio para enfrentarem momentos de aceitação das primeiras experiências homoafetivas.

Outro mecanismo que facilitou a identificação dos colaboradores dessa pesquisa foi poder contar com o exemplo e apoio de pessoas que aceitaram e revelaram a sua identidade sexual. O que abre caminho para que outras pessoas possam viver também a sua sexualidade, visto que em Barra Nova a alguns anos atrás dificilmente teria um homossexual assumindo sua identidade. Isso foi mudando nos últimos anos, principalmente com a visibilidade que temos hoje nas mídias, na *internet*, em um filme ou em uma novela, coisa que até a década passada ainda era quase impossível. Assim, se reconhecer no outro, foi importante para as construções identitárias desses indivíduos.

Portanto, o apoio familiar é necessário para que os jovens homossexuais passem por esse processo de autoaceitação com mais tranquilidade. A principal contribuição das famílias

é ser uma referência no combate e na superação do preconceito estabelecido pela sociedade, funcionando como uma instituição de proteção às hostilidades externas.

A figura do pai se mostrou mais conservadora e com maior dificuldade em aceitar a homossexualidade, isso deriva de construções históricas de patriarcado e do machismo, em que colocou o homem como o centro dos papéis familiares por um longo período. Mesmo que no decorrer dos séculos as famílias foram se modificando, tais elementos ainda são marcantes dentro do seio familiar. Já a contribuição das mães de uma forma mais geral esteve mais aberta para aceitar e apoiar o filho nesse processo tão complicado.

A religião judaica cristã se fez presente em diversos momentos das falas dos jovens homossexuais, em que desde a infância tiveram contato com discursos religiosos cristãos que demonizavam a homossexualidade, fazendo com que se sentissem mais confusos e angustiados ao se descobrirem gays.

Tendo em vista que a comunidade em que vivem exerce um papel fundamental na construção de suas identidades, foi perceptível que nos últimos anos a relação dos jovens com a população influenciou bastante no processo de revelação das suas sexualidades. Sendo que hoje as pessoas estão mais informadas e desconstruídas em relação à diversidade sexual existente. Algo que até um pouco tempo atrás, *Bicha* deixa claro que não era tão fácil assim.

Deste modo, compreendemos que a construção das identidades étnicas de *Bicha*, *Poc*, *Mona* e *Viado* não é algo definido, pronto e moldado, mas ocorre com as vivências com os outros sujeitos em suas redes de relações interpessoais, seja na família, com os amigos, na escola, na faculdade ou na comunidade em que vivem. Estas por sua vez são uma produção social. Hall (2003) enfatiza que pensar em uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma verdadeira fantasia. Pois fica claro que ela muda a partir de como os jovens homossexuais são interpelados e representados.

Esta dissertação atende aos seus objetivos específicos ao elucidar as transformações ocorridas no decorrer do tempo na família, originando diversos arranjos familiares e como esses relacionam com a homossexualidade na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que com as novas identidades que foram surgindo na sociedade pós-moderna, os jovens homossexuais a partir de suas narrativas foram capazes de explicar os mecanismos que contribuíram para a construção de suas identidades étnicas.

Isso se encontra com as análises de como os jovens homossexuais enunciam e lidam com suas identidades étnicas perpassando a autoaceitação e a “saída do armário”. Sendo homossexuais, sob o prisma da construção da identidade étnica, eles se confrontam com as

outras pessoas em um embate identitário e nas dinâmicas que se estabelecem entre os grupos e lugares, principalmente na família e em Barra Nova.

Os pressupostos de que a figura do pai tem sido um marcador que influencia diretamente nas construções das identidades desses sujeitos, porém se tornam um problema ao descobrir a homossexualidade do filho, e que os jovens homossexuais têm enfrentado situações e conflitos no reconhecimento da orientação sexual diante das famílias e da sociedade, foram confirmados.

Afinal, esses jovens homossexuais foram rotulados, endemoniados, alguns aprisionados pelos familiares, e outros pelos seus próprios medos, condenados a carregar a culpa pelos seus desejos, pela sua orientação sexual, e pelo “descontrole” e as performances de seus corpos. Corpos estes, marcados pelas suas subjetividades, pelas identidades em construção, pela formação do ser, e do sou.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ângela (1987). “Notas sobre a Família no Brasil”, In: Almeida, A.M.et al (orgs.) **Pensando a Família no Brasil**. Rio: Espaço e Tempo/UFRRJ, p. 53-66.
- ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia das Letras, v.3, 1991, p. 7-19.
- ASSIS SILVA, I. (Org.) (1996) **Corpo e sentido**. A escuta do sensível. São Paulo, Editora da UNESP.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e as Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed, Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero**: a politização das identidades abjetas. In: Revista de Estudos Feministas. Florianópolis: 20(2), p. 569-581, 2012.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- CABRAL, J. T. A sexualidade no mundo ocidental. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil – Mito, História e Etnicidade**. São Paulo: Edusp/Brasiliense, 1986.
- CHAGAS, Lunalva Fiúza. **Família Mosaico**. Integral – Escolas Inteligentes. 24 set. 2007.
- CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, A.A.Et al. **A Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

- COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- COSTA, R. P. da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994.
- COTRIM, Gilberto. **História Global – Brasil e Geral** – volume único, 8ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- CUCHE, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DA MATTA, Roberto. A Família como Valor: Considerações não Familiares sobre a Família Brasileira. In: ALMEIDA, Angela Mendes de. (org.). **Pensando a Família no Brasil. Da Colônia à Modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- DIAS, C. M. S. B., COSTA, J. M., RANGEL, V. A. Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.
- EISLER, Riane. **O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- Eskridge, W. N., Jr. **A history of same-sex marriage**. Virginia Law Review, 79(7), 1419-1513 .1993.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Global Editora, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 36ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo**. Revista Brasileira de Educação, v 25, p; 105-115, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 9ª. São Paulo: Record, 1996.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 25ª. São Paulo: José Olympio Editora, 1987.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GREEN, James N. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no século XX. São Paulo: UNESP, 2000.
- GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**. Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- GUIMARÃES, L. S. Homossexualidade na adolescência na contemporaneidade – mudanças e desafios. *O portal do psicólogo*, 2015.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. (1999) **Ensaio semiótico sobre a vergonha**. São Paulo. Humanitas – FFLCH-USP.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ª. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ISAY, Richard A. **Tornar-se Gay: o caminho da aceitação**. São Paulo: Summus, 1998.

LASSO, Pablo. Antropologia cultural e homossexualidade..., **Homossexualidade – Ciência e consciência**, p. 41-43. apud BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. Parcerias homossexuais – aspectos jurídicos. 1.ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2002.

LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIBERATI, Anna Maria; BOURBON, Fabio. **A Roma Antiga**. Grandes Civilizações do Passado. Barcelona: Ediciones Folio, 2005.

LIMA, L. C. Homossexualidade e Igreja Católica – conflito e direitos em longa duração. Em Debate, 04. **Revista do Depto. de Serviço Social**, PUC-Rio, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. cap. 1, p. 7-34.

MAYBURY-LEWIS, David. Identidade Étnica em Estados Pluriculturais. In: SCOTT, Parry & ZARUR, George (org.) **Identidade, Fragmentação e Diversidade na América Latina**. Recife: Ed. Universitária, 2003.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre (21), 150 – 182, 2009.

MISKOLCI, R. O armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e Identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, L. M. & QUEIROZ, Renato Silva (Orgs.) **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MORGAN, Lewis Henry Morgan. **Ancient Society**. Disponível em: <http://www.globalgrey.co.uk/ancient-society/idade-moderna.htm> Acesso em 03 de março de 2020.

MORGAN, Lewis Henry. **Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family**. Oosterhout: Anthropological, 1970.

MOTT, Luiz. **A construção da cidadania homossexual no Brasil**. Espaço Aberto. Jan/Fev. 2005. www.ibase.br/pubibase/media/ibasenet_dv25_espaco_aberto.pdf. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record, 2003.

MOTT, L. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? **Gênero e cidadania**. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP, p. 143-256, 2002.

MOTT, Luiz. “**Os filhos da dissidência: o pecado de sodomia e sua nefanda matéria**”. In: Revista Tempo. V 6 , n. 11 de julho, p. 189 – 204, 2001.

OLIVEIRA, Sónia Raquel Faria. **Homossexualidade**. Coimbra, Portugal. Universidade de Coimbra Faculdade de Economia, 2004.

PAIVA, M. R. Ato foi grito contra intolerância. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. C10, 26 jun. 2000.

PEREIRA, Raquel Luciana de Aquino Faria. Direitos humanos e fundamentais: a inclusão da comunidade LGBT. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 02, Vol. 05, pp. 24-37. Fevereiro de 2019.

PINTO, E. **Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PINTO, Tales dos Santos. **Idade Moderna**. Disponível em: <http://www.mundoeeducacao.com/historiageral/idade-moderna.htm> Acesso em 10 de março de 2020.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

POUTGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade – Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. São Paulo: UNESP, 1998.

POWELL, J. **Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?: insights a respeito do autoconhecimento, do crescimento pessoal e da comunicação interpessoal**. Belo Horizonte: Crescer, 1999.

PRADO Júnior, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 12ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1972.

REIS, Toni. O movimento homossexual. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.) **Homossexualidade e educação sexual**: construído o respeito à diversidade. Londrina: EDUEL. 2007.p. 101-102.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROSSIAUD, Jacques. Sexualidade. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru, Sp: Edusc; São Paulo, Sp: Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. II, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003,

SAMARA, Eni Mesquita. **A família brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAMARA, Eni Mesquita. **O Que Mudou Na Família Brasileira?: da Colônia á Atualidade**. Psicologia: USP. V.13, n. 2, 2002, pg. 27-48.

SANTOS, Jane Paim dos; BERNARDES, Nara, M. G. **Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e lésbicas**. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Revista Bagoas*, 5, 67-78, 2010.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGC, 2007.

SILVA, J.; Neto; Strey; M. Gênero e conjugalidade: encontros e desencontros na representação social da relação conjugal. In M. Stry, J. A Silva Neto, & L. Horta. **Família e Gênero** (p. 170 – 1885). Porto Alegre, Editora da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, 2007.

SÍVORI, Horacio Federico. **Locas, chongos y gays**. Sociabilidad homosexual masculina durante la década de 1990. Buenos Aires: Antropofagia, 2005.

TERTO JR., Veriano. "Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia HIV/AIDS". In. **Horizontes Antropológicos**. UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 8. N.17. Porto Alegre: PPGAS,2002.

TAQUETTE, S. R. *et al.* Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciência & Saúde Coletiva**. 10(2): 399-407, 2005.

TEXEIRA, S.M. **A família na política de assistencial social**: concepções e as tendências do trabalho social com famílias nos CRAS de Teresina. Teresina: EDUFPI, 2013.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VAN ACKER, Maria Teresa Viana. **Grécia: a vida cotidiana na cidade-Estado**. São Paulo: Atual, 1994.

VARELA, Antunes. **Direito da Família**. Lisboa: Livraria Petrony Lda, 1999.

VECCHAITTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade**. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. São Paulo: Método, 2008.

VIANA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Edições do Senado Federal. 27^a. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V.I. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“JOVENS HOMOSSEXUAIS: DO BATALHÃO SAGRADO DE TEBAS ÀS NOVAS IDENTIDADES ÉTNICAS NA CONTEMPORANEIDADE”**.

Neste estudo pretendemos compreender como as identidades étnicas foram sendo (re)construídas entre jovens homossexuais, ao revelar a homossexualidade. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é que os adolescentes que sentem atração e afetividade por outra pessoa do mesmo sexo, sentem-se inicialmente diferentes da maioria do grupo, isso porque a sociedade e as pessoas são preconceituosas com aquelas que não seguem a normatividade que a própria sociedade impõe. As famílias nem sempre estão preparadas para lidar com a situação do reconhecimento de filhos em relação à orientação sexual. Ao revelar a homossexualidade, passa a ser visto como uma pessoa diferente, chegando a imaginar situações estigmatizadoras, e conseqüentemente a perda, o apoio e o respeito dos familiares, enfrentando coerções da sociedade com toda sua gama de discriminação, preconceito e normatividade.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): entrevistas, com a utilização de um gravador, para uma melhor compreensão das mesmas; o uso de uma câmera para obtenção de imagens que possa contribuir para a pesquisa sobre sua história de vida. Diante disso, venho pedir sua autorização para divulgação de imagens (fotos) e depoimentos caso seja necessário.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, sendo estes possíveis desconfortos gerados por tocar diretamente em sua história de vida. Caberá a você a decisão de responder as perguntas ou não, No entanto, a fim de amenizá-los não iremos insistir, deixando-o livre para decidir se dará seguimento a participação na pesquisa.

Além disso, você tem assegurado o direito a compensação ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios deste estudo são para os jovens homossexuais com um maior aprofundamento a respeito da homossexualidade, e ajudar a desconstruir estereótipos acerca da temática, benefícios também no campo das

relações étnicas, objeto do mestrado, no qual se trata a compreender as (re)construções das identidades étnicas dos sujeitos envolvidos.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador(a) Responsável: LUCAS RAMOS RUAS

Endereço: PRAÇA DA FEIRA, N.º 31 – BAIRRO: BARRA NOVA – BARRA DO CHOÇA
- BA

Fone: (77) 9 9906 - 6544 / E-mail: hylks2011@hotmail.com

CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Apêndice B – Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador **LUCAS RAMOS RUAS** do projeto de pesquisa intitulado “**JOVENS HOMOSSEXUAIS: DO BATALHÃO SAGRADO DE TEBAS ÀS NOVAS IDENTIDADES ÉTNICAS NA CONTEMPORANEIDADE**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié-BA, ____ de ____ de _____.

Participante da pesquisa


Pesquisador responsável pelo projeto

Apêndice C – Roteiro para as entrevistas semiestruturadas**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**


1. Como que você se descreve? Isto é, como você diria quem é você para alguém? Conte-me sobre você, do seu cotidiano, de suas vivências.
2. Descreve como foi o processo quando você se enxergou pela primeira vez como homossexual? Foi na adolescência? Estava na escola? O que você sentiu?
3. Como foi o histórico/processo ao revelar sua homossexualidade aos seus familiares? Eles já sabiam? Desconfiavam? Mudou algo na relação de vocês? E hoje você mora com eles?
4. Conta-me, como que é ser um jovem homossexual em Barra Nova? Você já sofreu algum tipo de preconceito e discriminação? Se sim, em que espaço, como ocorreu e qual reação você teve?
5. Como você se identifica com o movimento LGBTQI+? Em Barra Nova você participa de algum grupo ou movimento social? Você acha que é necessário afirmar, se auto identificar gay? Como é sua relação com outros/as jovens homossexuais?
6. Depois de percorrer toda essa trajetória, como você se sente e se vê após a saída do armário, depois de se assumir gay perante a família, os/as amigos/as, a sociedade? O que você acha que mudou nas suas relações, no seu convívio, seja na família, com os amigos, na escola, no emprego, entre outros?

ANEXOS

Anexo A – Declaração de compromissos



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825 de 04/07/2016
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESB



DECLARAÇÃO DE COMPROMISSOS

Compromisso Geral

Declaro que conheço e que:

- Cumprirei os requisitos da Resolução CNS Nº 466/2012 e da Resolução 510/2016 (nas pesquisas de ciências humanas e sociais) e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não.
- Concordo em conduzir a pesquisa de acordo com o protocolo de pesquisa, com as Boas Práticas Clínicas e com as Boas Práticas de Laboratório.
- Concordo em conduzir e supervisionar a pesquisa clínica pessoalmente.
- Concordo em informar o patrocinador do estudo, o Comitê de Ética em Pesquisa e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária sobre os eventos adversos graves que venham a ocorrer durante o desenvolvimento da pesquisa.
- Concordo em somente iniciar a coleta de dados após obter as aprovações necessárias ou cabíveis do CEP-UESB.
- Comprometo-me, no caso de submissão de Projeto de Relato de Caso, mesmo a coleta de dados já tendo iniciada, em divulgar os dados coletados somente após a aprovação do CEP/UESB.
- Concordo que orientando e orientador devem estar devidamente cadastrados na Plataforma Brasil.

Compromissos de Financiamento e Orçamentação

Declaro que conheço e que:

- Não deve haver pagamento ao participante da pesquisa para sua participação; e que se admite apenas o ressarcimento de despesas relacionadas à participação no estudo, se necessário, por exemplo, despesas com transporte e alimentação.
- Nenhum exame ou procedimento realizado em função da pesquisa pode ser cobrado do paciente ou do agente pagador de sua assistência, devendo o patrocinador da pesquisa cobrir tais despesas.
- O duplo pagamento pelos procedimentos não pode ocorrer, especialmente envolvendo gasto público não autorizado (pelo SUS).
- A Instituição deve ter conhecimento da pesquisa e de suas repercussões orçamentárias.
- O pagamento do pesquisador nunca pode ser de tal monta que o induza a alterar a relação risco/benefício para os participantes da pesquisa.
- A remuneração do pesquisador deve constar como item específico de despesa no orçamento da pesquisa.

Compromisso de Indenização

Declaro conhecer o fato de que esta pesquisa irá garantir a indenização dos participantes da pesquisa (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa ou dela decorrente. Declaro ainda, que jamais será



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825 de 04/07/2016
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESB



exigido dos participantes da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano.

Compromisso Metodológico

Declaro que conheço e que:

- Toda a pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. As pesquisas serão admissíveis quando o risco se justifique pelo benefício esperado. (Resolução CNS Nº 466/2012 – V. 1.a).
- Se o projeto de pesquisa for inadequado do ponto de vista metodológico, ele é inútil e, portanto, eticamente inaceitável - o arquivo contendo a íntegra do projeto de pesquisa deve também conter metodologia e lista de referência bibliográfica adequada, suficiente e atualizada. Declaro ainda que os critérios de inclusão e exclusão do estudo serão claramente delineados no projeto em tela.

Compromisso de Documentação


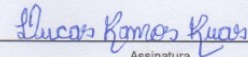
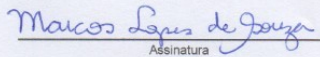
Declaro que entregarei, ao CEP/UESB, relatórios da pesquisa (parciais – no mínimo semestrais – e de encerramento) e notificações de eventos adversos sérios e imprevistos no andamento do estudo. É responsabilidade do pesquisador acompanhar todos os trâmites de seu projeto na Plataforma Brasil, independentemente de qualquer mensagem enviada pelo sistema.

Jequié-BA, 07 de novembro, de 2019.

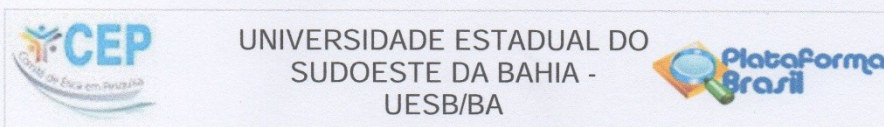
Naide Patrícia A. G. Guaporó
 Assinatura do Pesquisador Responsável
 mat 72366 276-3

Lucas Romar Ruiz
 Assinatura do Orientando

Anexo B – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: JOVENS HOMOSSEXUAIS: DO BATALHÃO SAGRADO DE TEBAS ÀS NOVAS IDENTIDADES ÉTNICAS NA CONTEMPORANEIDADE			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 4			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7, Ciências Humanas, Interdisciplinar			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: LUCAS RAMOS RUAS			
6. CPF: 032.231.465-80		7. Endereço (Rua, n.º): Praça da Feira Barra Nova Casa BARRA DO CHOCA BAHIA 45120000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 77999066544	10. Outro Telefone:
		11. Email: hylks2011@hotmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 07, 11, 2019		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB		13. CNPJ: 13.069.489/0001-08	14. Unidade/Órgão: PPGREG
15. Telefone: (73) 3525-6683		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: MARCOS LOPES DE SOUZA		CPF: 261.152.248-02	
Cargo/Função: COORDENADOR DO PPGREG			
Data: 07, 11, 2019		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL		Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza Coordenador PPGREG Matrícula 72.421.389-2 UESB / CDEERE	
Não se aplica.			

Anexo C – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JOVENS HOMOSSEXUAIS: DO BATALHÃO SAGRADO DE TEBAS ÀS NOVAS IDENTIDADES ÉTNICAS NA CONTEMPORANEIDADE

Pesquisador: LUCAS RAMOS RUAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25829119.9.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.735.203

Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores "Com o passar do tempo, das culturas, novas identidades foram sendo construídas e reconstruídas, assim surgiram novas formas de ser e viver, porém nem toda a sociedade estava ou está preparada para con(viver) com as diferenças. Nesse sentido, a homossexualidade foi sendo problematizada, tentando quebrar com os estereótipos e com um discurso biológico que durante séculos foi utilizado e reforçado para compreender a mesma, porém a herança disso tudo é as práticas de violências e de ódio a todos aqueles que não seguem a normatividade que se impôs na sexualidade. Assim, surgiu a inquietação de pesquisar os jovens homossexuais do nosso tempo, visto as múltiplas pluralidades de identidades existentes atualmente, assim, surge o questionamento, "como são (re)construídas as identidades étnicas dos jovens homossexuais?", buscando a compreensão através de suas trajetórias, vivências e convivências nas famílias, na sociedade, nas suas relações étnicas. A metodologia será a partir da História Oral, com o auxílio da entrevista semiestruturada para a obtenção dos dados, que será analisado através do viés fenomenológico"

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como são (re)construídas as identidades étnicas dos jovens homossexuais ao revelar a homossexualidade.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 3.735.203

Objetivo Secundário:

1. Elucidar a história da família no processo histórico social do modelo greco romano até a contemporaneidade;
2. Identificar os velhos e novos arranjos familiares e suas atuais acepções;
3. Analisar a história da homossexualidade entre os jovens;
4. Compreender como são (re)construídas as identidades étnicas dos jovens homossexuais;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo apresenta risco mínimo, sendo estes possíveis desconfortos gerados por tocar diretamente em sua história de vida. Caberá a você a decisão de responder as perguntas ou não, No entanto, a fim de ameniza-los não iremos insistir, deixando-o livre para decidir se dará seguimento a participação na pesquisa.

Benefícios:

Os benefícios deste estudo são para os jovens homossexuais com um maior aprofundamento a respeito da homossexualidade, e ajudar a quebrar os tabus acerca da temática, benefícios também no campo das relações étnicas, objeto do mestrado, no qual se trata a compreender as (re)construções das identidades étnicas dos participantes envolvidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação de Relações étnicas e Contemporaneidade - PPGREC/ODEERE/Jequié, na Linha de pesquisa II: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual, orientado pela Dra. Maria de Fátima A. Di Gregório com apenas 4 participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados corretamente:

- Folha de rosto : Ok.
- Projeto detalhado: Ok.
- Cronograma: Ok.
- Declaração de compromisso: Ok.
- Roteiro para entrevista semiestruturada: Ok.
- Informações Básicas: Ok.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIÉ
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 3.735.203

- Termo para autorização de uso de imagem e Depoimento: Ok.
- TCLE: Ok.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião de 28.11.2019, a plenária do CEP/UESB aprova o parecer do relator.

Lembramos que ao final da pesquisa, deve-se enviar o Relatório final através de Notificação, onde o pesquisador deve apresentar os resultados da pesquisa, retorno social aos participantes e/ou publicação de seus resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1461483.pdf	13/11/2019 23:13:26		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPDF.pdf	13/11/2019 23:10:47	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP.pdf	08/11/2019 15:56:05	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito
Outros	Roteiro_para_entrevista_semiestruturada.pdf	08/11/2019 15:32:33	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_comp.pdf	08/11/2019 15:26:00	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PDF.pdf	08/11/2019 15:22:48	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERmo_para_uso_imagem_depoinmentos.pdf	08/11/2019 15:22:24	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	08/11/2019 00:06:10	LUCAS RAMOS RUAS	Aceito

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 3.735.203

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 29 de Novembro de 2019

Assinado por:

Douglas Leonardo Gomes Filho
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n

Bairro: Jequiezinho

CEP: 45.206-510

UF: BA

Município: JEQUIE

Telefone: (73)3528-9727

Fax: (73)3525-6683

E-mail: cepjq@uesb.edu.br